

Material Pedagógico

1ª versão da Escrita
do caderno

Alfabetizar é libertar
(1991)

0031

DOC ~~00~~26

23/10/91 Em reunião

CADERNO 1

ALFABETIZAR É LIBERTAR

- I - Apresentação do Projeto como um todo.
- II - Guia de Estudos - Fundamentos do Ensino à distância.
- III - História da alfabetização no Brasil
 - Estado e Sociedade Civil;
 - Desafio atual;
 - Experiências desenvolvidas e em desenvolvimento.

HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL (1500 a 1991)

Antes de iniciar a aprendizagem de como coordenar um círculo de cultura é necessário que você conheça um pouquinho sobre as origens do analfabetismo no Brasil bem como as suas implicações políticas nas diversas tentativas de se fazer programas e campanhas de alfabetização em massa no país. É necessário verificar como alguns desses fatores contribuíram muito na consciência da população analfabeta existente hoje no Brasil. Portanto, esta história não se trata apenas de um simples relato ou curiosidades sobre o analfabetismo, mas sim um ponto de reflexão e crítica sobre as diversas formas que se teve até hoje de expulsar o analfabeto da escola.

O primeiro período que se pode registrar na educação brasileira é o período que vai desde o ano de 1534 a 1549, que é o período de instalação das capitanias hereditárias. Nesse período, com a vinda dos donatários e seus escravos, não houve preocupação com a educação escolarizada porque não havia ainda necessidade dela. Não há notícias de escolas nem de educadores neste período.

Já o período de 1549 a 1790 é caracterizado pela chegada dos jesuítas ao país. Nesse período, a preocupação pela educação surgiu como o meio capaz de tornar a população dócil e submissa, atendendo à política colonizadora portuguesa, determinada, como já foi dito, pelo Regimento do rei D. João III. Tomé de Souza traz consigo quatro padres e dois irmãos jesuítas liderados por padre Manuel da Nóbrega, elementos imprescindíveis a inculcação ideológica. x

Docilizando a população nativa e os filhos dos colonos através da domesticação, da repressão cultural e religiosa, os jesuítas serviram à empresa exploradora lusa com a visão maniqueísta do mundo. Domestizando através das interdições, sobretudo as (do corpo) superestimaram o incesto, o canibalismo, a nudez. //? Injetaram comportamentos de submissão, obediência, hierarquia, disciplina, devoção cristã, imitação e exemplo. Serviram-se, para isso das práticas do batismo, confissão, admoestação particular ou pública do púlpito, casamento, missas, comunhão, confirmação, pregações, procissões, rezas, jejuns, flagelações, teatralizações e ensino de vida ascética e de pobreza ascitosa como viviam eles, os jesuítas. A permanência dos jesuítas no Brasil se deu basicamente por motivos políticos e econômicos. ?NO ano de 1727, o tupi, chamado de língua basílica, foi proibido de ser falado no Brasil, por proclamação do governo português, datada de 1727. Os jesuítas foram expulsos do país em 1759, sendo todos os seus bens confiscados. x?

Enfim, até a metade do século XIX, a sociedade se caracterizava por uma estrutura social que não podia privilegiar a educação escolarizada, estendendo conteúdos alienados e de concepção elitista, com sistema desfacelado de "aulas avulsas", fecundada pela ideologia da interdição do corpo, que excluía da escola o negro, o índio e quase totalidade das mulheres (sociedade patriarcal), gerou um grande contingente de

x A sua lição Freire - alvarás + pto - interpretações
analfabetismo + como resultado de...

analfabetos. Isto porque uma sociedade dual (senhor e escravo) de economia agrícola exportadora dependente (economia colonial) não necessitava de educação primária, daí o descaso por ela. Precisava, tão somente, organizar e manter a instrução superior para uma elite que se encarregaria da **burocracia** do Estado, com o fim de perpetuar seus interesses e cujo diploma referendava a posição social, política e econômica a quem o possuía e a seus grupos de iguais. Garantiam-se, através da educação, as **relações sociais de produção** e, portanto o modo de produção escravista e o analfabetismo.

Com o Decreto no 7031A, de 6 de setembro de 1878, ficam criados cursos noturnos para adultos analfabetos nas escolas públicas de instituição primária, de 1º grau de sexo masculino, no município da corte, decretado pelo ministro e secretário dos negócios do Império, Carlos Leôncio de Carvalho, dentro das preocupações dos **liberais** ilustrados.

Estes cursos funcionavam à noite com duas horas de aula no verão de outubro a março, e três horas no inverno, de abril a setembro, abertos à clientela masculina adulta, maiores de 14 anos. Tinham normas disciplinares explícitas, com um esquema rigoroso de punições e recompensas onde se deveria lecionar as mesmas matérias das escolas públicas de 1º grau diurnas eximindo católicos de frequentarem e prestarem exames de instrução religiosa.

O que impressiona, numa análise desta legislação, dentro de preocupações liberais, elaboradas por um homem público, tipicamente liberal, é a preocupação em impor dificuldades em lugar de facilitar que diz querer atingir a alfabetização...

As dificuldades apontadas estariam também no pequeno período de aulas diárias (2 ou 3 horas) e na obtenção, pelo aluno da nota de aproveitamento: as **sabatinas** que, além de repetir a matéria da semana, dariam um atestado de progresso; quatro semanas seguidas com este conceito proporcionariam uma nota de merecimento; três destes conceitos (no mínimo 12 semanas de bom rendimento escolar) dariam direito a ocupar o banco de honra; os alunos que ocupassem esse banco durante seis meses teriam seus nomes escritos no quadro de honra. Tudo isso se não houvesse falta às sabatinas, por que a falta num sábado acarretaria quatro faltas e nulificação do atestado de progresso. O máximo de faltas que o aluno poderia ter durante o ano era 40.

Ainda mais, no fim do ano letivo, certamente o fim do curso haveria um exame com banca presidida pelo delegado, mais o professor e outra pessoa indicada pelo inspetor geral. Neste, verificar-se-ia o rendimento do aluno perguntando-lhe sobre toda a matéria lecionada no ano constando de prova escrita com apenas meia hora de duração (ponto sorteado pelo melhor aluno da turma) feita em recinto fechado sob a vigilância dos examinadores favoráveis e reprovado, quando obtivesse a totalidade ou maior número de votos desfavoráveis.

Quando fosse reprovado por unanimidade de votos, haveria segundo julgamento, se novamente conseguisse a totalidade dos votos, seria aprovado plenamente, o que obtivesse 1 ou mais votos desfavoráveis nesta segunda fase seria aprovado simplesmente. O aprovado plenamente iria a terceiro julgamento e se aí obtivesse a totalidade dos votos favoráveis receberia a

nota de aprovado com distinção.

Não terminava por aí a gincana de obstáculos para derrubar os adultos analfabetos: no julgamento dos exames, seriam levadas em conta, além das provas orais e escritas, as notas de aplicação e comportamento que o professor apresentava à comissão julgadora.

Evidentemente, havia prêmios, livros e outros objetos úteis aos alunos constantes ao quadro de honra e aprovados com distinção. Os alunos que obtivessem aprovação plena nesses cursos tinham preferência de empregos em repartições e estabelecimentos públicos.

Aí se torna presente a associação entre saber e ascensão social. Direitos a quem sabe para distanciar de quem não sabe, maneira camuflada do discurso liberal, que entretanto dava continuidade à interdição do corpo.

Podemos afirmar diante da análise do Decreto 7031A, que o discurso de igualdade do liberalismo não colocava ainda como ponto de honra a extinção da escravidão e da "ignorância" dos cidadãos...

Ao terminar o império, a educação, como um todo, permanecia mais a nível de discurso do que de sua efetivação e sistematização.

O projeto de lei para reformar o ensino primário no Brasil, apresentado por Rui Barbosa à Câmara dos Deputados em 12 de setembro de 1882, juntamente e calcado no seu parecer sobre a matéria, jamais foi discutido, muito menos implantado, apesar de seu cunho "realista", isto é, dentro do liberalismo ilustrado, "desejado" por grande parte da população de então.

O Brasil-Império cresceu economicamente, teve relativa tranquilidade política, mas a educação popular continuou estacionária, determinando o crescimento do analfabetismo.

Estava estabelecida a "res-pública", mas o povo ficava fora das decisões políticas e do acesso aos bens culturais, para isso, permaneciam inibindo negros e índios. Quanto à mulher, apenas com aparência menos reacionária, entretanto, ainda interditando-a de ser mais. Dessa forma, a maior parte da população teria que ser analfabeta.

A legislação escolar do início do período de 1850 a 1930 estava presa ao pensamento "católico conservador" coerente com o regime Estado-Igreja e com o modo de produção escravista, que teve, desde seu início, na colônia o beneplácito da Igreja.

Posteriormente, os ilustrados, acreditando que a educação era, entre todas as forças, a primeira capaz de invocar a sociedade para o caminho da liberdade, ensaiaram uma legislação escolar dentro das "idéias novas" do século.

Um dos grupos que emergia mais clara e firmemente na década de 20, a burguesia industrial e os "novos políticos", interessava-se pela educação popular, mas, evidentemente, com objetivos que resguardassem seus interesses: alfabetizar as camadas subalternas, sobretudo o operariado, segundo suas doutrinas, podendo assim, ter mão de obra qualificada e a possibilidade de desestabilizar, através de eleições diretas e secretas, com poder absoluto da oligarquia cafeeira. Fato este, aliás consumado em 1930, mas pela cooperação e não pela divisão destas facções dominantes.

Desta forma este grupo dirigia a educação para os interesses "nacionalistas" e "industrialistas".

Na verdade, dentro da linha ideológica capaz de recuperar o poder político para si com todos os privilégios decorrentes.

A chamada Liga Brasileira Contra o Analfabetismo estava, evidentemente, a serviço deste grupo.

O grupo tradicional, aristocracia agrária e os velhos políticos, guardava, o mais possível, os valores e os modos de vida que lhe garantiam, já secularmente, os "direitos" e privilégios. Negavam coerentemente, as mudanças também na escola tanto o escola-novismo como a educação popular. Incentivavam os cursos superiores destinados a seus filhos.

O proletariado, organizando-se, mas perseguido e massacrado, acabou vencido, e extenuado, enquanto classe social em si, sem possibilidade de ter propostas educacionais concretas eficientes, capaz de tirá-lo da condição de dominado.

O primário estava a cargo dos Estados, desde 1834, que não tinham condições de efetivá-lo. Em alguns Estados, flutuando ao sabor das doutrinas da Escola Nova, após 1920, que não conseguia transformá-lo, substantivamente, e, portanto, sem possibilidades de alfabetizar os "cidadãos" da **res-pública**.

Em suma, relacionando-se os problemas políticos e econômicos e a concepção elitista, ideologicamente determinada pelas classes dominantes, com a estrutura e funcionamento escolar brasileiro deste período, é possível compreender a impossibilidade, dentro destes limites rígidos, de se superar o problema do analfabetismo.

A "despeocupação" pela educação, nos seus aspectos quantitativos e qualitativos, é a consequência deste construir histórico que traz em seu bojo, além do desprezo pelas camadas populares, a interdição de muitos ao conhecimento e, portanto, os perpetua na "incompetência", na "ignorância", nas "trevas", no "suicídio", na "praga negra", no "cancro", no "obscurantismo" e na "vergonha" da "chaga" do analfabetismo.

* Bibliografia- Analfabetismo no Brasil- Ana Maria Araújo Freire. Impresso em 1989 pela Cortez Editora. INEP.

DADOS ESTATÍSTICOS DO PERÍODO**

Ano	Taxa de Analfabetos acima de 15 anos	Nº de analfabetos
1900	65%	6.348.869
1920	65%	11.401.715
Taxa de analfabetos computando o total da população		
1890	85%	
1900	75%	
1920	75%	

** Dados dos primeiros censos demográficos realizados no Brasil-

* Na história da educação brasileira, o final da primeira República constitui, neste século, um dos dos mais importantes períodos, que se pode resumir numa luta nacionalista contra o analfabetismo, substituído na década de 1920 pela luta em favor do ensino primário integral. Durante a guerra, surge uma mobilização nacional contra o analfabetismo e contra a desnacionalização das escolas no sul, etc., fomentada por políticos desejosos de recompor o poder através da ampliação das bases eleitorais.

O período de 1946 a 1958 é considerado o período das campanhas, que corre do 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos, em 1947 até o 2º Congresso Nacional de Educação de Adultos, em 1958.

Na euforia democrática lançada pelo pelo 1º Congresso, cria-se a Campanha da Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA).

A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, lançada em 1947 em todos os municípios brasileiros, estabeleceu classes de ensino supletivo, em horários vespertino e noturno, para analfabetos a partir de 14 anos, sem limite superior de idade. Instalaram-se, de início, 10 mil dessas classes, chegando-se a um número das mesmas 6 vezes maior do que o já existente. O movimento foi lançado como uma campanha a ser desenvolvida em proporções crescente. No ano de 1951, o número de classes (unidade de ensino) ascendeu a 16827, mantendo depois até 1959, média anual superior a 12 mil classes.

Até o ano anterior ao lançamento da Campanha, a matrícula das escolas noturnas atingia cerca de 160 mil alunos. Este contingente com a campanha veio a se expandir subitamente, pois, em 1948 a matrícula registrou mais de 700 mil. Até 1959, a média anual de adolescente e adultos foi superior a 600 alunos. Com isso, fica comprovado o decisivo influxo da campanha na baixa do Índice de analfabetismo registrado entre os censos demográficos de 1950 e 1960 (de 50,4% a 39,4%). Esses resultados alimentaram a euforia dos responsáveis que não se cansavam de conclamar, em discursos e revistas oficiais, o sucesso da inscrição de 5,2 milhões de alunos novos em 12 anos de Campanha, com uma quota de 51% de aprovação em relação à matrícula geral. As ilusões acabaram com a extinção da campanha em 1963: porém, as "experiências" continuaram.

Ainda no período de atuação desta Campanha, o próprio Ministério de Educação lançou outras campanhas e iniciativas de âmbito nacional. Em 1952, foi a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), destinada parcialmente à alfabetização, e que coseguiu bons resultados sob o aspecto de orientação social, embora atuando numa área limitada por falta de recursos. Em 1957 foi inaugurado o Sistema de Radio-Educação Nacional (SIRENA), que não deu uma contribuição satisfatória por deficiência de planejamento e de objetivos específicos definidos.

Em 1959, depois de outras experiências surgiu uma Campanha Nacional de Erradicação do analfabetismo (CNEA), com o objetivo de ampliar a rede de educação primária em municípios piloto, como base para um plano de educação orientada ao

desenvolvimento sócio-econômico: resultados escassos, com um certo prejuízo geral, dificultando a CNEA na sua atuação. Chegou-se ao ponto de existirem, sob influência direta do MEC, até 10 instituições descoordenadas com o próprio programa de educação de adultos.

O período de 1958 a 1964 é caracterizado como o período dos movimentos, onde o crescimento da qualidade do conteúdo da educação de adultos entre a CEAA e a CNER se traduz, também, na estrutura de trabalho e, normalmente, passa-se da fórmula "campanha" a uma atuação por "movimento", cujo aparecimento coincide com maior liberalização de idéias e um compromisso maior dos governos.

Nasceu, em 1960, o Movimento de Cultura Popular no Recife (MCP); em 1961 nasce o Centro de Cultura Popular da UNE, seguidos de muitos outros entre 62 e 64.

Em 1963 surge o Movimento de Educação de Base (MEB) que veio definindo a educação como processo de integração do homem na cultura, visa formar o próprio homem para uma realização pessoal no meio e com o meio ambiente. A alfabetização é apenas parte do programa.

Durante esse período ocorreram diversas experiências de educação popular envolvendo o movimento popular em todo o país, utilizando uma outra forma de alfabetizar diferente daquela utilizada pela escola tradicional. Isto levou o Ministro da Educação do Governo João Goulart em 1963 a chamar o educador Paulo Freire a coordenar o Programa de alfabetização desenvolvido pelo Ministério da Educação. As experiências deste programa apresentaram resultados satisfatório em todos os níveis, principalmente experiências do Distrito Federal com a metodologia de Paulo Freire em 1963.

Em 1964, com a tomada do poder político pelos militares, suprimida a participação das massas, cessam os movimentos de educação de base. Só a partir de 1966, por pressão internacional da UNESCO, há a retomada da educação de adultos, para, a partir de 1968, ampliar-se novamente a educação das massas, já com outra natureza.

Em 1966, o governo, através do MEC, estabelece o Plano Complementar, ligado ao Plano Nacional de Educação.

A Cruzada Ação Básica Cristã, que era um movimento de caráter filantrópico, tem por objetivo alfabetizar e integrar o indivíduo em seu meio, tendo presentes as aspirações da comunidade e as exigências do desenvolvimento. Os recursos dessa campanha eram provenientes da USAID (Estados Unidos) e do Ministério da Fazenda e Planejamento da época.

O Plano Complementar e a Cruzada Ação Básica Cristã enquadram-se no que se poderia chamar de "realismo em educação" cujo caráter é a formação de técnicos especializados, que não chega a ser executado. A Cruzada Ação Básica Cristã foi extinta em 1971.

Todo o período que marca o movimento de 64 vem contrabalançado por duas tendências em educação: de um lado predomina a tentativa de estender o ensino elementar a toda população; de outro, as preocupações técnicas oscilam conforme o grupo militarista que assume o poder político.

Um dos períodos mais férteis de tais oscilações foi o

ano de 1968. Isto porque predominavam no governo tendências a um certo nacionalismo, e preconizavam-se aberturas democráticas.

Em decorrência de tais tendências e antes da sucessão governamental, realizou-se em 1967 um Seminário intitulado "Educação e Desenvolvimento". Neste seminário constatou-se que os grupos técnicos em educação defendiam dois pontos de vista, que consideraram o humanista e o tecnocrático.

O ponto de vista humanista carregava os ideais em educação anteriores a 64, influenciados pelo pensamento cristão (esquerda católica) em que a educação deveria vir antes, como elemento propiciador de atitudes necessárias ao desenvolvimento.

Já o ponto de vista tecnocrático via a mudança de mentalidade como posterior ao desenvolvimento sócio-econômico. Enfatiza o caráter educativo do próprio desenvolvimento, traçando diretrizes do planejamento educativo e áreas prioritárias de ação. Segundo eles, as mudanças estruturais eram aquelas que estavam sendo operadas pelo governo da "revolução".

As conclusões do Seminário primam em favor do planejamento educacional visando a educação como uma ação erradicadora das tensões que se estenderia em todas as áreas que sofressem intensiva tecnificação, e outras em que ocorressem um desenvolvimento integrado.

Daqueles movimentos existentes antes de 1964 somente o MEB existia, mas completamente restaurado em sua metodologia e orientação e voltado mais especificamente para a Região Norte.

Em meados de 1970 foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Tratava-se, portanto de uma iniciativa governamental para a erradicação do analfabetismo no país, aproveitando-se de um dos maiores recursos já investidos em educação no país.

Com relação às suas características, o MOBRAL pretendia ser conscientizador, mas sem o propósito de uma politização prematura, e representaria completa rejeição à metodologia de Paulo Freire. Também, através do material didático levaria ao incentivo do esforço individual, ao estímulo e adaptação a padrões modernos da nova sociedade de consumo e correspondia a uma nova orientação para o ensino extensivo.

Os riscos de tal instrumentalização da educação foram considerados, na própria estimulação de conquistas individuais, no bloqueio de mobilização social, na falta de abertura de um processo e, portanto, na impossibilidade de manifestações das massas, tornadas apáticas pelo esquema propagandístico montado e pelo controle nos locais de trabalho e órgãos de classe, e pelo total estrangulamento de movimentos críticos ao sistema.

O planejamento educacional atinge um nível operacional em que o Estado determina as tendências ideológicas dos novos técnicos em educação.

Em décadas mais recentes têm sido atribuído a alfabetização uma perspectiva instrumental, associada à crença de que usos mais práticos para a alfabetização precisavam ser enfatizados. Esta perspectiva instrumental da alfabetização está resumida no conceito de **alfabetização funcional. Este termo foi cunhado pelo Exército dos Estados Unidos durante a II Guerra Mundial para indicar a capacidade de entender as instruções

escritas necessárias para conduzir ações e tarefas militares básicas... correspondendo ao nível de leitura do quinto ano.

Contudo, foi só depois da **Conferência Internacional de Educação de Adultos da UNESCO**, em 1949, que a perspectiva da alfabetização como um meio de dar às pessoas "a capacidade de se tornarem independentes e de se educarem a si mesmas". isto é, uma perspectiva instrumental, ganhou contornos mais claros. Em 1962, uma proposta da UNESCO definiu uma pessoa alfabetizada como alguém que

"adquiriu conhecimento e habilidades essenciais que lhe permitem engajar-se em todas aquelas atividades que re-
querem da alfabetização para um efetivo funcionamento do seu grupo e comunidade e cujo domínio da leitura, da escrita e da aritmética permite-lhe continuar a usar estas habilidades para o seu próprio e para o desenvolvimento."

Estes conceitos da UNESCO têm sido a base de muitos programas de alfabetização em diversos países, nos anos subsequentes, enquanto que o conceito original de alfabetização funcional passou a ser visto como um conjunto de habilidades a serem ensinadas na escola. Atualmente estas habilidades podem ser vistas como o reflexo de uma pedagogia desenvolvida principalmente nos últimos quarenta ou cinquenta anos, que correspondem ao período em que a expectativa de universalização da alfabetização se tornou mais forte.

Contudo, uma mudança mais ampla nos debates sobre o conceito de alfabetização aconteceu na Conferência Mundial de Ministros da Educação para a Erradicação do Analfabetismo, em 1965, em Teerã. Lá a perspectiva instrumental ficou mais claramente associada com a melhoria de padrões de vida, produtividade econômica, participação na vida civil, e com uma melhor compreensão do mundo, como o Relatório Final da Conferência mostra. Os resultados desta Conferência levaram no ano seguinte ao programa Experimental Mundial de Alfabetização, cujo objetivo primordial era "testar e demonstrar os retornos econômicos e sociais da alfabetização".

Desde então este e outros conceitos de alfabetização que reforçam seu aspecto funcional tem sido amplamente aceitos em virtude de sua aparente neutralidade e ambiguidade e de sua formulação. Inúmeras variantes têm sido criadas, mas desenvolvidas a partir do conceito funcional de, e, de um modo ou de outro tentando refletir as perspectivas neutras, utilitárias ou instrumentais, perspectivas que separam cultura e alfabetização.

Uma década depois da Conferência Mundial de Ministro da Educação em 1975, no **Simpósio Internacional de Alfabetização**, a posição neutra daquele conceito foi contestada, por duas razões principais. Primeiro houve o reconhecimento do fracasso das campanhas desenvolvidas na década anterior e, segundo, o trabalho desenvolvido neste período por Paulo Freire e outros contestou o "pensamento convencional".

No caso brasileiro, a influência destas perspectivas instrumentais separando cultura e alfabetização no conceito de alfabetização pode ser detectada, em mais de uma situação. Uma primeira são as formulações do Movimento Brasileiro de

Alfabetização (MOBRAL). A orientação do MOBRAL era diretamente derivada do conceito funcional, onde cultura e alfabetização eram separadas e onde alfabetização era definida como "um processo de aquisição de habilidades ou capacitação para o trabalho".

Apesar das declarações do Ministro da Educação da época, Jarbas Passarinho, que dizia que no MOBRAL os alunos não aprendiam a escrever apenas o próprio nome e sim de formar novos homens, os quinze anos de duração do MOBRAL se caracterizou exclusivamente por falhas e por uma profunda decepção dos alunos que ingressavam nesta instituição para serem alfabetizados. O MOBRAL, contrariando todas as suas expectativas iniciais, acabou contribuindo ainda mais para o crescimento do analfabetismo no país. Serviu de cabo eleitoral para a eleição de muitos políticos da época. O MOBRAL foi extinto em 1986 pelo então Governo Sarney.

Com a extinção do MOBRAL, foi criada a Fundação Educar, que era a responsável pela erradicação do analfabetismo no Governo Sarney.

A Fundação Educar veio a apoiar diversas entidades do movimento popular que realizavam trabalhos de educação popular e alfabetização em todo o país. Um dos projetos apoiados pela Fundação Educar foi o projeto da Baixada Fluminense no Rio de Janeiro, que lhe concebeu um prêmio da UNESCO pelo documentário sobre o trabalho de alfabetização desenvolvido naquela região.

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, de acordo com o artigo 60 das Disposições Gerais e Transitórias, o Governo Federal e toda sociedade civil se encarregariam de juntar esforços para erradicar o analfabetismo no país em 10 anos.

A Fundação Educar era a principal responsável pela execução desta tarefa, levando-a juntamente com o MEC a convocar a convocar uma comissão de diversas pessoas que trabalhassem com alfabetização para que discutissem o Ano Internacional da Alfabetização, que, no caso, seria o ano seguinte, 1990. Tal comissão foi batizada de Comissão Nacional para o Ano Internacional da Alfabetização (CNAIA) e tinha como participantes diversos intelectuais da educação, entre eles Paulo Freire.

Com a extinção da Fundação Educar pelo novo Governo, em 1990, acaba também a Comissão.

Em pleno Ano Internacional da Alfabetização, são realizados em todo país diversos debates, encontros, congressos e Seminários por entidades não governamentais no sentido discutir e apresentar propostas para a erradicação do analfabetismo no Brasil. Uma dessas discussões foi a do I Congresso Brasileiro de alfabetização realizado em setembro na cidade de São Paulo e promovido pelo Grupo de Estudo e Trabalhos em Alfabetização do Estado de São Paulo (GETA). Esse Congresso teve como principais resoluções, entre outras, combater o preconceito em relação ao analfabeto, reconstruindo o conceito de alfabetização bem como garantir a participação conjunta de governo e sociedade civil na definição princípios e diretrizes da política nacional de alfabetização.

Nesse mesmo ano o Governo Collor lança o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania que pretendia reduzir em 70% o número de analfabetos no país nos 5 anos seguinte. Ao lançar este programa o governo cria também a Comissão do Programa

Nacional de Alfabetização e Cidadania, composta de diversas organizações e "personalidades de notório conhecimento em programas de alfabetização".

Oito meses depois do lançamento do Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania verificou-se uma completa desvinculação do Programa com a Comissão criada por ele, pois vários recursos eram liberados a diversas instituições e empresas que muitas vezes não tinham nenhuma preocupação na área de alfabetização. Estes e outros fatos ocasionaram a ameaça de demissão da Comissão e protestos de diversas entidades de movimentos populares e sindicais. Nesse período de oito meses os interesses políticos levaram o governo à criação de diversos programas que não beneficiavam diretamente a população analfabeta.

Enfim, o que caracteriza esse programa é a sua grande divulgação junto aos meios de comunicação e a seu caráter demagógico...

OS CENSOS DEMOGRÁFICOS E A REALIDADE

Em todos os censos demográficos realizados, o IBGE tem definido as pessoas alfabetizadas de duas maneiras diferentes. São considerados alfabetizados aqueles que "são capazes de ler e escrever uma mensagem em qualquer língua" e aqueles que conseguiram aprender a ler e escrever, mas esqueceram, e analfabetos são definidos como aquelas pessoas que só são capazes de escrever o próprio nome.

Tais definições não demonstram claramente a verdadeira situação do analfabetismo no país, além de negar todo um conceito de indivíduo realmente alfabetizado.

Existem diversos fatores que influem nas pesquisas sobre o número de analfabetos, como a própria vergonha de muitos em dizer que são analfabetos.

Mesmo assim, o percentual de analfabetos por habitante no Brasil tem sido, nos últimos anos, um dos maiores do mundo como demonstra os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

DADOS ESTATÍSTICOS DE 1940 ATÉ O ÚLTIMO CENSO DEMOGRÁFICO

Ano	Taxa de analfabetos acima de 15 anos	Nº de analfabetos
1940	56,1%	13.269.381
1950	50,6%	15.272.632
1960	39,7%	15.964.852
1970	33,8%	18.143.977
1980	26,0%	19.330.254

Bibliografia

* Caderno do CEAS No 33- Uma contribuição à história da Educação brasileira de Roberto Etave e Roseli Dias, Páginas 62 a 67. 1974.

Caderno do CEAS No 19, junho de 1972. Analfabetismo e Processo. Pierre Furter e Aníbal Buitrón. páginas 20 a 26.

** Teoria e Educação - Fevereiro de 1990. Os processos sociais na construção da alfabetização - Elizabeth de Almeida Puchalski Novo.

CADERNO 2

EDUCAR É DESCOBRIR

I - Proposta Metodológica:

- Fundamentos de quando, onde e como começar.

II - Etapa 1 - Alfabetização.

2.1. - O que é o Círculo de Cultura?

- Alfabetizando: Quem é? Onde vive? Como vive?
- Coordenador: Quem é? Onde vive? Como vive?
- Observador: Quem é? Onde vive? Como vive?
- Comunidade como um todo.

2.2. - Como fazer o círculo?

A) - Levantamento do Universo Vocabular:

- 1 - Pesquisa;
- 2 - Seleção das palavras geradoras;
- 3 - Etimologia.

EXEMPLOS : Zona urbana -

Zona rural - São Miguel do Araguaia-TO

B) - Organização e Montagem do Círculo:

- 1 - Contato mais direto com os alfabetizandos e seus familiares;
- 2 - Definição do local e horário do círculo;
- 3 - Confecção do material (cartazes e outros).

C) - Abertura do Círculo:

- 1 - PRIMEIRO DIA - Teste de acuidade visual e apresentação da metodologia;
- 2 - SEGUNDO DIA - Introdução da primeira palavra;
- 3 - TERCEIRO DIA - Introdução da segunda palavra;
- 4 - Dinâmica prevista para o restante da Etapa I: Aspectos importantes que precisam estar presentes nas discussões das palavras geradoras;
 - . Uso do dicionário e pesquisa fora do círculo;
 - . Surgimento das primeiras frases;
 - . Avaliação diária do desempenho de todos no círculo

III - Texto complementar de Português: Ortografia
Acentuação
Pontuação

IV - Glossário.

CÍRCULO DE CULTURA

Alfabetizar é, além de aprender a ler e escrever, compreender a realidade que se está lendo ou escrevendo. Dentro de uma visão geral do mundo, o alfabetizado deverá ter sua opinião própria sobre os fatos e acontecimentos que o cercam, sem ficar dependente da avaliação de outras pessoas. Este conceito vem se diferenciando do que se convencionou pensar sobre alfabetização, como processo mecânico de decodificação da leitura e escrita.

É dentro desta proposta que cabe o conceito de CÍRCULO DE CULTURA, como sendo um encontro entre culturas (alfabetizando/coordenador/observadores), onde cada uma tem sua experiência para trocar e enriquecer-se com a experiência do outro. É uma dinâmica que recupera o princípio básico da convivência em grupos, respeitando as diferenças quanto à escolaridade, idade, sexo, cor, religião ou qualquer que seja o motivo, e assumindo as diferenças como fato positivo de troca entre sujeitos que têm sua própria consciência.

Para que isto ocorra o coordenador deverá propiciar esta troca, sem estabelecer a relação que hoje se verifica na sala de aula tradicional, onde o professor é uma autoridade que detém o saber, enquanto o alfabetizando é aquele que nada tem a contribuir. Isto não é reconhecimento das diferenças, mas imposição de um sobre o outro. Esse tipo de relação não deve acontecer no que chamamos de círculo de cultura.

É um círculo, exatamente porque assim deverão estar dispostas as cadeiras e carteiras, para que um alfabetizando possa olhar para o outro, estabelecer um diálogo em que todos são sujeitos, facilitando a comunicação entre as pessoas que se olham e trocam suas experiências. É um círculo de cultura porque o exercício de entrar no mundo do outro e apresentar aos outros seu mundo recupera muito da nossa cultura perdida, revela o que pode ser desconhecido para alguns e proporciona uma nova visão de leitura do mundo, tornando o alfabetizando confiante de que ele também faz cultura, de que ele também é cultura. Como pode ser percebido, o círculo de cultura é mais que uma sala de aula tradicional, onde há o lugar de destaque do professor e de onde ele passa a ditar as normas para a aprendizagem dos alunos que ficam um olhando as costas ou a nuca do outro. Este é um fator fundamental para que o círculo funcione.

A proposta de alfabetizar em círculo de cultura pretende estender as discussões ali realizadas para o círculo maior de convivência das pessoas, ou seja, a comunidade onde vivem os alfabetizando, coordenador e observadores, para garantir a concretização das propostas apresentadas pelo grupo quando levantam as possíveis soluções para seus problemas cotidianos.

QUEM SÃO OS ALFABETIZANDOS?

As pessoas não alfabetizadas são, geralmente, trabalhadores que não tiveram a oportunidade de frequentar a

escola quando crianças. Uns, porque onde moravam não havia escolas, outros precisavam trabalhar para ajudar os pais; as mulheres, na maioria, não estudaram porque os pais diziam que mulher não precisava estudar, pois só ia aprender para escrever bilhetes para os namorados; e para corresponder ao seu papel de mulher na sociedade não precisava aprender a ler nem escrever. Representam, hoje, no país, cerca de 32.800.000 pessoas. (VER FONTE de Sérgio Hadad)

São as pessoas excluídas e empurradas, geralmente, para periferias das cidades ou em terras arrendadas na roça, em função do seu baixo poder aquisitivo. Trabalham como lavradores, bóias frias, serventes, empregadas domésticas, donas de casa, lavadeiras, diaristas, garis, enfim, ingressam em ocupações que não lhe exigem nenhum grau de escolaridade. E vivem à margem da sociedade tentando, pelo menos, garantir a seus filhos a possibilidade de estudar que eles não tiveram.

Quanto a um levantamento nacional do número de analfabetos e onde se encontram, os dados além de insuficientes, são mascarados, pois atendem a interesses políticos dos órgãos que os divulgam. Outra dificuldade enfrentada pelos coordenadores de círculos, quando vão identificar os analfabetos é o fato deles se esconderem. A vergonha que muitos sentem ao assumir que não sabem ler, os levam a camuflar das formas mais variadas possíveis suas deficiências a este respeito. Foi toda uma imagem depreciativa e perjorativa do analfabeto, criada ao longo dos anos da história do nosso país e mantida principalmente pelos Meios de Comunicação Social, que contribuiu para que estes assumissem uma posição de auto defesa.

É inegável a força destas pessoas na luta pela sobrevivência, o fato de viverem em uma sociedade letrada exige deles a busca constante de alternativas para identificar o ônibus que deverão pegar, o banheiro público que podem usar, um endereço em lugares estranhos, o candidato em quem votar etc. E, não sem dificuldades, eles tem conseguido se virar:

(Ilustrações da folha de SP)

Partindo desta realidade, imposta pelo sistema em que vivemos, encontramos um analfabeto discrente consigo mesmo. Não acreditando que é capaz de fazer qualquer coisa além daquilo que já vem fazendo. O conceito de que ele é capaz de aprender a ler, escrever e pensar é, a princípio, ignorado. É como se já estivesse esgotada toda possibilidade de aquisição de coisas novas e, mesmo aquilo que ele sabe não tivesse qualquer valor. É a velha história de que "papagaio velho não aprende a falar".

O grande desafio que o alfabetizando encontra, então, no círculo de cultura, é uma oportunidade do reencontro consigo mesmo. Com aquilo que está adormecido já há muitos anos, que é a sua plena capacidade de ver e rever o mundo, reinventando-o a cada momento, superando seus medos e abrindo um espaço para outras pessoas entrarem em sua vida, através da troca de experiência. É o tornar-se sujeito da história. Esta mudança não ocorre como num passe de mágica, mas se trata de um processo. Só uma ação coletiva é capaz de ajudá-lo a chegar a isto, revertendo todo o processo de descaracterização da pessoa humana.

QUEM SÃO OS COORDENADORES E OBSERVADORES?

Os coordenadores e observadores de círculo de cultura são, em geral, pessoas que se preocupam e atuam pela resolução dos problemas sociais, políticos e econômicos de nosso país, através de sindicatos, associações, partidos etc, percebendo, dentro deste contexto, um espaço a mais para intervir nesta realidade, através da alfabetização. São jovens e adultos que após o segundo grau, ou até mesmo antes, percebem que podem contribuir com aqueles que não tiveram oportunidade de estudar, pelo descaso com que se trata a alfabetização, a educação em geral, neste país.

Nossa experiência tem demonstrado que, os que optam por este trabalho, estão em geral, mais próximos da realidade dos alfabetizando e comprometidos com esta realidade. Moram na comunidade em que realizam o círculo de cultura e trabalham também por lá, se isto é possível.

Como não poderia deixar de ser, o coordenador desde o início de sua atuação no círculo de cultura e mesmo antes passa a fazer uma profunda revisão em seus conceitos e preconceitos, sua formação se dá na prática, seguida de uma auto-avaliação constante e não assume a postura de professor. Professor, aqui entendido, como o detentor de um conhecimento a ser transmitido para o aluno. Ele atua como animador do círculo, propiciando ao grupo situações de diálogo e confronto das idéias apresentadas. A princípio, ele parece ser a figura principal, mas a partir do momento em que o diálogo se estabelece no círculo, cada um que fala merece tanta atenção quanto o coordenador, isto descentraliza a discussão, recuperando a comunicação no seu sentido real.

É uma postura completamente diferente do que se vê hoje nas escolas, portanto, o coordenador deve se preparar para trabalhar no círculo de cultura. Aprender com os alfabetizando e passar-lhes suas experiências, propiciando-lhes os momentos de descoberta e descobrindo também com eles.

(COLOCAR DEPOIMENTO DE GRAÇA E JANE)

Lembramos ainda que a palavra coordenador pode ser tida sob duas interpretações: ORDENAR COM e

ORDENAR COR (sendo cor aqui a representação da palavra coração, ou seja, aquele que ordena com o coração)

?(ACRESCENTAR GRÁFICO DAS INTERAÇÕES NO CÍRCULO)
E FLUXOGRAMA

A observação direta no círculo de cultura é a metodologia adequada para formar o educador que queremos. É o observador que subsidia o coordenador durante a avaliação de todo o processo do círculo. Neste curso, especificamente, estamos sugerindo que o trabalho seja feito em duplas, exatamente para que os papéis de coordenador e observador possam ser alternados.

O observador, num círculo de cultura, é um agente importante para o bom andamento dos trabalhos. Isto, porque ele acompanha a tudo e a todos, procurando avaliar tanto os alfabetizando, quanto o coordenador. Sua atuação não é passiva,

à medida em que anota as informações sobre a participação nos debates, leitura dos cartazes, correção de palavras, também dá sua contribuição, suas opiniões durante o círculo.

As anotações feitas pelo observador, no decorrer das atividades, são de fundamental importância, pois são elas que servirão de instrumento para que ocorra a avaliação, daí porque tais anotações devem ser bem feitas, ou seja, relatarem os fatos tais como eles acontecem, sem a preocupação de fazer a interpretação ou julgamento neste momento. A discussão é um momento posterior que ocorrerá entre coordenador e observadores.

O observador, geralmente, é aquele que está aí para aprender junto com o coordenador. Daí a importância dele anotar em sua observação qualquer dúvida que surgir acerca do assunto desenvolvido em uma atividade. Ele também pode atuar diretamente no círculo, ajudando os alfabetizando quando estes sentem dificuldades na leitura das fichas; na formação de palavras, etc, dando um acompanhamento mais individual.

Neste momento, é importante observarmos a atuação de um coordenador e dos observadores através do vídeo I, anotando as funções de cada um e como estão desempenhando seus papéis, conforme roteiro abaixo:

(VIDEO I)

Agora que você já passou pelo exercício de observação vamos lhe indicar mais alguns papéis do coordenador e do observador, para você confrontar com o roteiro preenchido.

São atividades do coordenador de círculo de cultura:

a) Dinamizar o debate inicial. Sendo um dos momentos importantes do Círculo de Cultura, é necessário que haja sempre o incentivo à participação de todos os alfabetizadores. É no debate que surgem as opiniões de cada alfabetizando. É no debate que vão surgir as diferentes maneiras de ver o conhecimento, conceitos e preconceitos de cada um. É importante que o coordenador esteja aberto à discussão e procure valorizar as opiniões de todos. Observe o gráfico abaixo, para verificarmos o papel do coordenador no debate da palavra geradora:

b) Coordenar a leitura dos cartazes de descoberta, estando atento para as dificuldades apresentadas por cada alfabetizando.

c) Coordenar a correção das palavras e frases, tendo em vista ser este um momento delicado do trabalho do círculo. O alfabetizando se mostra, muitas vezes, ansioso, com medo de errar e cabe ao coordenador ter o cuidado de não reforçar a idéia de que ele é incapaz de aprender, nem mesmo conduzir a correção, não permitindo ao alfabetizando descobrir, a seu tempo, as respostas. Este é um momento muito importante do círculo, pois é aqui que ocorre a descoberta ou o alfabetizando pode partir para o processo de adivinhação. Isto depende de como for coordenado este momento.

d) Orientar e acompanhar os observadores em seu processo de formação.

Dentro de todas estas atribuições dos coordenadores de círculos de cultura, uma é imprescindível: a disponibilidade de aprender com tudo e com todos. No processo da alfabetização libertária, descobre-se que não é apenas alfabetizar que liberta, mas conviver num círculo é um contante convite a mudança, para todos os envolvidos nele.

São atividades do observador no círculo de cultura:

a) Junto com o coordenador, encontrar momentos de reuniões periódicas de avaliação e estudo, o que contribui no processo auto-formação.

b) Contactar alfabetizando para a formação dos novos círculos;

c) Ter todas as observações anotadas, para que possam ser utilizadas nas reuniões de avaliação;

d) Auxiliar o coordenador na confecção dos materiais para o círculo.

COMUNIDADE ONDE SE REALIZARÁ O CÍRCULO DE CULTURA

Em geral, os círculos de cultura acontecem próximo ao local de moradia ou de trabalho dos alfabetizando, portanto, não há distância entre a realidade destes e a da comunidade. Apesar disto, vamos encontrar pessoas que não tem conhecimento do que acontece à sua volta, principalmente, porque vivemos num sistema que quer garantir o isolamento, o individualismo de todo o povo.

O contato com a comunidade já se dá desde o levantamento do universo vocabular, quando você vai divulgar a formação do círculo de cultura, em igrejas, associações comunitárias, clubes de mães, rádio; ou quando você entra em contato direto com o trabalhador na empresa ou no sindicato etc. O coordenador e o observador engajado nas lutas locais, não terão dificuldades para este contato.

Um círculo de cultura não depende somente dos alfabetizando, coordenador e observadores, mas é fundamental a participação direta de toda comunidade onde ele está sendo realizado. Esta integração é que garantirá a realização de um trabalho a partir da realidade do grupo envolvido.

Neste sentido é fundamental que o coordenador e os observadores, principalmente, sejam pessoas conscientes e comprometidas com as lutas da comunidade local. Pois só assim, poderão esclarecer dúvidas próprias e dos alfabetizando diante de problemas levantados nos debates. Para isto é importante buscar as informações sobre a história local, sua fundação, o povo que lhe deu origem, o significado de seu nome, sua história política, quais os problemas atuais que enfrenta etc., e juntos procurarem uma solução para estes problemas levantados.

O contato com associações, centros de saúde, clubes de mães, igrejas, sindicatos e outros, poderá proporcionar ao círculo de cultura um conhecimento mais amplo do papel que cada uma destas instituições tem, e mesmo, o que cada uma deveria estar

realizando pela comunidade como um todo. Partindo deste conhecimento, o alfabetizando pode passar a ser agente de transformação neste meio, pois ele não irá apenas para avaliar, mas também, para propor formas de encaminhar a solução dos problemas evidenciados pelo grupo.

É um momento rico no círculo, quando o grupo consegue sair apenas das discussões e encontra, ou cria, seu espaço lá fora para a luta concreta pela melhoria das condições de vida de todos. Isto, tanto coordenadores e observadores, como alfabetizando. Podemos citar como exemplo, no caso dos coordenadores e observadores, a criação de entidades como o Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia (CEPAFRE) e o Centro Popular de Educação e Cultura do Gama (CPEC), pelos jovens que atuam em alfabetização com a metodologia aqui apresentada, nascem de uma organização mais efetiva da luta pela erradicação do analfabetismo e estapola para outras lutas no Distrito Federal. No caso dos alfabetizando, encontramos alguns que após terminada a fase da alfabetização se organizam para exigir do Estado a continuidade no supletivo, outros, sendo de sindicato, passam então a se interessar mais pelas lutas de sua categoria, pelas reivindicações, pela leitura dos boletins e jornais.

Esta mudança nas vidas das pessoas que estão envolvidas nos círculos de cultura, pode ser bem entendida a partir também do gráfico das interações, onde coordenadores, observadores e alfabetizando vão em busca de outros espaços para continuar seu processo de aprendizagem. Isto pode ocorrer após o círculo de cultura, um tempo depois, ou não acontecer, vai depender da inquietude que cada um sentirá durante ou após o processo.

COMO FAZER UM CÍRCULO DE CULTURA

I - Levantamento do Universo Vocabular:

1) Pesquisa:

A pesquisa do universo vocabular se dá no contato do coordenador com a comunidade que deve ser feito de forma íntima, prazerosa e, sobretudo, amigável, eliminando, assim a utilização de um roteiro pré-estabelecido de perguntas. A pesquisa é feita em todos os lugares onde o povo está: bares, campo de futebol, escolas, Igrejas, associações, trabalho, mercados. Todas as pessoas são ouvidas, não só os adultos, mas também as crianças. Este levantamento pode ser feito também a partir da escuta dos diálogos que, comumente, ocorrem em paradas de ônibus, filas de hospital, festas locais, etc. Em alguns momentos, o pesquisador, poderá estabelecer um diálogo informal com as pessoas nestes locais de maior aglomeração, sem se preocupar em escrever o que for dito no mesmo momento, isto causa inibição e constrangimento. Em outros, nem se faz necessária a intervenção do pesquisador no diálogo, mas ele apenas observa e anota as discussões que possam estar acontecendo entre pessoas.

Caso você seja da própria comunidade, este trabalho se torna ainda mais fácil de ser aplicado, pois já conhece o modo de viver, de agir e os costumes dessas pessoas, facilitando assim o bom relacionamento entre ambos, tanto na hora do levantamento do

universo vocabular, como no próprio círculo de cultura. Mas, cuidado para não se enganar com as palavras que você está levantando; elas devem ser realmente do alfabetizando e não suas. Se você sentir necessidade, faça uma releitura das palavras levantadas antes de iniciar a seleção.

2) Seleção das palavras geradoras:

Após o levantamento do universo de mais ou menos 150 palavras do vocabulário da comunidade que será alfabetizada, passamos para a seleção destas palavras, utilizando os seguintes critérios:

(ACRESCENTAR O DESENHO DA PENEIRA)

- Possibilidade figurativa;
- Problemática existencial;
- Dificuldades fonêmicas.

a) Possibilidade Figurativa:

A primeira seleção que é feita com as palavras levantadas é a verificação daquelas que podem ser representadas figurativamente, ou seja, através de uma gravura ou do objeto concreto. É importante ressaltar ao coordenador que esta representação deverá ser o mais real possível, por exemplo, no caso do levantamento feito em São Miguel do Araguaia, Tocantins, uma das palavras selecionadas foi rede, portanto, no círculo de cultura, quando for trabalhada a palavra rede este objeto será levado para que todos observem e discutam sobre a realidade que o envolve.

Outro detalhe que precisamos observar é que palavras importantes como: governo, política, saúde, doença, amizade, luta etc. não são fáceis de serem representadas, por isso procuraremos abordar a realidade que cada uma delas trás, em outras palavras similares ou que abrem o espaço para estes questionamentos.

b) Problemática Existencial:

As palavras levantadas passam pela primeira seleção sendo revisadas, observando sua abrangência no que se refere à representação de problemas econômicos, políticos, ideológicos, saúde, habitação, família, lazer e transporte.

É necessário que a palavra geradora tenha um significado na realidade em que será discutida, seja de interesse do grupo de alfabetizando e possa despertar no grupo a possibilidade de dar sua opinião sobre o tema, ouvir a opinião dos demais ou, até mesmo, alguns reconhecerem que nunca pensaram em tal problema. Isto não é uma prática da sociedade em que vivemos, pois a maioria das notícias que ouvimos no rádio ou na televisão, já vêm prontas, não temos espaço para questioná-las e acabamos por engolir-las. O círculo é que representa um espaço para uma reflexão coletiva da realidade.

Mas, é importante verificar que para uma palavra representar uma problemática existencial é preciso observar o grupo que será alfabetizado. Por exemplo: A palavra CADEIRA, para uma dona de

casa, não representa muita discussão no círculo. Já, para um marceneiro, ela abrange toda uma realidade, ligada a questões econômicas, de sobrevivência, no seu dia-a-dia. Enquanto que, a palavra COMIDA, gera uma discussão que é comum a todos os alfabetizando. Outros exemplos vemos nas palavras CAPACETE, utilizada especificamente nos círculos de cultura da construção civil e BABAÇU, utilizada, na zona rural de Tocantins.

c) Dificuldades Fonêmicas:

A seleção final das palavras é feita com base nas dificuldades fonêmicas da língua portuguesa, ou seja, procura-se escolher as palavras que representam todos os sons emitidos na língua, evitando a repetição de um ou mais sons, por várias palavras. Estes sons vem representados pelas seguintes letras: B, C (forte) e C(brando), D, F, GU, G(forte) e G(brando), J, L, M, N, P, QU, R(forte) e R(brando), RR, S(forte) e S(brando), SS, T, V, X, Z, CH, LH, NH,

Terminada a seleção do universo vocabular, ainda é preciso ordenar as palavras selecionadas para serem utilizadas no círculo. Isto é feito seguindo, basicamente, dois cuidados:

— As primeiras palavras deverão apresentar dificuldades fonêmicas mais brandas, ou seja, sem entrar nas complexidades dos SS, RR, C, TR, CH, LH, NH, QU, GU. Por exemplo, podemos citar a primeira palavra utilizada em Ceilândia-DF: LOTE; no Gama-DF: POVO; em São Miguel-TO: REDE.

— Os fonemas iguais na escrita, mas diferentes na pronúncia e vice-versa, não deverão ficar próximos uns dos outros. Por exemplo: a palavra CHUVA é a 4a, enquanto FAXINA é a 15a, no levantamento do Gama-DF; ...

3) Etimologia das palavras geradoras:

ETIMOLOGIA significa a origem de uma palavra. O estudo da origem das palavras surgiu a partir das dificuldades de se compreender a ortografia de algumas, nos círculos de cultura. Um dos exemplos desta situação é a palavra RELIGIÃO, que os alfabetizando de Ceilândia-DF perguntaram porque era com G e não com J. No dicionário etimológico está que religião vem de RELIGARE, por isso se usa G e não J.

Foi a partir desta experiência, que os coordenadores de Ceilândia passaram a procurar a origem das palavras, no Dicionário Etimológico, como uma das fontes de pesquisa.

Vejamos alguns exemplos de etimologias ...

EXEMPLO DO LEVANTAMENTO DO UNIVERSO VOCABULAR GAMA/DF

...

EXEMPLO DO LEVANTAMENTO DO UNIVERSO VOCABULAR SÃO MIGUEL DO ARAGUAIA- TO

Esta pesquisa do universo vocabular se deu através da Irmã Hilda Weismuller, religiosa que trabalhava em São Miguel com a comunidade rural e conheceu a experiência de alfabetização com

o método Paulo Freire através de um encontro de jovens da Pastoral da Juventude, em Goiânia, onde jovens do DF contaram o trabalho que vinham fazendo na cidade satélite do Gama.

1o PASSO - Pesquisa do universo vocabular em São Miguel do Araguaia-TO, zona rural, em 1990. Foram pesquisadas 206 palavras: terra, roça, lavrador, trabalho, trabalhador, posseiro, posse da terra, planta, roçar, capinar, capim, mato, arroz, feijão, abóbora, legume, mandioca, macaxeira, fubá, farinha de macaxeira, casa de farinha, inverno, verão, chuva, seca, colheita, frutas, banana, laranja, mamão, enxada, foice, fome, carístia, babaçu, palmeira, jumento, carrega, família, mulher, quebradeira de côco, dona de casa, mãe, lavradora, azeite de côco, carvão, fogão, panela, pote, pilão, pilar arroz, comida, merenda, filhos, crianças, doença, necessidade, preocupação, dinheiro, casa de taipa, palha, machado, rede, horta, saúde, remédio, leite de côco, vacina, Imperatriz, Sete Barracas, São Francisco, sindicato, comunidade, companheiros, reunião, união, compromisso, conflito, conflito de terra, luta, mutirão, povoado, povo, popular, participação, direitos, justiça, medo, violência, organizar, organização, conquistar a terra, discutir, eleição, votar, garimpo, garimpeiro, escola, estudar, festa, rádio, religião, bíblia, lavoura, terra bruta, terra mansa, brocar, tocar fogo, represa, represa de água, cerca, beirar a cerca, reforma agrária, assentamentos, assentados, beira do rio, gruta, brejo, quebrar milho, apanhar arroz, sol quente, solão, prepara chuva, sereno, esteira, serenando, facão, cavador, canteiro alto, cupu, bacaba, maxixe, melancia, buriti, cacau, pimentão, taturubá, bacuri, carambola, tamarina, quiabo, maracujá, peroba, jaca, malinar, dar um parecer, em riba, bocado de anos, combinar, discutir, demonstrar, mostrar, proposta, descrição, voltar pra trás, pessoa chegada, mandar embora, ligeiro, dar assistência, caçar dinheiro, pinho, um rapaz, galinha, pato, quintal, sementes, vasilhas, campo, encabulado, educação, vida, alimento, direitos, fartura, resistência, liderança, atividade, experiência, apoio, fé, celebração, vizinhos, bicicleta.

2o PASSO - Seleção das palavras geradoras\;

a) Aplicação do critério de possibilidade figurativa. Total 59 palavras:

lavrador, trabalho, plantar, capinar, capim, arroz, feijão, abóbora, mandioca, macaxeira, puba, farinha de macaxeira, chuva, seca, banana, laranja, mamão, enxada, foice, babaçu, família, quebradeira de côco, mãe, azeite de côco, carvão, filão, machado, rede, horta, vacina, Sete Barracas, São Francisco, comida, mutirão, eleição, garimpo, escola, festa, rádio, bíblia, esteira, facão, cavador, canteiro alto, cupu, babaçu, bacaba, maxixe, melancia, buriti, quiabo, barro, poço, pinho, galinha, vizinho, bicicleta, sindicato.

b) Aplicação do critério de problemática existencial. Total 40 palavras:

banana, trabalho, lavrador, macaxeira, capim, arroz, feijão, farinha, chuva, colheita, enxada, babaçu, jumento, família, quintal, fogão, panela, casa de taipa, rede, vacina, imperatriz,

São Francisco, Sete Barracas, reunião, mutirão, violência, eleição, escola, rádio, bíblia, azeite, cerca, esteira, barro, poço, dinheiro, bicicleta, água, garimpo, sindicato.

c) Aplicação do critério de dificuldades fonéticas. Total de 22 palavras:

rede, vacina, casa, chuva, escola, babaçu, arroz, jumento, família, lavrador, água, macaxeira, religião, dinheiro, garimpo, azeite, trabalho, eleição, rádio, quintal, posseiro e sindicato.

II - Organização e Montagem dos Círculos:

1 - Contato mais direto com os alfabetizando e seus familiares:

O entrosamento é fundamental para que o círculo de cultura funcione, uma das formas de promover este entrosamento é através de visitas aos alfabetizando, às igrejas que frequentam, a clubes ou associações das quais fazem parte. O objetivo deste contato mais próximo com o alfabetizando e sua família, não é somente o de conhecer cada um dentro de sua realidade, mas também o de desmitualizar a figura do coordenador e dos observadores.

Para alguns ainda permanecem aquela imagem de que os "professores" são superiores a eles. Por isso se faz um desafio no círculo de cultura que é o de reconhecer as diferenças de experiências e tipos de saber, sem manter ou reforçar o conceito de uns são melhores ou maiores que os outros.

2 - Definição do Local, Dias e Horário:

Como todo o processo de montagem do círculo de cultura, também a definição de local e horário depende de um consenso entre todos os integrantes do círculo. É importante que não se priorize somente a vontade de uns, mas que todos possam apresentar seus motivos para estarem ali. Só assim poderemos garantir que todos fiquem satisfeitos com as decisões tomadas enquanto grupo, o que levará então todos a se comprometerem. Por isso tem-se optado por abrir os círculos o mais próximo possível da casa dos alfabetizando, seja em igrejas, salões comunitários, escolas, no local de trabalho ou outros locais que ofereçam as mínimas condições de funcionamento do círculo, ou seja, boa iluminação, quadro-giz, cadeiras e carteiras, boa ventilação etc.

Quanto aos dias de círculo, tem-se optado por três dias alternados na semana, isto porque, sabendo das dificuldades do jovem e adulto trabalhador, percebe-se que é impossível esperar que ele participe do círculo todos os dias e ainda tenha tempo de fazer as pesquisas fora do círculo, a leitura da ficha e a formação das palavras para serem levadas no próximo encontro. Como este processo depende da participação do alfabetizando como agente de sua alfabetização, é imprescindível que lhe sejam dadas as condições para estudar por conta própria, até mesmo, desmistificando aquela idéia de que aprender tem a ver com ficar em sala de aula, ou ouvir o professor, somente. É necessário que haja tempo para o trabalho individual de cada um, para depois no

círculo, acontecer o trabalho coletivo para aprendizagem.

Um círculo funciona, em média, duas horas por dia, dando um total de seis horas semanais. Também tem sido o tempo adequado para o trabalho ao qual nos propomos, não sendo cansativo para o alfabetizando, que em geral trabalha.

3 - Confeccção do material:

Em 1963, quando se espalhou, por boa parte do país, a experiência de alfabetização de adultos com o método Paulo Freire o material básico era um projetor de slides, slides e uma bateria. Com isto o alfabetizador representava as palavras geradoras e coordenava o círculo de cultura. Era um material estratégico para a época. Pouco se sabia sobre televisão e por isso a projeção era uma grande novidade para todos. Mas, temos que considerar que não era o fato de ter uma projeção que levava o alfabetizando ao círculo e sim seu interesse em aprender, apesar de muito se ter feito para isto não ser considerado.

Em nosso trabalho obtivamos por utilizar cartazes, onde vêm juntas a figura que representa a realidade existencial e a palavra geradora. Isto porque não há como justificar a necessidade de todo trabalho e gasto com slides e projetores, numa época em que a televisão já invadiu todas as casas, porém se o grupo optar por este material, tendo recursos, nada o impede. A opção pelo cartaz contendo figura e palavra, ou pelo slides com a gravura e a palavra, faz parte do processo do círculo de cultura onde os alfabetizando trabalharão num primeiro momento o desdobramento da figura, com a discussão da realidade que a envolve, e, num segundo momento, o desdobramento da palavra geradora com as fichas da palavra e a ficha das famílias fonêmicas.

a) Cartazes:

Cada círculo de cultura utiliza cinco cartazes para o estudo da palavra geradora. Sendo que estas palavras passaram pela seleção do universo vocabular pesquisado, elas deverão portanto, corresponder ao critério de possibilidade figurativa, o que garantirá a confecção do primeiro cartaz:

1º cartaz - Representação da situação existencial:

(ESPAÇO PARA O 1º CARTAZ)

Representa a situação existencial através de um desenho, seguido da palavra geradora escrita bastão maiúscula. O desenho deve ser o mais próximo do real possível, deverá ser figurativo, quase como um retrato, ou seja, aquilo que vai retratar a realidade que será discutida, pois é através dele que o coordenador iniciará o debate no círculo, lançando algumas perguntas sobre a situação vista e vivida por eles dia-a-dia.?

Mas, não há apenas a figura no cartaz. Há também a palavra que será trabalhada naquele círculo. Ela deve estar de tal forma colocada que possa haver uma integração entre figura e palavra. É a soma das duas linguagens: a escrita (palavra na língua portuguesa, por ser a nossa língua) e a figurativa.

Para a escrita da palavra utilizamos a letra em bastão, forma ou imprensa, primeiro, porque ela é de fácil traçado, ou seja, o alfabetizando não precisa se preocupar em decifrar letras

desenhadas ou arredondar sua letra, ou como eles mesmos dizem: "escrever de carreirinha", mesmo porque neste momento da alfabetização não deve ser esta a maior preocupação. Segundo, porque é a letra mais utilizada em placas, itinerários de Ônibus, cartazes, jornais, revistas etc, com os quais o alfabetizando tem contato no seu dia-a-dia.

Ainda quanto à escrita, um cuidado que se deve ter é quanto ao espaçamento entre as letras e ao seu tamanho.

OBSERVE O ENCARTE COM TODOS OS MODELOS DE LETRAS

2o cartaz - (OU FICHA)

COMIDA

Representa a palavra geradora, agora sem o acompanhamento do desenho. Este cartaz, como todos os demais, é usado para a leitura individual e coletiva no círculo.

3o cartaz -

CO MI DA

Após a leitura da palavra geradora, identifica-se quantas partes ou pedaços formam esta palavra, por isso este cartaz trás os pedaços da palavra afastados um do outro.

4o cartaz -

CO - MI - DA

Identificados quantos pedaços possui a palavra geradora, é necessário que o alfabetizando reconheça estes pedaços separadamente. Neste cartaz, portanto, temos os pedaços da palavra geradora separados.

5o cartaz -

CA	CO	CU
MA	ME	MI
DA	DE	DI
	DO	DU

É o cartaz que conterá as famílias fonêmicas dos pedaços da palavra geradora a ser estudada.

Ao confeccionar este cartaz, deve-se notar que cada vogal está embaixo de outra vogal com o mesmo som (vogal A da sílaba DA embaixo das vogais das sílabas CA e MA), e que as consoantes estão alinhadas da mesma forma. Podemos observar que na vertical permanece a vogal e muda a consoante, enquanto na horizontal, permanece a consoante e muda a vogal.

Este jogo de 5 (cinco) cartazes deverá ser confeccionado para cada palavra geradora a ser utilizada no círculo de cultura. As letras devem ser de um tamanho que facilite aos alfabetizandos visualizarem o que está escrito. Sugerimos que você utilize o encarte com as letras como modelo para fazer seus cartazes.

CUIDADOS QUE DEVEMOS TER AO CONFECCIONAR OS CARTAZES

1 - Quanto ao tipo de desenho:

Vejamos alguns exemplos de cartazes que pretendem representar a situação existencial, porém não apresentam uma interpretação correta da realidade:

(colocar o cartaz de COMIDA)

Na introdução da palavra COMIDA, nos círculos de cultura do Gama-DF, os alfabetizandos interpretaram o desenho como sendo um "disco voador"! Veja como é necessário ter um desenho mais claro.

(colocar o cartaz de ESCOLA)

Neste cartaz de ESCOLA, o problema está também na interpretação do desenho, na mensagem que ele transmite, como se a escola fosse uma professora e um aluno, nada mais. É como se para aprender dependesse da professora estar sob o aluno lhe dizendo o que fazer e por onde ir.

2 - Quanto ao desenhista:

Outro problema que constatamos é quanto à interpretação do desenhista à palavra que lhe pedimos para representar. Se este também não tiver conhecimento do processo de alfabetização num círculo, nem muito menos, conhecer a comunidade que será alfabetizada, poderá dar ao desenho sua visão de mundo e não a que precisamos representar. Por isso é necessário que o coordenador e os observadores acompanhem a elaboração dos cartazes, se eles próprios não conseguirem fazê-los.

b) Ficha de Descoberta:

Além dos cartazes, você e seus observadores, deverão preparar as "fichas de descoberta" para os alfabetizandos levarem para casa e continuarem o processo de alfabetização, mesmo fora do círculo. Esta ficha é uma reprodução do 5o cartaz, ou seja, as famílias dos pedaços da palavra geradora. Como material de estudo dos alfabetizandos, as fichas devem ser muito valorizadas, pois é um importante instrumento de trabalho, que poderá auxiliá-lo a descobrir palavras novas e já conhecidas.

c) Outros Materiais:

Num círculo de cultura, os cartazes são os elementos básicos, porém muitos outros recursos podem ser utilizados, dependendo da criatividade do grupo. Um exemplo disto já foi dado, quanto à representação da palavra comida. E muitos outros poderiam ser citados como: apresentar objetos concretos quando corresponder diretamente à realidade; utilizar fotografias ou filmes (quando possível).

Um outro grande recurso que podemos utilizar é o

dicionário, nele serão tiradas as dúvidas quanto à escrita das palavras que os alfabetizando trazem de casa ou fazem no momento do círculo. Este auxílio não se limita apenas a correções ortográficas, mas também no que se refere ao significado das palavras geradoras.

Materiais, também, como jornais e revistas podem ser utilizados no círculo de cultura, para coleta de palavras ou pedaços conhecidos.

III - Funcionamento do Círculo de Cultura:

PRIMEIRO DIA

O início do círculo de cultura, como em geral todo início de aulas nas escolas, gera uma expectativa no alfabetizando, no coordenador e nos observadores com relação ao que acontecerá no primeiro dia. Em muitos casos temos alfabetizando que acham que devem voltar para casa, no primeiro dia, já com o caderno cheio de escritos; outros temem, desde o início, se vão ou não escrever e ler logo no início. É natural esta reação, tendo em vista o conceito mágico de aprendizagem que nossa sociedade prega. Mas, é nosso compromisso clarear estas angústias do primeiro dia, fazendo dele um dia diferente. Um momento de conhecimento, entrosamento e esclarecimento sobre o trabalho que será realizado no círculo, durante os quatro meses. Por isso sugerimos que o primeiro dia seja reservado, então para três atividades: teste de acuidade visual; ficha de matrícula e apresentação da metodologia do círculo de cultura.

1 - Teste de acuidade visual:

É importante ressaltar que esta questão visual pode ser vital para o funcionamento do círculo de cultura. Em muitos casos, o alfabetizando chega a dizer "eu não estou aprendendo nada", sendo que isto muitas vezes tem relação com deficiência visual.

Este teste tem por objetivo identificar a possibilidade de dificuldades visuais que, provavelmente alguns alfabetizando têm e que poderão prejudicar seus estudos. Trata-se de um teste simples que o coordenador mesmo poderá fazer, basta ter em suas mãos o cartaz do teste de acuidade visual, um tapa olho e um "garfo" (que representará a letra E desenhada no cartaz) feitos de cartolina (VER ANEXO).

Para iniciar o teste, o cartaz é afixado na parede e o alfabetizando senta-se à distância de mais ou menos 5 metros da parede. O coordenador coloca o tapa olhos no olho direito do alfabetizando para testar o esquerdo, vai para perto do cartaz do teste e indica as gravuras para que o alfabetizando, com o "garfo" na mão, possa representar o sinal apontado pelo coordenador. Depois de apontados todos os sinais do cartaz, o coordenador troca o tapa olhos de lugar para testar o olho direito do alfabetizando.

Este processo se repete com todos os alfabetizando, inclusive os que já usam óculos, porque muitas vezes a dificuldade visual progride e eles não se dão conta. O

alfabetizando que apresentar menos de 80% de sua capacidade visual, deverá ser orientado para procurar um oftalmologista a fim de fazer um exame mais detalhado e ver a necessidade de óculos ou não. Isto não é fácil. Sabemos que em nosso país a falta de priorização pela saúde do povo tem deixado muitos lugares sem hospitais, postos de saúde, ou mesmo, médicos.

Como resolver este problema? É difícil, mas em alguns lugares a comunidade tem ajudado, cobrando dos órgãos do governo responsáveis pela saúde, e também procurando fazer campanhas para arrecadar fundos para pagar as consultas e comprar os óculos. É preciso que seja um esforço conjunto e não que o alfabetizando fique esperando que os outros resolvam o problema por ele. Um exemplo de tentativa de resolução de um problema como esse se deu em São Miguel do Araguaia-TO, onde a comunidade se mobilizou para a formação do círculo de cultura e detectaram que mais da metade do grupo necessitava de óculos; por ser um lugarejo pobre, as irmãs que viviam lá sugeriram que escrevessem para alguns amigos na Alemanha pedindo ajuda, a comunidade concordou e conseguiram as armações para os óculos, fazendo o restante por conta da comunidade. No Pedregal-GO, eles conseguiram os óculos na Associação dos Idosos, frequentada pelos alfabetizando.

2 - Ficha de Matrícula:

Neste primeiro dia em que se faz o teste de acuidade visual, também aproveitamos para preencher a ficha de matrícula, a fim de termos um perfil dos alfabetizando. Vejamos um exemplo:

(COLOCAR EXEMPLO DA FICHA DE MATRÍCULA)

As fichas de matrícula utilizadas em experiências de alfabetização, no método que agente usa, não são apenas um cadastro do alfabetizando no curso, mas uma fonte de informações sobre aquela pessoa. Elas trazem em sua parte inicial, dados pessoais do alfabetizando, tais como: nome, endereço, naturalidade, ocupação, renda pessoal, data de nascimento. Estes dados permitem verificar a condição financeira e também alguns aspectos culturais dele.

Uma outra parte da ficha de matrícula diz respeito à relação de parentesco do alfabetizando. Levantamos quais são os parentes com os quais ele mora, a idade dos mesmos, sua ocupação e seu grau de instrução. Isto para ter um quadro do círculo de convivência de cada alfabetizando do círculo.

A terceira parte contém perguntas que objetivam saber sobre as experiências anteriores dos alfabetizando com escola; suas experiências associativas e reivindicatórias, que apresentarão o nível de participação e o envolvimento político dos alfabetizando nestes movimentos; sua participação em alguma religião; suas opiniões com relação à televisão e, por último, sua opinião sobre a condição de não alfabetizado.

Todas estas informações são muito importantes para o bom andamento do círculo de cultura, por exemplo, nos ajuda a não cometer equívocos, como os de trabalhar na palavra LOTE, prioritariamente, a questão do aluguel, onde nenhum dos

alfabetizando mora de aluguel.

....

3 - Apresentação da Metodologia do Círculo de Cultura:

Com um trabalho bem subdividido, entre coordenador e observadores, ainda neste primeiro dia é possível dar um terceiro passo: apresentar aos alfabetizando como será feito o trabalho durante estes meses em que estarão juntos. Mas com que objetivo faremos isto? A expectativa dos alfabetizando com relação a aprender a ler e escrever é muito grande, por isso, esta introdução sobre a forma como iremos trabalhar é fundamental. É o momento de esclarecermos alguns pontos como por exemplo: que aprender não depende do coordenador, mas é um trabalho conjunto no círculo e que, em alguns momentos, o alfabetizando terá que trabalhar sozinho e, em outros, no grupo. Para enriquecer esta conversa, pode-se pedir aos alfabetizando que contem suas experiências anteriores de contato com escola: quando, como era, porque parou. Ou mesmo pedir aos que nunca estudaram para também relatar sua história.

Uma fantasia criada na cabeça dos alfabetizando e que precisa ser esclarecida é a de que se ele copiar bastante ele estará aprendendo, ou mesmo, só o fato dele estar no círculo, todos os dias já garante que ele vai aprender como num passe de mágica. E também a idéia de que alfabetizar-se é apenas aprender a ler e escrever. Tudo isto poderá ser esclarecido quando fizermos uma introdução sobre a educação libertadora, não com a preocupação de que o alfabetizando compreenda tudo sobre o trabalho de alfabetização de jovens e adultos com os princípios de Paulo Freire, mas que consigam compreender o sentido que damos à educação.

Apresentamos, como sugestão, o texto que é utilizado pelos círculos de cultura do Gama-DF:

(Acrescentar o texto)

SEGUNDO DIA - Introdução da primeira palavra geradora:

1 - Discussão da Palavra Geradora:

O primeiro passo para o estudo da palavra geradora é a discussão da realidade que esta representa, através do cartaz da situação existencial que pode ser afixado no quadro, para que os alfabetizando o observem. Exemplo:

(colocar o exemplo de LOTE)

Após a observação do cartaz, o coordenador dá início ao debate. Vamos neste momento recorrer ao vídeo II para observarmos a discussão de uma palavra geradora. Anote suas observações no roteiro a seguir:

(roteiro do vídeo)

VIDEO II

Após a observação do vídeo, agora você poderá conferir se as etapas identificadas no processo de discussão da palavra geradora, são as mesmas que nós identificamos em nossa experiência. São elas:

ETAPA I - Identificação do cartaz - Os alfabetizandos identificam o que existe no cartaz, ou seja, desenhos, expressões de pessoas, gestos e mensagens que, por ventura, existam no cartaz.

ETAPA II - Identificação com o cartaz - Os alfabetizandos se vêem dentro do cartaz, ou seja, relacionam a realidade apresentada no desenho com a sua realidade.

ETAPA III - Apropriação do problema - Os alfabetizandos passam a assumir o significado do que está representado no cartaz, discutindo os problemas que envolvem esta situação existencial.

ETAPA IV - Busca de soluções - A partir do debate das questões relacionadas com a palavra geradora, o círculo tenta buscar explicações e soluções diversas para resolver os problemas.

Este debate deve se dar da forma mais informal e participativa possível. Ninguém é dono do saber, mas todos tem algo a contribuir com suas idéias, com sua experiência de vida. O coordenador deve estar atento a todas as opiniões e procurar confrontar as idéias divergentes que possam surgir no círculo. Este não é um momento simplesmente de bater-papo, mas é uma revelação da visão de mundo que cada membro do círculo tem, por isso é importante ter em mente as etapas descritas acima, como um caminho que o grupo deverá percorrer no reconhecimento da situação existencial que está por trás do desenho.

Cabe ao coordenador explorar as diferenças existentes no grupo, porque elas é que possibilitem o diálogo. À medida em que todas as opiniões são iguais o diálogo sofre uma queda, pois não há algo que o impulsiona, eliminando a reflexão do grupo. É importante que todos se expressem e que um não prevaleça sobre os outros, por ser este um processo coletivo.

Quanto à sua postura diante da discussão no círculo de cultura, pois ela pode influir ou não no diálogo; ou conduzindo para um debate livre e de forma crítica; ou induzindo os alfabetizandos a pensarem o que você quer. Por isso é que a função do coordenador, enquanto mediador de uma discussão é a de valorizar todas as idéias, tendo o cuidado de não ficar fazendo discurso para os alfabetizandos.

É coordenador porque dentro da discussão, ele coordena o debate, evitando o agravamento de determinadas posições, tais como: a centralização da palavra por uma só pessoa e o desânimo dos alfabetizandos. Pode ele, também, incentivar outros alfabetizandos a participarem ativamente do debate. O debate poderá ser coordenado através de perguntas, as mais amplas possíveis, de forma que facilite o diálogo.

Num primeiro momento, o alfabetizando começa expressando o que ele acha que o coordenador quer ouvir, ou seja ele responderá em dúvida. O coordenador deve procurar acabar com esta dificuldade estimulando-o a exercer a auto-confiança. É necessário verificar que este "medo" que os alfabetizandos têm de responder, vem da

própria sociedade em que ele vive, onde é constantemente discriminado com idéias como: "quem tem conhecimento é que deve falar e quem não tem deve ficar calado".

O coordenador, antes do debate, deve estar preparado para fazê-lo, por exemplo conhecendo os assuntos relacionados com o tema da palavra geradora. Exemplo:

Palavra **LOTE**

Temas:

- Questão da moradia;
- Reforma agrária;
- Infra-estrutura das casas e doenças causadas pela falta dela;
- Aluguel;
- Programas habitacionais.

Estes temas são abrangidos nas discussões dentro do círculo de cultura. Além de realizar a discussão é fundamental que se chegue a uma atividade prática: participando em associações de moradores, mutirões de limpeza e outros eventos que envolva também a comunidade. Estas são algumas das possibilidades de participação que apresentamos, são expectativas, mas não obrigatoriamente, ocorrerão com todos os alfabetizandos, desta forma.

O controle do tempo da discussão é importante, pois facilita que se trabalhe o restante das atividades. Por isso sugerimos que ela dure em torno de 30 minutos, sendo, é claro, que não se deve interromper o debate por conta de um cronômetro. Mas, o coordenador poderá ter o cuidado de procurar ir amarrando com o grupo a discussão, dentro deste tempo, para poder prosseguir com o círculo.

2 - Leitura da Palavra Geradora:

Como já foi dito, junto com o desenho que representa a situação existencial, vem escrita a palavra correspondente ao desenho. O coordenador deverá perguntar ao alfabetizando se no cartaz há algo além da gravura. Quando todos identificarem a palavra escrita no cartaz como sendo a situação que eles vinham discutindo até aquele momento, o coordenador, então, pede a cada um que leia a palavra individualmente e depois juntos.

Passada esta primeira leitura da palavra geradora ainda no cartaz com a gravura, o coordenador substitui este cartaz por outro contendo, agora, apenas a palavra:

LOTE

Os alfabetizandos lêem este cartaz em grupo e, depois, individualmente. É importante que o coordenador acompanhe a leitura com atenção, inclusive repetindo o que foi lido após o alfabetizando, para transmitir-lhe segurança. Neste momento deve-se ter cuidado ao identificar os alfabetizandos que não estão reconhecendo a palavra geradora, para que a dificuldade apresentada possa ser sanada naquele momento.

Após a leitura da palavra geradora por todos, o coordenador fará a seguinte comparação: "Podemos comparar esta palavra que estamos estudando com nossas casas. Elas, geralmente, possuem dois ou mais cômodos: sala, cozinha, banheiro, quartos. São as

partes da casa. Pois bem, a palavra também é formada de partes que podemos identificar, observando quantas vezes abrimos a boca para pronunciá-la. No caso de LOTE, vamos observar quantas vezes abrimos a boca para pronunciá-la.

Quando o alfabetizando identifica quantas vezes ele abriu a boca para falar a palavra geradora, você pedirá a ele que, então, pronuncie cada pedaço e pode-se passar para a apresentação do cartaz seguinte, com os pedaços da palavra separados:

LO TE

Em seguida, os alfabetizandos lêem o cartaz em grupo e individualmente, sendo que o coordenador terá os mesmos cuidados que teve na leitura do primeiro cartaz. Terminada a leitura, ele questiona sobre a diferença deste cartaz para o anterior, a fim de que os alfabetizandos percebam e descubram que houve separação de sílabas.

O cartaz seguinte também apresenta a palavra geradora separada em pedaços, só que agora esta divisão é mais explícita:

LO - TE

Ao ler este cartaz, os alfabetizandos estão lendo a palavra decomposta em pedaços e cada pedaço desse tem um som, que é capaz de formar uma palavra com outros sons.

Neste cartaz, o coordenador tampa uma das sílabas e pede para que os alfabetizandos leiam a outra e vice-versa. Esta leitura é feita em grupo e individualmente, utilizando o mesmo procedimento do cartaz anterior.

Ao terminar a leitura deste cartaz, o coordenador pergunta aos alfabetizandos qual a diferença entre este cartaz e o anterior, de forma que neste cartaz a separação é feita em pedaços e que cada pedaço desses constitui uma sílaba, cuja junção dá origem a uma palavra.

Em todos estes momentos de leitura, o coordenador deverá estar sempre reforçando qual a palavra geradora estudada naquele dia. Continua o estudo fazendo uma outra comparação: Assim como a maioria de nós temos uma família, os pedaços das palavras também têm uma "família". Vamos ver as famílias dos pedaços da palavra LOTE no próximo cartaz:

LA LE LI LO LU TA TE TI TO TU

Neste momento, o coordenador pede aos alfabetizandos para localizarem no cartaz das famílias fonêmicas os pedaços da palavra LOTE. Quando os alfabetizandos identificam o LO e o TE, o coordenador explica que aqueles pedaços próximos do LO são a família, e encaminha a leitura individual e grupal desta família:

LA LE LI LO LU

O mesmo processo se dá com a leitura da família do TE:

TA TE TI TO TU

Uma preocupação que o coordenador deverá ter é a de fazer a leitura das famílias, não somente de forma direta, mas invertendo a ordem dos pedaços indicados, para que o alfabetizando não fique decorando as famílias.

Terminada a leitura das famílias em separado, é o momento do coordenador fazer uma mistura entre as duas famílias trabalhadas, alternando na vertical e na horizontal os pedaços indicados para a leitura. Esta não é uma leitura fácil para o alfabetizando, por isso é importante que você seja paciente e respeite o momento de cada um de ter, fazendo sua leitura. O grupo também poderá ajudar aqueles que tiverem mais dificuldades, mas sem deixá-los acomodados esperando para que o outro leia por eles.

Tendo feito o processo de leitura em grupo e individual, o coordenador pergunta qual a diferença entre as duas famílias vistas no cartaz, ou seja entre a família do LO e a família do TE. Este tipo de pergunta, que pode ser feita também, na introdução do 5o cartaz, faz com que eles vejam que a letra de 1 sílaba é o "L" e a letra da outra é o "T", diferenciando assim, estas duas consoantes. Além disso, você faz outras perguntas do tipo "qual a letra que aparece repetida na família do LO? E quais as letras que aparecem diferentes?". Após fazê-la, o alfabetizador explica que as letras que estão repetidas são as consoantes e as letras que estão diferentes são as vogais.

3-Formação e correção das palavras de momento

Terminada a leitura dos cartazes, tem início a formação de palavras através da ficha de descoberta. A ficha de descoberta trata-se de 1 pequena ficha que contém as famílias da palavra geradora, ou seja, é uma espécie de cartaz-família reduzido, onde o alfabetizando forma, com as sílabas dessas famílias, diversas palavras e as escreve no caderno.

Você, juntamente com o observador acompanha o desenvolvimento dos alfabetizados neste momento, a fim de esclarecer eventuais dúvidas que, por ventura, estes apresentarem.

Para formarem palavras tranquilamente, é necessário que os alfabetizados tenham tempo.

Ao acompanhar o alfabetizando, você não diz que está certo, errado ou que é desta ou daquela forma que se faz. Você incentiva o alfabetizado a **descobrir** o que se pede através de diversos questionamentos que os facilitem chegar à resposta correta.

Pode ocorrer que um alfabetizando queira formar a palavra LATA e não consegue. Daí, ele pede a você ou ao observador que o ajude a encontrá-la.

Você ou o observador, neste caso, questiona ao alfabetizando quantas vezes se abre a boca para falar a palavra LATA.

Após o alfabetizando ter descoberto que são 2 vezes e conseqüentemente que ela tem 2 sílabas, você pergunta: "A primeira vez que nós abrimos a boca para falar a palavra LATA nós falamos o quê?"

Se ele conseguir descobrir que é o LA, você faz com que ele indique na ficha de descoberta onde é que está o LA

(obviamente, o alfabetizando já deve conhecer as sílabas da ficha de descoberta). Depois do alfabetizando ter descoberto a 1ª sílaba, você ou o observador utiliza o mesmo procedimento com a descoberta da 2ª sílaba.

A princípio, para motivar o alfabetizando a formar palavras, você forma algumas poucas palavras para incentivar e demonstrar como se faz aos alfabetizandos.

Muitos alfabetizandos formam palavras mortas com LETU, TILI. De início, todas essas palavras servem, desde que sejam feitas, mais adiante o alfabetizador explicará a diferença.

Após todos os alfabetizandos terminarem a formação de palavras, você iniciará a correção das mesmas.

Esta correção é feita no quadro, de modo que todos possam visualizá-la e conseqüentemente analisá-la.

Você, se possível, coloca uma ou mais palavras de cada alfabetizando no quadro (de preferência a palavra que eles tiveram dificuldades em fazer, a palavra que esteja errada ou, dada o número, todas) para que possam ser corrigidas. O alfabetizando pode escrever a palavra que formou no quadro.

Às vezes, no círculo de cultura, alguns alfabetizandos têm facilidade em ler algumas palavras escritas letra **bastão** ou de **imprensa** (como se chama tradicionalmente) assim como tem alguns que tem dificuldades em ler palavras com cursivas (letras escritas à mão).

Para evitar problemas na correção das palavras, você, nesse caso, escreve a palavra de duas formas: uma em letra de imprensa; outra em letra cursiva; e, em seguida, corrige a palavra.

Na correção, o alfabetizador lê a palavra junto com o grupo, pergunta com ela ficou e, em seguida, corrige a palavra.

Na correção, o coordenador lê a palavra junto com o grupo, pergunta como ela ficou e, em seguida, questiona o que quer dizer a mesma. Se a palavra estiver errada, assim que terminar de lê-la com o grupo, o coordenador pergunta ao grupo se é dessa forma que se escreve ou tem outra forma de escrever..

O grupo responderá se tem ou não. Caso ele não responda, por não saberem da resposta, o coordenador pedirá a eles que pesquisem em casa como se escreve a palavra.

Terminada a correção de palavras, o coordenador pede aos alfabetizandos, que formem outras palavras em casa, a fim de que possam ser corrigidas no início do círculo seguinte.

TERCEIRO DIA - Correção das palavras trazidas de casa e introdução da segunda palavra geradora:

1 - Correção das palavras:

Como foi pedido no dia anterior, todos os alfabetizandos deverão trazer nem que seja uma palavra para ser apresentada ao grupo e corrigida coletivamente.

Estas palavras poderão ser escritas no quadro pelo próprio alfabetizando, ou pelo coordenador, isto vai depender do grupo. Se ele mesmo quiser colocar é ótimo, até para

descaracterizar o quadro e o giz como propriedades do coordenador, mas isto deve ser espontaneamente senão poderá inibir mais ainda os alfabetizandos. Se o alfabetizando preferir que o coordenador escreva para ele, é importante que este tenha o cuidado de escrever exatamente o que o alfabetizando trouxe e não o que ele acha que é, para isto, as palavras poderão ser ditadas letra a letra, ou pedaço por pedaço.

Vamos observar a experiência de correção de palavras registrada no VIDEO III

(VIDEO III/CORREÇÃO DAS PALAVRAS DE CASA)

Agora, vamos discutir ainda um pouco mais sobre como esta correção poderá se dar no círculo de cultura:

Estando todas as palavras no quadro, o coordenador pode iniciar a correção, pedindo a um dos alfabetizandos para começar a ler suas palavras. À medida que o alfabetizando vai lendo cada palavra, o coordenador pede a todo o grupo que repita a leitura com ele. Em seguida o coordenador perguntará o que significa a palavra ao alfabetizando. Dada a resposta ele verifica no grupo se todos conhecem a palavra que foi lida, é neste momento que o coordenador deve estar atento para a reação dos alfabetizandos, pois pode acontecer deles conhecerem a mesma palavra com outro significado ou escrita de outra forma e todas estas contribuições precisam ser aproveitadas neste momento da correção.

É importante lembrar ao coordenador que ele não está ali para definir o que está certo ou errado, mas são os alfabetizandos que tentarão chegar à conclusão de como se escreve esta ou aquela palavra, caso isto não ocorra é o momento do coordenador sugerir que levem tal palavra para pesquisar em casa, onde procurarão ver com outras pessoas como acham que a palavra pode ser escrita.

Este processo se repetirá com todas as palavras que estiverem no quadro. O coordenador deverá ter o cuidado de não deixar a correção se tornar cansativa e sem participação. É importante que os alfabetizandos sintam que cada palavra no quadro, mesmo não sendo sua, contribui para sua aprendizagem e o alfabetizando que a trouxe também precisa da ajuda de todos para identificar se ele é assim mesmo ou não.

A correção poderá durar de 25 a 30 minutos, sendo que depois o coordenador passará à introdução da palavra geradora daquele dia.

2 - Introdução da palavra geradora:

Para recordar os passos da introdução da palavra geradora, você poderá retomar as explicações dadas anteriormente, com a palavra LOTE.

23/10/91 em revisão

CADERNO 3

LER E ESCREVER PARA QUÊ?

I - Etapa 2 - Pós-Alfabetização

II - Textos complementares de português:

- Mudanças do substantivo em gênero, número e grau.

III - Glossário.

Durante a 1ª etapa, os alfabetizandos trabalharam a língua portuguesa partindo de palavras do seu próprio Universo Vocabular. A partir dessas palavras, o alfabetizando adquiriu o conhecimento dos 10 elementos da escrita: os padrões silábicos e, em alguns casos, já começaram a trabalhar a trabalhar frases e bilhetes.

Portanto, a segunda etapa é uma ampliação desse trabalho anterior. Essa continuidade e ampliação tem por objetivo aumentar o nível de discussão dos problemas do cotidiano dos alfabetizandos, como também a busca de soluções para organização comunitária e entendimento político e social dos mesmos, sendo que, para isso, são introduzidos leitura de material comum ao dia-a-dia dos alfabetizandos (escolhido por elesmesmos), leitura e escrita de frases, bilhetes e cartas, discussões sobre determinado tema, ditados e também leitura de textos relacionados ao interesse do grupo, visando ampliar igualmente os problemas do cotidiano dos mesmos e, onde esse mesmo texto propicia condições para o diálogo como se fosse uma situação existencial. Através de uma leitura silenciosa seguida de leitura em voz alta individual e coletiva, os alfabetizandos discutem o conteúdo do texto, analisando também as suas dificuldades ortográficas, etimológicas e de significado com o objetivo de melhor auxiliar numa boa exploração do mesmo.

Nesta 2ª etapa, o coordenador abrange também assuntos como singular, plural, feminino, masculino, antônimo (contrário), sinônimo (o mesmo que...), aumentativo e diminutivo, além da acentuação e pontuação que já vem sendo desenvolvidas desde a 1ª etapa. Tais assuntos são introduzidos de forma cuidadosa e numa linguagem que os alfabetizandos entendam. Além disso, essa introdução ocorre no momento em que surgir a necessidade, não tendo assim dia e hora pré estabelecidos para introduzi-los.

Enfim, a segunda etapa da alfanumerização requer do coordenador, acima de tudo, uma percepção do desenvolvimento de cada alfabetizando, além da elaboração e pesquisa do material que é repassado para eles.

Essa pesquisa, baseia-se, principalmente, no conhecimento que o coordenador tem do alfabetizando, ou seja, de seu desenvolvimento dentro do Círculo de Cultura. Além disso, é fundamental que o coordenador leia sobre diversos temas dados no Círculo de Cultura, afim de levar esse conhecimento adquirido por ele para ser socializado no grupo. Por isso, antes de cada atividade, é necessário que o coordenador pesquise sobre ela no sentido de enriquecer o trabalho dentro do Círculo de Cultura.

Levando em conta também todos esses problemas, é que o alfabetizador verifica se há ou não a necessidade de se fazer a revisão de algumas fichas de descoberta caso os alfabetizandos apresentem dificuldade em ler.

Portanto, o objetivo dessa revisão é fazer com que aqueles alfabetizandos que, por diversos motivos, não conseguiram assimilar o conteúdo de algumas fichas de descoberta consigam acompanhar o restante do grupo.

Eis alguns exemplos de como revisar as fichas de descoberta.

Dependendo da dificuldade dos alfabetizandos o coordenador revisa o conteúdo da ficha de descoberta toda ou apenas as famílias de algumas sílabas. Como veremos na figura abaixo:

Exemplo 01

TRA - TRE - TRI - TRO - TRU

BA - BE - BI - BO - BU

LHA - LHE - LHI - LHO - LHU

Revisão da ficha de descoberta toda (caso apresentem dificuldades em ler todas as sílabas).

Exemplo: 01

Inicialmente, o coordenador afixa o cartaz no quadro e, como ocorria na primeira etapa, faz a leitura em grupo e individual, em sequência horizontal, vertical e salteada. Após isso, ele usa o mesmo procedimento utilizado na primeira etapa, na leitura do cartaz-família, que vai desde a ida do alfabetizando ao quadro para mostrar as letras que estão iguais e diferentes nas famílias de cada sílaba até a formação de palavras no momento em que os alfabetizandos usam as fichas de descoberta.

Exemplo: 02

LHA - LHE - LHI - LHO - LHU

Revisão da família das sílabas onde os alfabetizandos apresentaram dificuldades.

Exemplo: 02

O coordenador pede aos alfabetizandos que leiam a família da sílaba em sequência e salteadamente. Após isso, o procedimento é o mesmo da etapa anterior.

LEITURA DO MATERIAL SELECIONADO PELOS ALFABETIZANDOS

OBJETIVOS: O objetivo dessa leitura é fazer com que os alfabetizandos tenham noção de leitura de diversos materiais que eles utilizam no seu dia-a-dia, além de, através de debates e discussões, lêem, de forma crítica, sobre o conteúdo do material.

ASSUNTO

LEITURA DO MATERIAL SELECIONADO PELOS ALFABETIZANDOS

PROCEDIMENTO

O contato do alfabetizando com a escrita, nesta etapa, deve acontecer de forma bastante diversificada.

O coordenador solicita aos alfabetizandos que tragam alguma coisa que eles queiram ler, textos que tratam de assuntos do seu interesse para serem lidos no Círculo de Cultura.

Esse material é explorado por parte do coordenador de forma crítica, fazendo com que os alfabetizandos questionem sobre o que leram, que vai desde manchetes de jornais, revistas, produtos alimentícios, produtos de limpeza e higiene, remédios até documentos e leis.

Inicialmente, cada alfabetizando lê o material que trouxe de casa e, em seguida, o coordenador pergunta-lhes sobre o que entenderam daquilo que leram através de questionamentos críticos do tipo:

- O que quer dizer esta manchete? Ela está beneficiando a quem? (caso o material seja jornal)
- Qual o peso que está marcando na embalagem desse produto? Será que ele pesa isso mesmo? O que devemos fazer quando nos vendem um produto estragado ou com peso a menos? Qual a Lei que protege o consumidor?

Antes de tomar qualquer remédio ou dá-lo a alguém vocês procuram saber o que a bula vem dizendo a respeito do remédio? Porque as receitas médicas estão sempre escritas com letras ilegíveis.

Pode ocorrer casos de que algum alfabetizando traga material escrito em língua estrangeira (CLOSE UP, CHEVROLET, VOLKS WAGEN, FUJIOKA, SHOPING CENTER etc).

Nesse caso, o coordenador explica sobre a origem desses nomes e porque chegaram ao Brasil, questionando, assim, sobre o poder das empresas multinacionais no país.

Um outro material que o coordenador trabalha nesta unidade são os documentos, sempre incentivando os alfabetizandos que não tem todos os documentos a providenciá-los, além de ressaltar a importância e leitura dos mesmos.

MATERIAL

Exemplo de materiais:

Manchetes de jornais, revistas, panfletos de sindicatos, embalagem (leite, açúcar, arroz, feijão, litro de óleo), bíblias, jornal rural, certidão de nascimento, certidão de

casamento, atestado de óbito, bula de remédios, receitas de bolo, receita médica, literatura de cordel, receitas de comidas, carteira de trabalho.

DITADO

OBJETIVO:

1. O ditado é uma atividade que abrange as dimensões da língua falada e escrita. Essa língua que, na maioria das vezes, as pessoas têm dificuldades em pronunciar algumas palavras, fator pelo qual acaba dificultando a escrita.

Além dessa, tem outras dificuldades com diferença entre a pronúncia e grafia, isto é a palavra é falada de um jeito e escrita de outro, como exemplo, a palavra LOTE, que é falada "LOTI" e escrita "LOTE". Essas são dificuldades da nossa língua portuguesa e que, de certa forma, acabam confundindo os alfabetizando.

2. O ditado faz com que as pessoas exerçam três atividades diferentes: **Ouvir, escrever e ler**, isto é, um alfabetizando dita uma palavra, e o restante do grupo presta atenção (ouve) no que aquele alfabetizando ditou e **escreve** no caderno, em seguida outro alfabetizando dita para ele e os demais escreverem. Ao final, todos **lêem** as palavras ou frases que foram ditadas.

3. O ditado também desinibe as pessoas, desenvolvendo nelas o hábito de ouvir e de escrever, além de dar oportunidade para que todos participem ditando as palavras que eles têm dificuldades ou mesmo as palavras que eles já sabem.

4. O ditado permite que o coordenador trabalhe as dificuldades apresentadas pelos alfabetizando, dificuldades essas que foram observadas pelo próprio coordenador ou pelos observadores.

DITADO

O coordenador inicia o ditado pedindo que um alfabetizando dite uma palavra ou frase para os outros e ele mesmo escrever no caderno e assim sucessivamente.

O coordenador e o observador também participam do ditado, ditando uma palavra ou frase que explore as dificuldades identificadas nos alfabetizando.

O ditado pode começar pelo alfabetizando que estiver sentado na primeira cadeira do semi-círculo e seguir a ordem, ou

por sorteio, em sequência ou salteado, ou como os alfabetizandos acharem melhor, pois a ordem de início não importa, pode-se iniciar pelo coordenador ou pelo (s) observador (es), o importante é que todos participem ditando uma palavra ou frase.

CORREÇÃO:

Ao terminar o ditado, o coordenador faz a correção das palavras no quadro. Essa correção pode ser feita da seguinte forma: cada alfabetizando diz para o coordenador a palavra ou frase que ele mesmo ditou, dizendo como escreveu (soletrando-a) ou o próprio alfabetizando vai ao quadro escrever a palavra ou frase que ele ditou. A palavra ou frase que o coordenador e os observadores ditaram são colocadas no quadro, em seguida, o coordenador pede para alguém do grupo ditar ou escrever a palavra ou frase que o coordenador e observadores ditaram.

Após terminarem de escrever todas as palavras ou frases que foram ditadas, o coordenador começa a leitura de cada palavra.

LEITURA:

A correção começa com a leitura em grupo da palavra ou frase que está escrita no quadro. A palavra ditada foi TRABALHO, mas o alfabetizando escreveu TABALHO. A leitura deve ser feita como a palavra está escrita, dessa forma os alfabetizandos percebem que está faltando alguma coisa para que fique TRABALHO, assim a descoberta é rápida. O coordenador pergunta o que é preciso fazer para ficar TRABALHO e relaciona o primeiro pedaço da palavra TRABALHO com o primeiro pedaço da palavra que está escrita (Tabalho) e questiona se está igual. Após a correção, o coordenador faz novamente a leitura das palavras ditadas. Essa leitura é feita em grupo e individualmente, aproveitando para discutir as palavras e frases do ditado.

ESCRITA DE BILHETES E/OU CARTAS

OBJETIVOS: Uma das formas mais importantes de comunicação para os alfabetizandos é através de bilhetes ou cartas. A experiência com Círculos de Cultura tem demonstrado que para eles é muito importante escrever e receber cartas de parentes que estão distantes, uma vez que o alfabetizando, em geral é emigrante ou tem parentes em outros lugares. Daí porque o principal objetivo dessa atividade, além de fazer com que todos os alfabetizandos exercitem o lado da escrita e percebam algumas regras de pontuação, acentuação, plural e singular, é fazer com que todos os alfabetizandos possam efetivamente se comunicar com parentes e amigos distantes.

O coordenador inicia a introdução desse assunto a partir da situação existencial dos alfabetizandos com relação à comunicação escrita, questionando aos alfabetizandos por que existe a necessidade de se escrever bilhetes e/ou cartas, se já receberam algum bilhetes? Se leram? Se pediram a alguém que lesse para eles.

É necessário que o coordenador tenha sempre em mente que, ao introduzir tal assunto, deve ele questionar também sobre a necessidade de se obter resposta do que foi escrito, daí porque o trabalho com bilhetes inicia-se com a sua troca entre os alfabetizandos ou com quem eles queiram se comunicar.

A princípio, os alfabetizandos começam escrevendo pequenos bilhetes (ou até maiores dependendo da capacidade de cada um). Alguns desses bilhetes são corrigidos no quadro, onde, o coordenador escreve os bilhetes do mesmo modo que o alfabetizando escreveu, ou seja, com a mesma pontuação, acentuação e erros.

Após isso, é que se verifica a necessidade de usar o cabeçalho, o parágrafo e a pontuação, além do preenchimento correto do envelope (que pode ser comum ou feito a mão) e do CEP, em que os próprios alfabetizandos dizem onde é que tem o cabeçalho e porque tem que colocá-lo em uma carta. Se possível o coordenador pede a cada um que traga de casa, cartas que eles receberam de parentes para compararem com a que eles fizeram e verificarem qual a diferença.

É de fundamental importância que os alfabetizandos escrevam também cartas e preencham envelopes para mandarem para outra pessoa através do correio. Isso faz com que eles trabalhem concretamente a comunicação e não apenas "treinem" a escrita como acontece, normalmente, na escola tradicional.

O importante, nessa atividade, é que o bom desenvolvimento da leitura e da escrita por parte dos alfabetizandos, tenha também uma finalidade concreta.

A correção dos bilhetes, como foi dito anteriormente, é feita no quadro, onde são escolhidos os bilhetes dos alfabetizandos com maiores dificuldades para serem corrigidos no Círculo de Cultura.

A duração dessa atividade não tem prazo pré-estabelecido, devendo o coordenador passar para a próxima atividade assim que todos os alfabetizandos estiverem seguros nesta.

Eis alguns bilhetes feitos por alfabetizandos de Círculos de Cultura no Distrito Federal e Região do Entorno.

BRASÍLIA, 01 DE JULHO DE 1991
FATIMA, MEU NETO ESTÁ NO
HOSPITAL, MAS PASSABEME
MINHA FILHA JÁ ESTÁ EM
CASA ESTÁ PASSANDO
BEM.

ABRASSO DE MARIA JOSÉ.

CÍRCULO DO CENTRO DE SAÚDE Nº 04 GAMA

Brasília 12 de setembro de 1990

ALUNO Valtér Bispo dos Santos

CONGRESSO FAÇO UM FAVOR DE NOS
DA OPORTUNIDADE DE NOZES ESTUDAS
MUTOS O BIGADO

Gama 3.7. 1991

Margarida

eu agradeço de coração
por você me ensina
abre de coração
obrigado mesmo
Suzinete Lufza Ribeiro
da Silva

Círculo da Escola Classe 19 do gama
maio 191

Brasília de setembro de 1990
senhores venho através
deta colega pedir
melhoria para nos ajudar
mais escola e supletivo
queremos melhoria a nos
vida. Para nos concedeu-
mos um Emprego melhor

Maria Ramos dos Santos

Brasília 12 de
setembro 1990
achem soluções para
melhorar as nossas condições de estudo

Creunice Maria de Neunus

Oi Amor!

Amor estou com saudades,
gostaria de ter hoje, Amor está
um dia tão queria tanto esta com
voce,

Amor gostaria, de poder
te tocar, te abraçar, e trocar
mil beijos

Que pena que voce está tão
longe de mim, queria te ver
todas os dias.

Voce Amor, é a pessoa mais
linda que existe para mim, não
tiro voce do meu pensamento um
só instante, penso em voce dia
noite, as vezes perco noites. de sono
pensando em voce.

Não sei o que dizer de voce, voce
é linda, maravilhosa, carinhosa, voce é
tudo isso e muito mais
volta pra mim, eu te amo.

te amo,
te adoro,
te quero,

Adonias Rodrigues dos Santos

HISTÓRIA COMUM A TODOS (cidade, trabalho, igreja, associação, sindicato) A história de cada um e a história de todos

OBJETIVO: O objetivo desta atividade é resgatar do alfabetizando a sua participação no processo de construção e crescimento de sua cidade, localidade rural, Igreja, sindicato, trabalho, além de permitir o encontro da história do alfabetizando com a de cada um do grupo, inclusive do coordenador e observador.

É importante verificar que esta história é um fator comum àquele grupo que ali está, a fim de que todos possam debater e trocar experiências no sentido de participar na busca de soluções para os problemas ali existentes, ou seja, se a alfabetização estiver sendo desenvolvida em locais comunitários faz-se, então, a história da cidade, pois todos debatem sobre os problemas existentes na cidade, o seu crescimento, e a participação de cada um nesse processo de crescimento e etc.

Portanto, o tema dessa história pode variar conforme o local onde esteja se desenvolvendo o trabalho de alfabetização. Através dessa história pode-se recuperar a história do trabalho das pessoas (se a alfabetização estiver acontecendo em empresas e instituições) ou a história do sindicato que envolve a luta dos trabalhadores, a história da paróquia ou igreja e assim por diante.

ASSUNTO

HISTÓRIA COMUM A TODOS OS ALFABETIZANDOS

PROCEDIMENTO

Caso o trabalho de alfabetização seja um trabalho comunitário, é lógico que se tenha como tema principal a cidade ou localidade onde moram, como foi dito anteriormente, a fim de que todos possam participar ativamente da discussão. Nesse caso, inicialmente, o coordenador pede a cada alfabetizando que relate como foi a sua chegada à cidade (caso tenham acompanhado esse início). É necessário que nenhum alfabetizando fique fora desse relato inicial.

Após isso, o coordenador prossegue o debate fazendo questionamentos do tipo:

- Como está a cidade (ou localidade) hoje?

- Será que ela está mais desenvolvida do que há pouco tempo atrás?
- Qual a nossa participação nesse crescimento?
- Quais os problemas mais comuns aqui?
- O que fazemos para resolvê-los?
- As decisões tomadas aqui tem a nossa participação? Por que?

Além disso, o coordenador pede aos alfabetizandos que falem sobre os costumes e a cultura da região resgatando, assim, a identidade cultural de cada um.

O coordenador, além de coordenar o debate também participa dele, relatando a sua história dentro da localidade.

A participação de todos nessa discussão é importante, pois, à medida que se centraliza a palavra em umas poucas pessoas, a discussão se torna monótona e desestimuladora para o restante do grupo, por isso é que o coordenador ao perceber esse tipo de situação deve sempre direcionar a palavra para outros alfabetizandos afim de que estes também possam participar.

Ao terminar o debate, o coordenador pode fazer algumas brincadeiras no sentido de descontrair o grupo. Entre essas brincadeiras pode estar a da batata-quente que consiste em cada alfabetizando fazer perguntas escritas em um pequeno pedaço de papel a qualquer outro alfabetizando "sorteado", que por sua vez, lerá a pergunta e responderá verbalmente.

Todo o relato feito pelos alfabetizandos deve ser anotado ou gravado pelo observador e, depois, datilografado (com letras que facilitem a visualização dos alfabetizandos) para que o grupo leia o que eles mesmo disseram.

Se o trabalho de alfabetização se desenvolver em algum local de trabalho (promovido por empresas ou sindicatos) o procedimento é praticamente o mesmo, mudando apenas o tema e os questionamentos, ou seja, a discussão passa a ser em cima da história do local de trabalho, onde o coordenador começa questionando sobre o porquê de todos estarem ali e por que chegaram, juntamente com a história de cada um dentro do local de trabalho.

Além disso, o coordenador faz perguntas do tipo:

- Como é que está sendo as condições de trabalho aqui?
- Por que o salário não dá para cobrir as nossas despesas?
- Qual a arma que nós temos para lutar por melhores salários?
- O que é um sindicato? Qual a sua função?
- O que é greve?

No restante, o procedimento utilizado é o mesmo da história da localidade.

OBS: O coordenador pode, se possível, colocar esse texto do relato em mural, lugar público e procurar jornais para publicá-lo.

TRABALHO COM JORNAIS E REVISTAS

OBJETIVO: O objetivo deste trabalho é fazer com que todos os alfabetizados leiam as manchetes, além de refletir e discutirem sobre aquilo que leram, sendo que, a partir daí, façam uma história baseada em sua opinião sobre o que cada um leu e debateu com o grupo.

Esta atividade faz com que cada alfabetizado seja o verdadeiro "comunicador" de sua história ou de determinados assuntos que diz respeito a eles.

ASSUNTO

TRABALHO COM JORNAIS E REVISTAS

PROCEDIMENTO

O coordenador tem diversas formas de realizar esta atividade, ou pedindo para que cada alfabetizado monte uma história através de palavras ou letras existentes no jornal, sendo que o tema pode ser relativo à própria realidade de cada um ali, ou pode também pedir para que cada alfabetizado leia uma determinada reportagem que seja de interesse do grupo e debatam sobre o que leram e, a partir daí, recortem letras ou palavras para montarem um texto com a opinião deles a partir da manchete da reportagem lida, sendo que, nesta última idéia, o trabalho pode ser feito em grupo ou individualmente.

A assessoria do coordenador e do observador ao alfabetizado nesta atividade é de fundamental importância no sentido de ajudá-los a fazer as palavras e frases, de modo a não interferir na descoberta do alfabetizado, ou seja, relebrando ao alfabetizado, através das fichas de descoberta dadas na 1ª etapa, como se faz para escrever determinada palavra.

Ao terminarem o texto, cada alfabetizado lê o texto que fez (podem até ilustrá-lo) e, após todos lerem, debatem sobre qual foi a diferença entre o texto que fizeram e a reportagem do jornal.

MATERIAL

Jornais, revistas e panfletos diversos.

EU VOU PARA A ESCOLA.

O POVO ESTÁ COM MEDO.

A CHUVA FOI MUITO pesADA.

NIVERSINA, ALMERINDA, GERALDINA

OBJETIVO: Leitura da história comum a todos relatada anteriormente.

O objetivo desta leitura é fazer com que os alfabetizandos leiam a história que eles próprios ajudaram a fazer e, ainda, estão fazendo. Uma história participada e contada por todos, essa leitura é diferente das outras leituras, pois, os autores e participantes são os próprios alfabetizandos.

Cada alfabetizando deve avaliar a sua participação na construção dessa história de vida, de luta, de esperança.

O coordenador distribui a folha com a história datilografada com letras grandes a fim de que facilite a leitura daqueles alfabetizandos que têm algum problema de vista.

Os alfabetizandos lêem em silêncio, à medida que surge uma palavra que eles não consigam ler, eles mesmos marcam a palavra. O coordenador orienta aqueles que tem dificuldades. Após essa primeira leitura, os alfabetizandos lêem em voz alta. Tal leitura pode ser feita da seguinte forma: cada alfabetizando lê um parágrafo, ou uma linha e, ao terminar a leitura, o coordenador pede para que eles escrevam as palavras que eles tiveram dificuldades em ler no quadro, e então o grupo todo lê aquelas palavras, daí fazem uma discussão sobre a leitura. O que vocês sentiram ao ler a história de vocês? A participação de vocês foi e ainda é importante para a construção da história? Como vocês estão se sentindo sendo autores dessa história?

Após a discussão o coordenador faz a leitura da história com o grupo todo novamente.

OBS: Nessa história, o coordenador pode introduzir também alguns dos termos singular e plural, pedindo que eles grifem as palavras do texto que estão no plural.

- Exemplos de histórias contada pelos alfabetizandos de Círculo de Cultura no Distrito Federal e região do entorno.

LEITURA DE TEXTOS

OBJETIVO: Na 2ª etapa do processo de alfanumerização o coordenador trabalha a leitura de texto com os alfabetizandos. O texto é uma forma mais complexa de se tratar o tema e envolve algumas habilidades, tais como: saber relacionar o texto propriamente dito com as ilustrações, a ordem da leitura que obedece a uma sequência de princípio, meio e fim.

Os alfabetizandos lêem textos de autoria deles próprios e de outras pessoas. Durante as discussões da palavra geradora na 1ª etapa, o observador e o coordenador anotavam boa parte do que os alfabetizandos falavam e, depois, são feitos os textos que serão lidos pelos alfabetizandos nesta atividade de leitura de textos e, por outro lado, o coordenador procura textos que tenham a ver com a vida de cada um e, ao mesmo tempo, de todos os alfabetizandos.

Na primeira etapa da alfabetização, a situação existencial era apresentada através de um cartaz com a figura e a palavra que servia de tema para a discussão. Os desdobramentos subsequentes eram a leitura dos cartazes acompanhada da formação de palavras para a aquisição dos padrões silábicos.

Já na leitura de textos, o procedimento é o mesmo, só que, desta vez, o texto, o jornal, o folheto, a cartilha, o mapa ou a revista que o coordenador passa para os alfabetizandos lerem é o tema gerador da discussão e os desdobramentos passam a ser a leitura e compreensão do texto verificando acentuação e pontuação, origem e formação de palavras (*), formação de outra história a partir da própria experiência com o tema.

(*) diz respeito à origem linguística de determinadas palavras que são usadas na língua portuguesa, mas são ou apresentam afixos e radicais de origem latina, grega, hebraica etc.

O coordenador apresenta o tema (sobre o qual vão trabalhar o texto) da forma que julgar mais conveniente. Pode-se escrever no quadro e pedir que um do grupo leia ou distribuir o texto e trabalhar, antes da leitura, as experiências dos alfabetizandos com o tema proposto. Após uma discussão que pode ser mais curta ou mais longa, dependendo do interesse do grupo, faz-se a leitura individual silenciosa. O coordenador pede aos alfabetizandos que passem um risco abaixo da palavra que eles não compreenderam. Após todos terminarem, inicia-se a leitura por um dos colegas. Ao término dessa mesma leitura, eles discutem o que leram. Para que serve a leitura? Em que a leitura ajudou ou não ajudou às pessoas do grupo a terem mais conhecimento? O que o texto trouxe de novo? Se já tinham conhecimento do assunto tratado no texto? O coordenador faz relações da discussão inicial com o que foi apresentado no texto.

Além disso, explora as dificuldades contidas no texto, como: significado das palavras, formação de palavras como, por exemplo, "epidemiologia", formada por epidemo (pele) + logia (estudo), fazendo questionamentos do tipo:

- Que outras palavras que vocês conhecem que terminam em **logia**? Então, sempre que este pedaço (sufixo) estiver contido nas palavras vai significar estudo de alguma coisa (astrologia, biologia, psicologia, geologia etc). Abrange também os prefixos. Exemplo: Triplice - o que significa este pedaço (tri)? Então o que quer dizer tricampeão, trimestre, triênio. Relacionar com o número **três, trinta...**

Esta atividade não tem prazo de duração pré-estabelecido, dependendo, assim do material que o coordenador passa para os alfabetizandos e do rendimento de cada um, ou seja, o coordenador só passa para a atividade seguinte a partir do momento em que todos estiverem seguros nesta.

TESTE DE PORTUGUÊS

OBJETIVO: O teste é uma forma de avaliar os conhecimentos adquiridos pelos alfabetizandos durante as etapas de alfabetização. Esse teste é a ponte que os alfabetizandos terão que atravessar para prosseguirem seus estudos no ensino supletivo na rede oficial de escola, onde lhes é cobrado como parte do conteúdo escolar um teste para aprová-los ou não na escola, que é onde eles terão que cumprir um determinado horário, se sentarão diferente, não mais em semi-círculo, mas sim, um atrás do outro.

- Passagem para a escola regular
- Como escola trata o conhecimento
- Função dos testes
- Aprender a fazer testes como forma "estar" na escola
- Aprender pela descoberta e pela "cobrança" # diferenças

O coordenador verifica, no local onde está se desenvolvendo a alfabetização, que tipo de teste é aplicado para o ingresso das pessoas na fase do supletivo. Assim ele terá noção de como preparar o teste se, no local, não foi exigido teste para a passagem dos alfabetizandos no supletivo, então, o coordenador não precisa se preocupar com o teste, bastando, para isso, que seja bem trabalhado todos os conteúdos das etapas da alfabetização.

Os testes que são aplicados em Ceilândia-DF abrange os seguintes conteúdos: leitura e compreensão do texto "Época de eleição", separação de sílabas (pedaços), formação de frases e plural.

Esse teste pode ser aplicado em três círculos ou a critério do próprio coordenador, dependendo do desenvolvimento dos alfabetizandos. O coordenador deve esclarecer aos alfabetizandos que, para o nosso trabalho, o teste não é o mais

importante, mas, que nas outras escolas é diferente e lá o teste é um meio de avaliar se o alfabetizando aprendeu o conteúdo que lhe foi ensinado e que não vão poder demorar três ou mais dias para fazer o teste, enfim o tempo deles é pouco.

CADERNO 3

LER E ESCREVER PARA QUÊ?

I - Etapa 2 - Pós-Alfabetização

II - Textos complementares de português:

- Mudanças do substantivo em gênero, número e grau.

III - Glossário.

CADERNO 2

EDUCAR É DESCOBRIR

I - Proposta Metodológica:

- Fundamentos de quando, onde e como começar.

II - Etapa 1 - Alfabetização.

2.1. - O que é o Círculo de Cultura?

- Alfabetizando: Quem é? Onde vive? Como vive?
- Coordenador: Quem é? Onde vive? Como vive?
- Observador: Quem é? Onde vive? Como vive?
- Comunidade como um todo.

2.2. - Como fazer o círculo?

A) - Levantamento do Universo Vocabular:

- 1 - Pesquisa;
- 2 - Seleção das palavras geradoras;
- 3 - Etimologia.

EXEMPLOS : Zona urbana -

Zona rural - São Miguel do Araguaia-TO

B) - Organização e Montagem do Círculo:

- 1 - Contato mais direto com os alfabetizandos e seus familiares;
- 2 - Definição do local e horário do círculo;
- 3 - Confecção do material (cartazes e outros).

C) - Abertura do Círculo:

- 1 - PRIMEIRO DIA - Teste de acuidade visual e apresentação da metodologia;
 - 2 - SEGUNDO DIA - Introdução da primeira palavra;
 - 3 - TERCEIRO DIA - Introdução da segunda palavra;
 - 4 - Dinâmica prevista para o restante da Etapa I:
- Aspectos importantes que precisam estar presentes nas discussões das palavras geradoras;
- . Uso do dicionário e pesquisa fora do círculo;
 - . Surgimento das primeiras frases;
 - . Avaliação diária do desempenho de todos no círculo.

III - Texto complementar de Português: Ortografia Acentuação Pontuação

IV - Glossário.

23/10/91

PROPOSTA PARA ETAPA I

1 - O que é alfabetizar?

- História da alfabetização no Brasil.
- Nossa proposta para alfabetização.
- Justificativa.

2 - Detalhamento da proposta:

2.1. - O que é o Círculo de Cultura?

- Alfabetizando: Quem é? Onde vive? Como vive?
- Coordenador: Quem é? Onde vive? Como vive?
- Observador: Quem é? Onde vive? Como vive?
- Comunidade como um todo.

2.2. - Como fazer o círculo?

I - Levantamento do Universo Vocabular:

- 1 - Pesquisa;
- 2 - Seleção das palavras geradoras;
- 3 - Etimologia.

EXEMPLOS : Zona urbana -

Zona rural - São Miguel do Araguaia-TO

II - Organização e Montagem do Círculo:

1 - Contato mais direto com os alfabetizandos e seus familiares;

- 2 - Definição do local e horário do círculo;
- 3 - Confecção do material (cartazes e outros).

III - Abertura do Círculo:

1 - PRIMEIRO DIA - Teste de acuidade visual e apresentação da metodologia;

2 - SEGUNDO DIA - Introdução da primeira palavra;

3 - TERCEIRO DIA - Introdução da segunda palavra;

4 - Dinâmica prevista para o restante da Etapa I:

. Aspectos importantes que precisam estar presentes nas discussões das palavras geradoras;

. Uso do dicionário e pesquisa fora do círculo;

. Surgimento das primeiras frases;

. Avaliação diária do desempenho de todos no círculo.

HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL (1500 a 1991)

Antes de iniciar a aprendizagem de como coordenar um círculo de cultura é necessário que você conheça um pouquinho sobre as origens do analfabetismo no Brasil bem como as suas implicações políticas nas diversas tentativas de se fazer programas e campanhas de alfabetização em massa no país. É necessário verificar como alguns desses fatores contribuíram muito na consciência da população analfabeta existente hoje no Brasil. Portanto, esta história não se trata apenas de um simples relato ou curiosidades sobre o analfabetismo, mas sim um ponto de reflexão e crítica sobre as diversas formas que se teve até hoje de expulsar o analfabeto da escola.

O primeiro período que se pode registrar na educação brasileira é o período que vai desde o ano de 1534 a 1549, que é o período de instalação das **capitanias hereditárias**. Nesse período, com a vinda dos **donatários** e seus escravos, não houve preocupação com a educação escolarizada porque não havia ainda necessidade dela. Não há notícias de escolas nem de educadores neste período.

Já o período de 1549 a 1790 é caracterizado pela chegada dos **jesuítas** ao país. Nesse período, a preocupação pela educação surgiu como o meio capaz de tornar a população dócil e submissa, atendendo à política colonizadora portuguesa, determinada, como já foi dito, pelo Regimento do rei D. João III. Tomé de Souza traz consigo quatro padres e dois irmãos jesuítas liderados por padre Manuel da Nóbrega, elementos imprescindíveis à inculcação ideológica.

Docilizando a população nativa e os filhos dos colonos através da domesticação, da repressão cultural e religiosa, os jesuítas serviram à empresa exploradora lusa com a visão maniqueísta do mundo. Domestizando através das interdições, sobretudo as do corpo superestimaram o incesto, o canibalismo, a nudez. Imbuíram comportamentos de submissão, obediência, hierarquia, disciplina, devoção cristã, imitação e exemplo. Serviram-se, para isso das práticas do batismo, confissão, **admoestação** particular ou pública do **púlpito**, casamento, missas, comunhão, confirmação, pregações, procissões, rezas, jejuns, flagelações, teatralizações e ensino de vida **ascética** e de pobreza **ascitosa** como viviam eles, os jesuítas. A permanência dos jesuítas no Brasil se deu basicamente por motivos políticos e econômicos. NO ano de 1727, o tupi, chamado de língua basílica, foi proibido de ser falado no Brasil, por proclamação do governo português, datada de 1727. Os jesuítas foram expulsos do país em 1759, sendo todos os seus bens confiscados.

Enfim, até a metade do século XIX, a sociedade se caracterizava por uma estrutura social que não podia privilegiar a educação escolarizada, estendendo conteúdos alienados e de concepção elitista, com sistema desfacelado de "aulas avulsas", fecundada pela ideologia da interdição do corpo, que excluía da escola o negro, o índio e quase totalidade das mulheres (sociedade patriarcal), gerou um grande contingente de

analfabetos. Isto porque uma sociedade dual (senhor e escravo) de economia agrícola exportadora dependente (economia colonial) não necessitava de educação primária, daí o descaso por ela. Precisava, tão somente, organizar e manter a instrução superior para uma elite que se encarregaria da burocracia do Estado, com o fim de perpetuar seus interesses e cujo diploma referendava a posição social, política e econômica a quem o possuía e a seus grupos de iguais. Garantiam-se, através da educação, as **relações sociais de produção** e, portanto o modo de produção escravista e o analfabetismo.

Com o Decreto no 7031A, de 6 de setembro de 1878, ficam criados cursos noturnos para adultos analfabetos nas escolas públicas de instituição primária, de 1º grau de sexo masculino, no município da corte, decretado pelo ministro e secretário dos negócios do Império, Carlos Leôncio de Carvalho, dentro das preocupações dos liberais ilustrados.

Estes cursos funcionavam à noite com duas horas de aula no verão de outubro a março, e três horas no inverno, de abril a setembro, abertos à clientela masculina adulta, maiores de 14 anos. Tinham normas disciplinares explícitas, com um esquema rigoroso de punições e recompensas onde se deveria lecionar as mesmas matérias das escolas públicas de 1º grau diurnas eximindo católicos de frequentarem e prestarem exames de instrução religiosa.

O que impressiona, numa análise desta legislação, dentro de preocupações liberais, elaboradas por um homem público, tipicamente liberal, é a preocupação em impor dificuldades em lugar de facilitar que diz querer atingir a alfabetização...

As dificuldades apontadas estariam também no pequeno período de aulas diárias (2 ou 3 horas) e na obtenção, pelo aluno da nota de aproveitamento: as **sabatinas** que, além de repetir a matéria da semana, dariam um atestado de progresso; quatro semanas seguidas com este conceito proporcionariam uma nota de merecimento; três destes conceitos (no mínimo 12 semanas de bom rendimento escolar) dariam direito a ocupar o banco de honra; os alunos que ocupassem esse banco durante seis meses teriam seus nomes escritos no quadro de honra. Tudo isso se não houvesse falta às sabatinas, por que a falta num sábado acarretaria quatro faltas e nulificação do atestado de progresso. O máximo de faltas que o aluno poderia ter durante o ano era 40.

Ainda mais, no fim do ano letivo, certamente o fim do curso haveria um exame com banca presidida pelo delegado, mais o professor e outra pessoa indicada pelo inspetor geral. Neste, verificar-se-ia o rendimento do aluno perguntando-lhe sobre toda a matéria lecionada no ano constando de prova escrita com apenas meia hora de duração (ponto sorteado pelo melhor aluno da turma) feita em recinto fechado sob a vigilância dos examinadores favoráveis e reprovado, quando obtivesse a totalidade ou maior número de votos desfavoráveis.

Quando fosse reprovado por unanimidade de votos, haveria segundo julgamento, se novamente conseguisse a totalidade dos votos, seria aprovado plenamente, o que obtivesse 1 ou mais votos desfavoráveis nesta segunda fase seria aprovado simplesmente. O aprovado plenamente iria a terceiro julgamento e se aí obtivesse a totalidade dos votos favoráveis receberia a

nota de aprovado com distinção.

Não terminava por aí a gincana de obstáculos para derrubar os adultos analfabetos: no julgamento dos exames, seriam levadas em conta, além das provas orais e escritas, as notas de aplicação e comportamento que o professor apresentava à comissão julgadora.

Evidentemente, havia prêmios, livros e outros objetos úteis aos alunos constantes ao quadro de honra e aprovados com distinção. Os alunos que obtivessem aprovação plena nesses cursos tinham preferência de empregos em repartições e estabelecimentos públicos.

Aí se torna presente a associação entre saber e ascensão social. Direitos a quem sabe para distanciar de quem não sabe, maneira camuflada do discurso liberal, que entretanto dava continuidade à interdição do corpo.

Podemos afirmar diante da análise do Decreto 7031A, que o discurso de igualdade do liberalismo não colocava ainda como ponto de honra a extinção da escravidão e da "ignorância" dos cidadãos...

Ao terminar o império, a educação, como um todo, permanecia mais a nível de discurso do que de sua efetivação e sistematização.

O projeto de lei para reformar o ensino primário no Brasil, apresentado por Rui Barbosa à Câmara dos Deputados em 12 de setembro de 1882, juntamente e calcado no seu parecer sobre a matéria, jamais foi discutido, muito menos implantado, apesar de seu cunho "realista", isto é, dentro do liberalismo ilustrado, "desejado" por grande parte da população de então.

O Brasil-Império cresceu economicamente, teve relativa tranquilidade política, mas a educação popular continuou estacionária, determinando o crescimento do analfabetismo.

Estava estabelecida a "res-pública", mas o povo ficava fora das decisões políticas e do acesso aos bens culturais, para isso, permaneciam inibindo negros e índios. Quanto à mulher, apenas com aparência menos reacionária, entretanto, ainda interditando-a de ser mais. Dessa forma, a maior parte da população teria que ser analfabeta.

A legislação escolar do início do período de 1850 a 1930 estava presa ao pensamento "católico conservador" coerente com o regime Estado-Igreja e com o modo de produção escravista, que teve, desde seu início, na colônia o beneplácito da Igreja.

Posteriormente, os ilustrados, acreditando que a educação era, entre todas as forças, a primeira capaz de invocar a sociedade para o caminho da liberdade, ensaiaram uma legislação escolar dentro das "idéias novas" do século.

Um dos grupos que emergia mais clara e firmemente na década de 20, a burguesia industrial e os "novos políticos", interessava-se pela educação popular, mas, evidentemente, com objetivos que resguardassem seus interesses: alfabetizar as camadas subalternas, sobretudo o operariado, segundo suas doutrinas, podendo assim, ter mão de obra qualificada e a possibilidade de desestabilizar, através de eleições diretas e secretas, com poder absoluto da oligarquia cafeeira. Fato este, aliás consumado em 1930, mas pela cooperação e não pela divisão destas facções dominantes.

Desta forma este grupo dirigia a educação para os interesses "nacionalistas" e "industrialistas".

Na verdade, dentro da linha ideológica capaz de recuperar o poder político para si com todos os privilégios decorrentes.

A chamada Liga Brasileira Contra o Analfabetismo estava, evidentemente, a serviço deste grupo.

O grupo tradicional, aristocracia agrária e os velhos políticos, guardava, o mais possível, os valores e os modos de vida que lhe garantiam, já secularmente, os "direitos" e privilégios. Negavam coerentemente, as mudanças também na escola tanto o escola-novismo como a educação popular. Incentivavam os cursos superiores destinados a seus filhos.

O proletariado, organizando-se, mas perseguido e massacrado, acabou vencido, e extenuado, enquanto classe social em si, sem possibilidade de ter propostas educacionais concretas eficientes, capaz de tirá-lo da condição de dominado.

O primário estava a cargo dos Estados, desde 1834, que não tinham condições de efetivá-lo. Em alguns Estados, flutuando ao sabor das doutrinas da Escola Nova, após 1920, que não conseguia transformá-lo, substantivamente, e, portanto, sem possibilidades de alfabetizar os "cidadãos" da res-pública.

Em suma, relacionando-se os problemas políticos e econômicos e a concepção elitista, ideologicamente determinada pelas classes dominantes, com a estrutura e funcionamento escolar brasileiro deste período, é possível compreender a impossibilidade, dentro destes limites rígidos, de se superar o problema do analfabetismo.

A "despeocupação" pela educação, nos seus aspectos quantitativos e qualitativos, é a consequência deste construir histórico que traz em seu bojo, além do desprezo pelas camadas populares, a interdição de muitos ao conhecimento e, portanto, os perpetua na "incopetência", na "ignorância", nas "trevas", no "suicídio", na "praga negra", no "cancro", no "obscurantismo" e na "vergonha" da "chaga" do analfabetismo.

* Bibliografia- Analfabetismo no Brasil- Ana Maria Araújo Freire. Impresso em 1989 pela Cortez Editora. INEP.

DADOS ESTATÍSTICOS DO PERÍODO**

Ano	Taxa de Analfabetos acima de 15 anos	Nº de analfabetos
1900	65%	6.348.869
1920	65%	11.401.715
Taxa de analfabetos computando o total da população		
1890	85%	
1900	75%	
1920	75%	

** Dados dos primeiros censos demográficos realizados no Brasil-

IBGE.

* Na história da educação brasileira, o final da primeira República constitui, neste século, um dos dos mais importantes períodos, que se pode resumir numa luta nacionalista contra o analfabetismo, substituído na década de 1920 pela luta em favor do ensino primário integral. Durante a guerra, surge uma mobilização nacional contra o analfabetismo e contra a desnacionalização das escolas no sul, etc., fomentada por políticos desejosos de recompor o poder através da ampliação das bases eleitorais.

O período de 1946 a 1958 é considerado o período das campanhas, que corre do 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos, em 1947 até o 2º Congresso Nacional de Educação de Adultos, em 1958.

Na euforia democrática lançada pelo 1º Congresso, cria-se a Campanha da Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA).

A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, lançada em 1947 em todos os municípios brasileiros, estabeleceu classes de ensino supletivo, em horários vespertino e noturno, para analfabetos a partir de 14 anos, sem limite superior de idade. Instalaram-se, de início, 10 mil dessas classes, chegando-se a um número das mesmas 6 vezes maior do que o já existente. O movimento foi lançado como uma campanha a ser desenvolvida em proporções crescente. No ano de 1951, o número de classes (unidade de ensino) ascendeu a 16827, mantendo depois até 1959, média anual superior a 12 mil classes.

Até o ano anterior ao lançamento da Campanha, a matrícula das escolas noturnas atingia cerca de 160 mil alunos. Este contingente com a campanha veio a se expandir subitamente, pois, em 1948 a matrícula registrou mais de 700 mil. Até 1959, a média anual de adolescente e adultos foi superior a 600 alunos. Com isso, fica comprovado o decisivo influxo da campanha na baixa do Índice de analfabetismo registrado entre os censos demográficos de 1950 e 1960 (de 50,4% a 39,4%). Esses resultados alimentaram a euforia dos responsáveis que não se cansavam de conchamar, em discursos e revistas oficiais, o sucesso da inscrição de 5,2 milhões de alunos novos em 12 anos de Campanha, com uma quota de 51% de aprovação em relação à matrícula geral. As ilusões acabaram com a extinção da campanha em 1963: porém, as "experiências" continuaram.

Ainda no período de atuação desta Campanha, o próprio Ministério de Educação lançou outras campanhas e iniciativas de âmbito nacional. Em 1952, foi a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), destinada parcialmente à alfabetização, e que conseguiu bons resultados sob o aspecto de orientação social, embora atuando numa área limitada por falta de recursos. Em 1957 foi inaugurado o Sistema de Radio-Educação Nacional (SIRENA), que não deu uma contribuição satisfatória por deficiência de planejamento e de objetivos específicos definidos.

Em 1959, depois de outras experiências surgiu uma Campanha Nacional de Erradicação do analfabetismo (CNEA), com o objetivo de ampliar a rede de educação primária em municípios piloto, como base para um plano de educação orientada ao

desenvolvimento sócio-econômico: resultados escassos, com um certo prejuízo geral, dificultando a CNEA na sua atuação. Chegou-se ao ponto de existirem, sob influência direta do MEC, até 10 instituições descoordenadas com o próprio programa de educação de adultos.

O período de 1958 a 1964 é caracterizado como o período dos movimentos, onde o crescimento da qualidade do conteúdo da educação de adultos entre a CEAA e a CNER se traduz, também, na estrutura de trabalho e, normalmente, passa-se da fórmula "campanha" a uma atuação por "movimento", cujo aparecimento coincide com maior liberalização de idéias e um compromisso maior dos governos.

Nasceu, em 1960, o Movimento de Cultura Popular no Recife (MCP); em 1961 nasce o Centro de Cultura Popular da UNE, seguidos de muitos outros entre 62 e 64.

Em 1963 surge o Movimento de Educação de Base (MEB) que veio definindo a educação como processo de integração do homem na cultura, visa formar o próprio homem para uma realização pessoal no meio e com o meio ambiente. A alfabetização é apenas parte do programa.

Durante esse período ocorreram diversas experiências de educação popular envolvendo o movimento popular em todo o país, utilizando uma outra forma de alfabetizar diferente daquela utilizada pela escola tradicional. Isto levou o Ministro da Educação do Governo João Goulart em 1963 a chamar o educador Paulo Freire a coordenar o Programa de alfabetização desenvolvido pelo Ministério da Educação. As experiências deste programa apresentaram resultados satisfatório em todos os níveis, principalmente experiências do Distrito Federal com a metodologia de Paulo Freire em 1963.

Em 1964, com a tomada do poder político pelos militares, suprimida a participação das massas, cessam os movimentos de educação de base. Só a partir de 1966, por pressão internacional da UNESCO, há a retomada da educação de adultos, para, a partir de 1968, ampliar-se novamente a educação das massas, já com outra natureza.

Em 1966, o governo, através do MEC, estabelece o Plano Complementar, ligado ao Plano Nacional de Educação.

A Cruzada Ação Básica Cristã, que era um movimento de caráter filantrópico, tem por objetivo alfabetizar e integrar o indivíduo em seu meio, tendo presentes as aspirações da comunidade e as exigências do desenvolvimento. Os recursos dessa campanha eram provenientes da USAID (Estados Unidos) e do Ministério da Fazenda e Planejamento da época.

O Plano Complementar e a Cruzada Ação Básica Cristã enquadram-se no que se poderia chamar de "realismo em educação" cujo caráter é a formação de técnicos especializados, que não chega a ser executado. A Cruzada Ação Básica Cristã foi extinta em 1971.

Todo o período que marca o movimento de 64 vem contrabalançado por duas tendências em educação: de um lado predomina a tentativa de estender o ensino elementar a toda população; de outro, as preocupações técnicas oscilam conforme o grupo militarista que assume o poder político.

Um dos períodos mais férteis de tais oscilações foi o

ano de 1968. Isto porque predominavam no governo tendências a um certo nacionalismo, e preconizavam-se aberturas democráticas.

Em decorrência de tais tendências e antes da sucessão governamental, realizou-se em 1967 um Seminário intitulado "Educação e Desenvolvimento". Neste seminário constatou-se que os grupos técnicos em educação defendiam dois pontos de vista, que consideram o humanista e o tecnocrático.

O ponto de vista humanista carregava os ideais em educação anteriores a 64, influenciados pelo pensamento cristão (esquerda católica) em que a educação deveria vir antes, como elemento propiciador de atitudes necessárias ao desenvolvimento.

Já o ponto de vista tecnocrático via a mudança de mentalidade como posterior ao desenvolvimento sócio-econômico. Enfatiza o caráter educativo do próprio desenvolvimento, traçando diretrizes do planejamento educativo e áreas prioritárias de ação. Segundo eles, as mudanças estruturais eram aquelas que estavam sendo operadas pelo governo da "revolução".

As conclusões do Seminário primam em favor do planejamento educacional visando a educação como uma ação erradicadora das tensões que se estenderia em todas as áreas que sofressem intensiva tecnificação, e outras em que ocorressem um desenvolvimento integrado.

Daqueles movimentos existentes antes de 1964 somente o MEB existia, mas completamente restaurado em sua metodologia e orientação e voltado mais especificamente para a Região Norte.

Em meados de 1970 foi criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Tratava-se, portanto de uma iniciativa governamental para a erradicação do analfabetismo no país, aproveitando-se de um dos maiores recursos já investidos em educação no país.

Com relação às suas características, o MOBRAL pretendia ser conscientizador, mas sem o propósito de uma politização prematura, e representaria completa rejeição à metodologia de Paulo Freire. Também, através do material didático levaria ao incentivo do esforço individual, ao estímulo e adaptação a padrões modernos da nova sociedade de consumo e correspondia a uma nova orientação para o ensino extensivo.

Os riscos de tal instrumentalização da educação foram considerados, na própria estimulação de conquistas individuais, no bloqueio de mobilização social, na falta de abertura de um processo e, portanto, na impossibilidade de manifestações das massas, tornadas apáticas pelo esquema propagandístico montado e pelo controle nos locais de trabalho e órgãos de classe, e pelo total estrangulamento de movimentos críticos ao sistema.

O planejamento educacional atinge um nível operacional em que o Estado determina as tendências ideológicas dos novos técnicos em educação.

**Em décadas mais recentes têm sido atribuído a alfabetização uma perspectiva instrumental, associada à crença de que usos mais práticos para a alfabetização precisavam ser enfatizados. Esta perspectiva instrumental da alfabetização está resumida no conceito de alfabetização funcional. Este termo foi cunhado pelo Exército dos Estados Unidos durante a II Guerra Mundial para indicar a capacidade de entender as instruções

escritas necessárias para conduzir ações e tarefas militares básicas... correspondendo ao nível de leitura do quinto ano.

Contudo, foi só depois da Conferência Internacional de Educação de Adultos da UNESCO, em 1949, que a perspectiva da alfabetização como um meio de dar às pessoas "a capacidade de se tornarem independentes e de se educarem a si mesmas". isto é, uma perspectiva instrumental, ganhou contornos mais claros. Em 1962, uma proposta da UNESCO definiu uma pessoa alfabetizada como alguém que

"adquiriu conhecimento e habilidades essenciais que lhe permitem engajar-se em todas aquelas atividades que requerem da alfabetização para um efetivo funcionamento do seu grupo e comunidade e cujo domínio da leitura, da escrita e da aritmética permite-lhe continuar a usar estas habilidades para o seu próprio e para o desenvolvimento."

Estes conceitos da UNESCO têm sido a base de muitos programas de alfabetização em diversos países, nos anos subsequentes, enquanto que o conceito original de alfabetização funcional passou a ser visto como um conjunto de habilidades a serem ensinadas na escola. Atualmente estas habilidades podem ser vistas como o reflexo de uma pedagogia desenvolvida principalmente nos últimos quarenta ou cinquenta anos, que correspondem ao período em que a expectativa de universalização da alfabetização se tornou mais forte.

Contudo, uma mudança mais ampla nos debates sobre o conceito de alfabetização aconteceu na Conferência Mundial de Ministros da Educação para a Erradicação do Analfabetismo, em 1965, em Teerã. Lá a perspectiva instrumental ficou mais claramente associada com a melhoria de padrões de vida, produtividade econômica, participação na vida civil, e com uma melhor compreensão do mundo, como o Relatório Final da Conferência mostra. Os resultados desta Conferência levaram no ano seguinte ao programa Experimental Mundial de Alfabetização, cujo objetivo primordial era "testar e demonstrar os retornos econômicos e sociais da alfabetização".

Desde então este e outros conceitos de alfabetização que reforçam seu aspecto funcional tem sido amplamente aceitos em virtude de sua aparente neutralidade e ambiguidade e de sua formulação. Inúmeras variantes têm sido criadas, mas desenvolvidas a partir do conceito funcional de, e, de um modo ou de outro tentando refletir as perspectivas neutras, utilitárias ou instrumentais, perspectivas que separam cultura e alfabetização.

Uma década depois da Conferência Mundial de Ministro da Educação em 1975, no Simpósio Internacional de Alfabetização, a posição neutra daquele conceito foi contestada, por duas razões principais. Primeiro houve o reconhecimento do fracasso das campanhas desenvolvidas na década anterior e, segundo, o trabalho desenvolvido neste período por Paulo Freire e outros contestou o "pensamento convencional".

No caso brasileiro, a influência destas perspectivas instrumentais separando cultura e alfabetização no conceito de alfabetização pode ser detectada, em mais de uma situação. Uma primeira são as formulações do Movimento Brasileiro de

Alfabetização (MOBRAL). A orientação do MOBRAL era diretamente derivada do conceito funcional, onde cultura e alfabetização eram separadas e onde alfabetização era definida como "um processo de aquisição de habilidades ou capacitação para o trabalho".

Apesar das declarações do Ministro da Educação da época, Jarbas Passarinho, que dizia que no MOBRAL os alunos não aprendiam a escrever apenas o próprio nome e sim de formar novos homens, os quinze anos de duração do MOBRAL se caracterizou exclusivamente por falhas e por uma profunda decepção dos alunos que ingressavam nesta instituição para serem alfabetizados. O MOBRAL, contrariando todas as suas expectativas iniciais, acabou contribuindo ainda mais para o crescimento do analfabetismo no país. Serviu de cabo eleitoral para a eleição de muitos políticos da época. O MOBRAL foi extinto em 1986 pelo então Governo Sarney.

Com a extinção do MOBRAL, foi criada a Fundação Educar, que era a responsável pela erradicação do analfabetismo no Governo Sarney.

A Fundação Educar veio a apoiar diversas entidades do movimento popular que realizavam trabalhos de educação popular e alfabetização em todo o país. Um dos projetos apoiados pela Fundação Educar foi o projeto da Baixada Fluminense no Rio de Janeiro, que lhe concebeu um prêmio da UNESCO pelo documentário sobre o trabalho de alfabetização desenvolvido naquela região.

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, de acordo com o artigo 60 das Disposições Gerais e Transitórias, o Governo Federal e toda sociedade civil se encarregariam de juntar esforços para erradicar o analfabetismo no país em 10 anos.

A Fundação Educar era a principal responsável pela execução desta tarefa, levando-a juntamente com o MEC a convocar a convocar uma comissão de diversas pessoas que trabalhassem com alfabetização para que discutissem o Ano Internacional da Alfabetização, que, no caso, seria o ano seguinte, 1990. Tal comissão foi batizada de Comissão Nacional para o Ano Internacional da Alfabetização (CNAIA) e tinha como participantes diversos intelectuais da educação, entre eles Paulo Freire.

Com a extinção da Fundação Educar pelo novo Governo, em 1990, acaba também a Comissão.

Em pleno Ano Internacional da Alfabetização, são realizados em todo país diversos debates, encontros, congressos e Seminários por entidades não governamentais no sentido discutir e apresentar propostas para a erradicação do analfabetismo no Brasil. Uma dessas discussões foi a do I Congresso Brasileiro de alfabetização realizado em setembro na cidade de São Paulo e promovido pelo Grupo de Estudo e Trabalhos em Alfabetização do Estado de São Paulo (GETA). Esse Congresso teve como principais resoluções, entre outras, combater o preconceito em relação ao analfabeto, reconstruindo o conceito de alfabetização bem como garantir a participação conjunta de governo e sociedade civil na definição princípios e diretrizes da política nacional de alfabetização.

Nesse mesmo ano o Governo Collor lança o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania que pretendia reduzir em 70% o número de analfabetos no país nos 5 anos seguintes. Ao lançar este programa o governo cria também a Comissão do Programa

Nacional de Alfabetização e Cidadania, composta de diversas organizações e "personalidades de notório conhecimento em programas de alfabetização".

Oito meses depois do lançamento do Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania verificou-se uma completa desvinculação do Programa com a Comissão criada por ele, pois vários recursos eram liberados a diversas instituições e empresas que muitas vezes não tinham nenhuma preocupação na área de alfabetização. Estes e outros fatos ocasionaram a ameaça de demissão da Comissão e protestos de diversas entidades de movimentos populares e sindicais. Nesse período de oito meses os interesses políticos levaram o governo à criação de diversos programas que não beneficiavam diretamente a população analfabeta.

Enfim, o que caracteriza esse programa é a sua grande divulgação junto aos meios de comunicação e a seu caráter demagógico...

OS CENSOS DEMOGRÁFICOS E A REALIDADE

Em todos os censos demográficos realizados, o IBGE tem definido as pessoas alfabetizadas de duas maneiras diferentes. São considerados alfabetizados aqueles que "são capazes de ler e escrever uma mensagem em qualquer língua" e aqueles que conseguiram aprender a ler e escrever, mas esqueceram, e analfabetos são definidos como aquelas pessoas que só são capazes de escrever o próprio nome.

Tais definições não demonstram claramente a verdadeira situação do analfabetismo no país, além de negar todo um conceito de indivíduo realmente alfabetizado.

Existem diversos fatores que influem nas pesquisas sobre o número de analfabetos, como a própria vergonha de muitos em dizer que são analfabetos.

Mesmo assim, o percentual de analfabetos por habitante no Brasil tem sido, nos últimos anos, um dos maiores do mundo como demonstra os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

DADOS ESTATÍSTICOS DE 1940 ATÉ O ÚLTIMO CENSO DEMOGRÁFICO

Ano	Taxa de analfabetos acima de 15 anos	No de analfabetos
1940	56,1%	13.269.381
1950	50,6%	15.272.632
1960	39,7%	15.964.852
1970	33,8%	18.143.977
1980	26,0%	19.330.254

Bibliografia

* Caderno do CEAS No 33- Uma contribuição à história da Educação brasileira de Roberto Etave e Roseli Dias, Páginas 62 a 67. 1974.

Caderno do CEAS No 19, junho de 1972. Analfabetismo e Processo. Pierre Furter e Aníbal Buitrón. páginas 20 a 26.

** Teoria e Educação - Fevereiro de 1990. Os processos sociais na construção da alfabetização - Elizabeth de Almeida Puchalski Novo.

CÍRCULO DE CULTURA

Alfabetizar é, além de aprender a ler e escrever, compreender a realidade que se está lendo ou escrevendo. Dentro de uma visão geral do mundo, o alfabetizado deverá ter sua opinião própria sobre os fatos e acontecimentos que o cercam, sem ficar dependente da avaliação de outras pessoas. Este conceito vem se diferenciando do que se convencionou pensar sobre alfabetização, como processo mecânico de decodificação da leitura e escrita.

É dentro desta proposta que cabe o conceito de CÍRCULO DE CULTURA, como sendo um encontro entre culturas (alfabetizando/coordenador/observadores), onde cada uma tem sua experiência para trocar e enriquecer-se com a experiência do outro. É uma dinâmica que recupera o princípio básico da convivência em grupos, respeitando as diferenças quanto à escolaridade, idade, sexo, cor, religião ou qualquer que seja o motivo, e assumindo as diferenças como fato positivo de troca entre sujeitos que têm sua própria consciência.

Para que isto ocorra o coordenador deverá propiciar esta troca, sem estabelecer a relação que hoje se verifica na sala de aula tradicional, onde o professor é uma autoridade que detém o saber, enquanto o alfabetizando é aquele que nada tem a contribuir. Isto não é reconhecimento das diferenças, mas imposição de um sobre o outro. Esse tipo de relação não deve acontecer no que chamamos de círculo de cultura.

É um círculo, exatamente porque assim deverão estar dispostas as cadeiras e carteiras, para que um alfabetizando possa olhar para o outro, estabelecer um diálogo em que todos são sujeitos, facilitando a comunicação entre as pessoas que se olham e trocam suas experiências. É um círculo de cultura porque o exercício de entrar no mundo do outro e apresentar aos outros seu mundo recupera muito da nossa cultura perdida, revela o que pode ser desconhecido para alguns e proporciona uma nova visão de leitura do mundo, tornando o alfabetizando confiante de que ele também faz cultura, de que ele também é cultura. Como pode ser percebido, o círculo de cultura é mais que uma sala de aula tradicional, onde há o lugar de destaque do professor e de onde ele passa a ditar as normas para a aprendizagem dos alunos que ficam um olhando as costas ou a nuca do outro. Este é um fator fundamental para que o círculo funcione.

A proposta de alfabetizar em círculo de cultura pretende estender as discussões ali realizadas para o círculo maior de convivência das pessoas, ou seja, a comunidade onde vivem os alfabetizando, coordenador e observadores, para garantir a concretização das propostas apresentadas pelo grupo quando levantam as possíveis soluções para seus problemas cotidianos.

QUEM SÃO OS ALFABETIZANDOS?

As pessoas não alfabetizadas são, geralmente, trabalhadores que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola quando crianças. Uns, porque onde moravam não havia escolas, outros precisavam trabalhar para ajudar os pais; as mulheres, na maioria, não estudaram porque os pais diziam que mulher não precisava estudar, pois só ia aprender para escrever bilhetes para os namorados; e para corresponder ao seu papel de mulher na sociedade não precisava aprender a ler nem escrever. Representam, hoje, no país, cerca de 32.800.000 pessoas.(VER FONTE de Sérgio Hadad)

São as pessoas excluídas e empurradas, geralmente, para periferias das cidades ou em terras arrendadas na roça, em função do seu baixo poder aquisitivo. Trabalham como lavradores, bóias frias, serventes, empregadas domésticas, donas de casa, lavadeiras, diaristas, garis, enfim, ingressam em ocupações que não lhe exigem nenhum grau de escolaridade. E vivem à margem da sociedade tentando, pelo menos, garantir a seus filhos a possibilidade de estudar que eles não tiveram.

Quanto a um levantamento nacional do número de analfabetos e onde se encontram, os dados além de insuficientes, são mascarados, pois atendem a interesses políticos dos órgãos que os divulgam. Outra dificuldade enfrentada pelos coordenadores de círculos, quando vão identificar os analfabetos é o fato deles se esconderem. A vergonha que muitos sentem ao assumir que não sabem ler, os levam a camuflar das formas mais variadas possíveis suas deficiências a este respeito. Foi toda uma imagem depreciativa e perjurativa do analfabeto, criada ao longo dos anos da história do nosso país e mantida principalmente pelos Meios de Comunicação Social, que contribuiu para que estes assumissem uma posição de auto defesa.

É inegável a força destas pessoas na luta pela sobrevivência, o fato de viverem em uma sociedade letrada exige deles a busca constante de alternativas para identificar o ônibus que deverão pegar, o banheiro público que podem usar, um endereço em lugares estranhos, o candidato em quem votar etc.E, não sem dificuldades, eles tem conseguido se virar:

(Ilustrações da folha de SP)

Partindo desta realidade, imposta pelo sistema em que vivemos, encontramos um analfabeto discrente consigo mesmo. Não acreditando que é capaz de fazer qualquer coisa além daquilo que já vem fazendo. O conceito de que ele é capaz de aprender a ler, escrever e pensar é, a princípio, ignorado. É como se já estivesse esgotada toda possibilidade de aquisição de coisas novas e, mesmo aquilo que ele sabe não tivesse qualquer valor. É a velha história de que "papagaio velho não aprende a falar".

O grande desafio que o alfabetizando encontra, então, no círculo de cultura, é uma oportunidade do reencontro consigo mesmo. Com aquilo que está adormecido já há muitos anos, que é a sua plena capacidade de ver e rever o mundo, reinventando-o a cada momento, superando seus medos e abrindo um espaço para outras pessoas entrarem em sua vida, através da troca de experiência. É o tornar-se sujeito da história. Esta mudança não ocorre como num passe de mágica, mas se trata de um processo .Só

uma ação coletiva é capaz de ajudá-lo a chegar a isto, revertendo todo o processo de descaracterização da pessoa humana.

QUEM SÃO OS COORDENADORES E OBSERVADORES?

Os coordenadores e observadores de círculo de cultura são, em geral, pessoas que se preocupam e atuam pela resolução dos problemas sociais, políticas e econômicas de nosso país, através de sindicatos, associações, partidos etc, percebendo, dentro deste contexto, um espaço a mais para intervir nesta realidade, através da alfabetização. São jovens e adultos que após o segundo grau, ou até mesmo antes, percebem que podem contribuir com aqueles que não tiveram oportunidade de estudar, pelo descaso com que se trata a alfabetização, a educação em geral, neste país.

Nossa experiência tem demonstrado que, os que optam por este trabalho, estão em geral, mais próximos da realidade dos alfabetizando e comprometidos com esta realidade. Moram na comunidade em que realizam o círculo de cultura e trabalham também por lá, se isto é possível.

Como não poderia deixar de ser, o coordenador desde o início de sua atuação no círculo de cultura e mesmo antes passa a fazer uma profunda revisão em seus conceitos e preconceitos, sua formação se dá na prática, seguida de uma auto-avaliação constante e não assume a postura de professor. Professor, aqui entendido, como o detentor de um conhecimento a ser transmitido para o aluno. Ele atua como animador do círculo, propiciando ao grupo situações de diálogo e confronto das idéias apresentadas. A princípio, ele parece ser a figura principal, mas a partir do momento em que o diálogo se estabelece no círculo, cada um que fala merece tanta atenção quanto o coordenador, isto descentraliza a discussão, recuperando a comunicação no seu sentido real.

É uma postura completamente diferente do que se vê hoje nas escolas, portanto, o coordenador deve se preparar para trabalhar no círculo de cultura. Aprender com os alfabetizando e passar-lhes suas experiência, propiciando-lhes os momentos de descoberta e descobrindo também com eles.

(COLOCAR DEPOIMENTO DE GRAÇA E JANE)

Lembramos ainda que a palavra coordenador pode ser tida sob duas interpretações: ORDENAR COM e

ORDENAR COR (sendo cor aqui a representação da palavra coração, ou seja, aquele que ordena com o coração)

?(ACRESCENTAR GRÁFICO DAS INTERAÇÕES NO CÍRCULO)
E FLUXOGRAMA

A observação direta no círculo de cultura é a metodologia adequada para formar o educador que queremos. É o observador que subsidia o coordenador durante a avaliação de todo o processo do círculo. Neste curso, especificamente, estamos sugerindo que o trabalho seja feito em duplas, exatamente para que os papéis de coordenador e observador possam ser alternados.

O observador, num círculo de cultura, é um agente importante para o bom andamento dos trabalhos. Isto, porque ele

acompanha a tudo e a todos, procurando avaliar tanto os alfabetizandos, quanto o coordenador. Sua atuação não é passiva, à medida em que anota as informações sobre a participação nos debates, leitura dos cartazes, correção de palavras, também dá sua contribuição, suas opiniões durante o círculo.

As anotações feitas pelo observador, no decorrer das atividades, são de fundamental importância, pois são elas que servirão de instrumento para que ocorra a avaliação, daí porque tais anotações devem ser bem feitas, ou seja, relatarem os fatos tais como eles acontecem, sem a preocupação de fazer a interpretação ou julgamento neste momento. A discussão é um momento posterior que ocorrerá entre coordenador e observadores.

O observador, geralmente, é aquele que está aí para aprender junto com o coordenador. Daí a importância dele anotar em sua observação qualquer dúvida que surgir acerca do assunto desenvolvido em uma atividade. Ele também pode atuar diretamente no círculo, ajudando os alfabetizandos quando estes sentem dificuldades na leitura das fichas; na formação de palavras, etc, dando um acompanhamento mais individual.

Neste momento, é importante observarmos a atuação de um coordenador e dos observadores através do vídeo I, anotando as funções de cada um e como estão desempenhando seus papéis, conforme roteiro abaixo:

(VIDEO I)

Agora que você já passou pelo exercício de observação vamos lhe indicar mais alguns papéis do coordenador e do observador, para você confrontar com o roteiro preenchido.

São atividades do coordenador de círculo de cultura:

a) Dinamizar o debate inicial. Sendo um dos momentos importantes do Círculo de Cultura, é necessário que haja sempre o incentivo à participação de todos os alfabetizadores. É no debate que surgem as opiniões de cada alfabetizando. É no debate que vão surgir as diferentes maneiras de ver o conhecimento, conceitos e preconceitos de cada um. É importante que o coordenador esteja aberto à discussão e procure valorizar as opiniões de todos. Observe o gráfico abaixo, para verificarmos o papel do coordenador no debate da palavra geradora:

b) Coordenar a leitura dos cartazes de descoberta, estando atento para as dificuldades apresentadas por cada alfabetizando.

c) Coordenar a correção das palavras e frases, tendo em vista ser este um momento delicado do trabalho do círculo. O alfabetizando se mostra, muitas vezes, ansioso, com medo de errar e cabe ao coordenador ter o cuidado de não reforçar a idéia de que ele é incapaz de aprender, nem mesmo conduzir a correção, não permitindo ao alfabetizando descobrir, a seu tempo, as respostas. Este é um momento muito importante do círculo, pois é aqui que ocorre a descoberta ou o alfabetizando pode partir para o processo de adivinhação. Isto depende de como for coordenado este momento.

d) Orientar e acompanhar os observadores em seu processo de formação.

Dentro de todas estas atribuições dos coordenadores de círculos de cultura, uma é imprescindível: a disponibilidade de aprender com tudo e com todos. No processo da alfabetização libertária, descobre-se que não é apenas alfabetizar que liberta, mas conviver num círculo é um contante convite a mudança, para todos os envolvidos nele.

São atividades do observador no círculo de cultura:

a) Junto com o coordenador, encontrar momentos de reuniões periódicas de avaliação e estudo, o que contribui no processo auto-formação.

b) Contactar alfabetizando para a formação dos novos círculos;

c) Ter todas as observações anotadas, para que possam ser utilizadas nas reuniões de avaliação;

d) Auxiliar o coordenador na confecção dos materiais para o círculo.

COMUNIDADE ONDE SE REALIZARÁ O CÍRCULO DE CULTURA

Em geral, os círculos de cultura acontecem próximo ao local de moradia ou de trabalho dos alfabetizando, portanto, não há distância entre a realidade destes e a da comunidade. Apesar disto, vamos encontrar pessoas que não tem conhecimento do que acontece à sua volta, principalmente, porque vivemos num sistema que quer garantir o isolamento, o individualismo de todo o povo.

O contato com a comunidade já se dá desde o levantamento do universo vocabular, quando você vai divulgar a formação do círculo de cultura, em igrejas, associações comunitárias, clubes de mães, rádio; ou quando você entra em contato direto com o trabalhador na empresa ou no sindicato etc. O coordenador e o observador engajado nas lutas locais, não terão dificuldades para este contato.

Um círculo de cultura não depende somente dos alfabetizando, coordenador e observadores, mas é fundamental a participação direta de toda comunidade onde ele está sendo realizado. Esta integração é que garantirá a realização de um trabalho a partir da realidade do grupo envolvido.

Neste sentido é fundamental que o coordenador e os observadores, principalmente, sejam pessoas conscientes e comprometidas com as lutas da comunidade local. Pois só assim, poderão esclarecer dúvidas próprias e dos alfabetizando diante de problemas levantados nos debates. Para isto é importante buscar as informações sobre a história local, sua fundação, o povo que lhe deu origem, o significado de seu nome, sua história política, quais os problemas atuais que enfrenta etc., e juntos procurarem uma solução para estes problemas levantados.

O contato com associações, centros de saúde, clubes de mães, igrejas, sindicatos e outros, poderá proporcionar ao círculo

de cultura um conhecimento mais amplo do papel que cada uma destas instituições tem, e mesmo, o que cada uma deveria estar realizando pela comunidade como um todo. Partindo deste conhecimento, o alfabetizando pode passar a ser agente de transformação neste meio, pois ele não irá apenas para avaliar, mas também, para propor formas de encaminhar a solução dos problemas evidenciados pelo grupo.

É um momento rico no círculo, quando o grupo consegue sair apenas das discussões e encontra, ou cria, seu espaço lá fora para a luta concreta pela melhoria das condições de vida de todos. Isto, tanto coordenadores e observadores, como alfabetizando. Podemos citar como exemplo, no caso dos coordenadores e observadores, a criação de entidades como o Centro de Educação ?Paulo ?Freire de Ceilândia (CEPAFRE) e o Centro Popular de Educação e Cultura do Gama (CPEC), pelos jovens que atuam em alfabetização com a metodologia aqui apresentada, nascem de uma organização mais efetiva da luta pela erradicação do analfabetismo e estapola para outras lutas no Distrito Federal. No caso dos alfabetizando, encontramos alguns que após terminada a fase da alfabetização se organizam para exigir do Estado a continuidade no supletivo, outros, sendo de sindicato, passam então a se interessar mais pelas lutas de sua categoria, pelas reivindicações, pela leitura dos boletins e jornais.

Esta mudança nas vidas das pessoas que estão envolvidas nos círculos de cultura, pode ser bem entendida a partir também do gráfico das interações, onde coordenadores, observadores e alfabetizando vão em busca de outros espaços para continuar seu processo de aprendizagem. Isto pode ocorrer após o círculo de cultura, um tempo depois, ou não acontecer, vai depender da inquietude que cada um sentirá durante ou após o processo.

COMO FAZER UM CÍRCULO DE CULTURA

I - Levantamento do Universo Vocabular:

1) Pesquisa:

A pesquisa do universo vocabular se dá no contato do coordenador com a comunidade que deve ser feito de forma íntima, prazerosa e, sobretudo, amigável, eliminando, assim a utilização de um roteiro pré-estabelecido de perguntas. A pesquisa é feita em todos os lugares onde o povo está: bares, campo de futebol, escolas, Igrejas, associações, trabalho, mercados. Todas as pessoas são ouvidas, não só os adultos, mas também as crianças. Este levantamento pode ser feito também a partir da escuta dos diálogos que, comumente, ocorrem em paradas de ônibus, filas de hospital, festas locais, etc. Em alguns momentos, o pesquisador, poderá estabelecer um diálogo informal com as pessoas nestes locais de maior aglomeração, sem se preocupar em escrever o que for dito no mesmo momento, isto causa inibição e constrangimento. Em outros, nem se faz necessária a intervenção do pesquisador no diálogo, mas ele apenas observa e anota as discussões que possam estar acontecendo entre pessoas.

Caso você seja da própria comunidade, este trabalho se torna ainda mais fácil de ser aplicado, pois já conhece o modo de

viver, de agir e os costumes dessas pessoas, facilitando assim o bom relacionamento entre ambos, tanto na hora do levantamento do universo vocabular, como no próprio círculo de cultura. Mas, cuidado para não se enganar com as palavras que você está levantando; elas devem ser realmente do alfabetizando e não suas. Se você sentir necessidade, faça uma releitura das palavras levantadas antes de iniciar a seleção.

2) Seleção das palavras geradoras:

Após o levantamento do universo de mais ou menos 150 palavras do vocabulário da comunidade que será alfabetizada, passamos para a seleção destas palavras, utilizando os seguintes critérios:

(ACRESCENTAR O DESENHO DA PENEIRA)

- Possibilidade figurativa;
- Problemática existencial;
- Dificuldades fonêmicas.

a) Possibilidade Figurativa:

A primeira seleção que é feita com as palavras levantadas é a verificação daquelas que podem ser representadas figurativamente, ou seja, através de uma gravura ou do objeto concreto. É importante ressaltar ao coordenador que esta representação deverá ser o mais real possível, por exemplo, no caso do levantamento feito em São Miguel do Araguaia, Tocantins, uma das palavras selecionadas foi rede, portanto, no círculo de cultura, quando for trabalhada a palavra rede este objeto será levado para que todos observem e discutam sobre a realidade que o envolve.

Outro detalhe que precisamos observar é que palavras importantes como: governo, política, saúde, doença, amizade, luta etc. não são fáceis de serem representadas, por isso procuraremos abordar a realidade que cada uma delas trás, em outras palavras similares ou que abrem o espaço para estes questionamentos.

b) Problemática Existencial:

As palavras levantadas passam pela primeira seleção sendo revisadas, observando sua abrangência no que se refere à representação de problemas econômicos, políticos, ideológicos, saúde, habitação, família, lazer e transporte.

É necessário que a palavra geradora tenha um significado na realidade em que será discutida, seja de interesse do grupo de alfabetizando e possa despertar no grupo a possibilidade de dar sua opinião sobre o tema, ouvir a opinião dos demais ou, até mesmo, alguns reconhecerem que nunca pensaram em tal problema. Isto não é uma prática da sociedade em que vivemos, pois a maioria das notícias que ouvimos no rádio ou na televisão, já vêm prontas, não temos espaço para questioná-las e acabamos por engolir-las. O círculo é que representa um espaço para uma reflexão coletiva da realidade.

Mas, é importante verificar que para uma palavra representar

uma problemática existencial é preciso observar o grupo que será alfabetizado. Por exemplo: A palavra CADEIRA, para uma dona de casa, não representa muita discussão no círculo. Já, para um marceneiro, ela abrange toda uma realidade, ligada a questões econômicas, de sobrevivência, no seu dia-a-dia. Enquanto que, a palavra COMIDA, gera uma discussão que é comum a todos os alfabetizando. Outros exemplos vemos nas palavras CAPACETE, utilizada especificamente nos círculos de cultura da construção civil e BABACU, utilizada, na zona rural de Tocantins.

c) Dificuldades Fonêmicas:

A seleção final das palavras é feita com base nas dificuldades fonêmicas da língua portuguesa, ou seja, procura-se escolher as palavras que representam todos os sons emitidos na língua, evitando a repetição de um ou mais sons, por várias palavras. Estes sons vem representados pelas seguintes letras: B, C (forte) e C(brando), D, F, GU, G(forte) e G(brando), J, L, M, N, P, QU, R(forte) e R(brando), RR, S(forte) e S(brando), SS, T, V, X, Z, CH, LH, NH,

Terminada a seleção do universo vocabular, ainda é preciso ordenar as palavras selecionadas para serem utilizadas no círculo. Isto é feito seguindo, basicamente, dois cuidados:

- As primeiras palavras deverão apresentar dificuldades fonêmicas mais brandas, ou seja, sem entrar nas complexidades dos SS, RR, C, TR, CH, LH, NH, QU, GU. Por exemplo, podemos citar a primeira palavra utilizada em Ceilândia-DF: LOTE; no Gama-DF: POVO; em São Miguel-TO: REDE.

- Os fonemas iguais na escrita, mas diferentes na pronúncia e vice-versa, não deverão ficar próximos uns dos outros. Por exemplo: a palavra CHUVA é a 4a, enquanto FAXINA é a 15a, no levantamento do Gama-DF; ...

3) Etimologia das palavras geradoras:

ETIMOLOGIA significa a origem de uma palavra. O estudo da origem das palavras surgiu a partir das dificuldades de se compreender a ortografia de algumas, nos círculos de cultura. Um dos exemplos desta situação é a palavra RELIGIÃO, que os alfabetizando de Ceilândia-DF perguntaram porque era com G e não com J. No dicionário etimológico está que religião vem de RELIGARE, por isso se usa G e não J.

Foi a partir desta experiência, que os coordenadores de Ceilândia passaram a procurar a origem das palavras, no Dicionário Etimológico, como uma das fontes de pesquisa.

Vejamos alguns exemplos de etimologias ...

EXEMPLO DO LEVANTAMENTO DO UNIVERSO VOCABULAR GAMA/DF

...

EXEMPLO DO LEVANTAMENTO DO UNIVERSO VOCABULAR SÃO MIGUEL DO ARAGUAIA- TO

Esta pesquisa do universo vocabular se deu através da

TRABALHO
RELIGIÃO
POLÍTICA

Irmã Hilda Weismuller, religiosa que trabalhava em São Miguel com a comunidade rural e conheceu a experiência de alfabetização com o método Paulo Freire através de um encontro de jovens da Pastoral da Juventude, em Goiânia, onde jovens do DF contaram o trabalho que vinham fazendo na cidade satélite do Gama.

1o PASSO - Pesquisa do universo vocabular em São Miguel do Araguaia-TO, zona rural, em 1990. Foram pesquisadas 206 palavras: terra, roça, lavrador, trabalho, trabalhador, posseiro, posse da terra, planta, roçar, capinar, capim, mato, arroz, feijão, abóbora, legume, mandioca, macaxeira, fubá, farinha de macaxeira, casa de farinha, inverno, verão, chuva, seca, colheita, frutas, banana, laranja, mamão, enxada, foice, fome, carístia, babaçu, palmeira, jumento, carrega, família, mulher, quebradeira de côco, dona de casa, mãe, lavradora, azeite de côco, carvão, fogão, panela, pote, pilão, pilar arroz, comida, merenda, filhos, crianças, doença, necessidade, preocupação, dinheiro, casa de taipa, palha, machado, rede, horta, saúde, remédio, leite de côco, vacina, Imperatriz, Sete Barracas, São Francisco, sindicato, comunidade, companheiros, reunião, união, compromisso, conflito, conflito de terra, luta, mutirão, povoado, povo, popular, participação, direitos, justiça, medo, violência, organizar, organização, conquistar a terra, discutir, eleição, votar, garimpo, garimpeiro, escola, estudar, festa, rádio, religião, bíblia, lavoura, terra bruta, terra mansa, brocar, tocar fogo, represa, represa de água, cerca, beirar a cerca, reforma agrária, assentamentos, assentados, beira do rio, grotas, brejo, quebrar milho, apanhar arroz, sol quente, solão, prepara chuva, sereno, esteira, serenando, facão, cavador, canteiro alto, cupu, bacaba, maxixe, melancia, buriti, cacau, pimentão, taturubá, bacuri, carambola, tamarina, quiabo, maracujá, peroba, jaca, malinar, dar um parecer, em riba, bocado de anos, combinar, discutir, demonstrar, mostrar, proposta, descrição, voltar pra trás, pessoa chegada, mandar embora, ligeiro, dar assistência, caçar dinheiro, pinho, um rapaz, galinha, pato, quintal, sementes, vasilhas, campo, encabulado, educação, vida, alimento, direitos, fartura, resistência, liderança, atividade, experiência, apoio, fé, celebração, vizinhos, bicicleta.

2o PASSO - Seleção das palavras geradoras\;

a) Aplicação do critério de possibilidade figurativa. Total 59 palavras:

lavrador, trabalho, plantar, capinar, capim, arroz, feijão, abóbora, mandioca, macaxeira, puba, farinha de macaxeira, chuva, seca, banana, laranja, mamão, enxada, foice, babaçu, família, quebradeira de côco, mãe, azeite de côco, carvão, filão, machado, rede, horta, vacina, Sete Barracas, São Francisco, comida, mutirão, eleição, garimpo, escola, festa, rádio, bíblia, esteira, facão, cavador, canteiro alto, cupu, babaçu, bacaba, maxixe, melancia, buriti, quiabo, barro, poço, pinho, galinha, vizinho, bicicleta, sindicato.

b) Aplicação do critério de problemática existencial. Total 40 palavras:

banana, trabalho, lavrador, macaxeira, capim, arroz, feijão,

farinha, chuva, colheita, enxada, babaçu, jumento, família, quintal, fogão, panela, casa de taipa, rede, vacina, imperatriz, São Francisco, Sete Barracas, reunião, mutirão, violência, eleição, escola, rádio, bíblia, azeite, cerca, esteira, barro, poço, dinheiro, bicicleta, água, garimpo, sindicato.

c) Aplicação do critério de dificuldades fonêmicas. Total de 22 palavras:

rede, vacina, casa, chuva, escola, babaçu, arroz, jumento, família, lavrador, água, macaxeira, religião, dinheiro, garimpo, azeite, trabalho, eleição, rádio, quintal, posseiro e sindicato.

II - Organização e Montagem dos Círculos:

1 - Contato mais direto com os alfabetizandos e seus familiares:

O entrosamento é fundamental para que o círculo de cultura funcione, uma das formas de promover este entrosamento é através de visitas aos alfabetizandos, às igrejas que frequentam, a clubes ou associações das quais fazem parte. O objetivo deste contato mais próximo com o alfabetizando e sua família, não é somente o de conhecer cada um dentro de sua realidade, mas também o de desmitualizar a figura do coordenador e dos observadores.

Para alguns ainda permanecem aquela imagem de que os "professores" são superiores a eles. Por isso se faz um desafio no círculo de cultura que é o de reconhecer as diferenças de experiências e tipos de saber, sem manter ou reforçar o conceito de uns são melhores ou maiores que os outros.

2 - Definição do Local, Dias e Horário:

Como todo o processo de montagem do círculo de cultura, também a definição de local e horário depende de um consenso entre todos os integrantes do círculo. É importante que não se priorize somente a vontade de uns, mas que todos possam apresentar seus motivos para estarem ali. Só assim poderemos garantir que todos fiquem satisfeitos com as decisões tomadas enquanto grupo, o que levará então todos a se comprometerem. Por isso tem-se optado por abrir os círculos o mais próximo possível da casa dos alfabetizando, seja em igrejas, salões comunitários, escolas, no local de trabalho ou outros locais que ofereçam as mínimas condições de funcionamento do círculo, ou seja, boa iluminação, quadro-giz, cadeiras e carteiras, boa ventilação etc.

Quanto aos dias de círculo, tem-se optado por três dias alternados na semana, isto porque, sabendo das dificuldades do jovem e adulto trabalhador, percebe-se que é impossível esperar que ele participe do círculo todos os dias e ainda tenha tempo de fazer as pesquisas fora do círculo, a leitura da ficha e a formação das palavras para serem levadas no próximo encontro. Como este processo depende da participação do alfabetizando como agente de sua alfabetização, é imprescindível que lhe sejam dadas as condições para estudar por conta própria, até mesmo, desmistificando aquela idéia de que aprender tem a ver com ficar

em sala de aula, ou ouvir o professor, somente. É necessário que haja tempo para o trabalho individual de cada um, para depois no círculo, acontecer o trabalho coletivo para aprendizagem.

Um círculo funciona, em média, duas horas por dia, dando um total de seis horas semanais. Também tem sido o tempo adequado para o trabalho ao qual nos propomos, não sendo cansativo para o alfabetizando, que em geral trabalha.

3 - Confeção do material:

Em 1963, quando se espalhou, por boa parte do país, a experiência de alfabetização de adultos com o método Paulo Freire o material básico era um projetor de slides, slides e uma bateria. Com isto o alfabetizador representava as palavras geradoras e coordenava o círculo de cultura. Era um material estratégico para a época. Pouco se sabia sobre televisão e por isso a projeção era uma grande novidade para todos. Mas, temos que considerar que não era o fato de ter uma projeção que levava o alfabetizando ao círculo e sim seu interesse em aprender, apesar de muito se ter feito para isto não ser considerado.

Em nosso trabalho obtivamos por utilizar cartazes, onde vêm juntas a figura que representa a realidade existencial e a palavra geradora. Isto porque não há como justificar a necessidade de todo trabalho e gasto com slides e projetores, numa época em que a televisão já invadiu todas as casas, porém se o grupo optar por este material, tendo recursos, nada o impede. A opção pelo cartaz contendo figura e palavra, ou pelo slides com a gravura e a palavra, faz parte do processo do círculo de cultura onde os alfabetizando trabalharão num primeiro momento o desdobramento da figura, com a discussão da realidade que a envolve, e, num segundo momento, o desdobramento da palavra geradora com as fichas da palavra e a ficha das famílias fonêmicas.

a) Cartazes:

Cada círculo de cultura utiliza cinco cartazes para o estudo da palavra geradora. Sendo que estas palavras passaram pela seleção do universo vocabular pesquisado, elas deverão portanto, corresponder ao critério de possibilidade figurativa, o que garantirá a confecção do primeiro cartaz:

1o cartaz - Representação da situação existencial:

(ESPAÇO PARA O 1o CARTAZ)

Representa a situação existencial através de um desenho, seguido da palavra geradora escrita bastão maiúscula. O desenho deve ser o mais próximo do real possível, deverá ser figurativo, quase como um retrato, ou seja, aquilo que vai retratar a realidade que será discutida, pois é através dele que o coordenador iniciará o debate no círculo, lançando algumas perguntas sobre a situação vista e vivida por eles dia-a-dia?

Mas, não há apenas a figura no cartaz. Há também a palavra que será trabalhada naquele círculo. Ela deve estar de tal forma colocada que possa haver uma integração entre figura e palavra. É a soma das duas linguagens: a escrita (palavra na língua portuguesa, por ser a nossa língua) e a figurativa.

Para a escrita da palavra utilizamos a letra em bastão,

forma ou imprensa, primeiro, porque ela é de fácil traçado, ou seja, o alfabetizando não precisa se preocupar em decifrar letras desenhadas ou arredondar sua letra, ou como eles mesmos dizem: "escrever de carreirinha", mesmo porque neste momento da alfabetização não deve ser esta a maior preocupação. Segundo, porque é a letra mais utilizada em placas, itinerários de ônibus, cartazes, jornais, revistas etc, com os quais o alfabetizando tem contato no seu dia-a-dia.

Ainda quanto à escrita, um cuidado que se deve ter é quanto ao espaçamento entre as letras e ao seu tamanho.

OBSERVE O ENCARTE COM TODOS OS MODELOS DE LETRAS

2o cartaz - (OU FICHA)

COMIDA

Representa a palavra geradora, agora sem o acompanhamento do desenho. Este cartaz, como todos os demais, é usado para a leitura individual e coletiva no círculo.

3o cartaz -

CO MI DA

Após a leitura da palavra geradora, identifica-se quantas partes ou pedaços formam esta palavra, por isso este cartaz trás os pedaços da palavra afastados um do outro.

4o cartaz -

CO - MI - DA

Identificados quantos pedaços possui a palavra geradora, é necessário que o alfabetizando reconheça estes pedaços separadamente. Neste cartaz, portanto, temos os pedaços da palavra geradora separados.

5o cartaz -

CA	CO	CU
MA	ME	MI
DA	DE	DI

É o cartaz que conterá as famílias fonêmicas dos pedaços da palavra geradora a ser estudada.

Ao confeccionar este cartaz, deve-se notar que cada vogal está embaixo de outra vogal com o mesmo som (vogal A da sílaba DA embaixo das vogais das sílabas CA e MA), e que as consoantes estão alinhadas da mesma forma. Podemos observar que na vertical permanece a vogal e muda a consoante, enquanto na horizontal, permanece a consoante e muda a vogal.

Este jogo de 5 (cinco) cartazes deverá ser confeccionado para cada palavra geradora a ser utilizada no círculo de cultura. As letras devem ser de um tamanho que facilite aos alfabetizandos visualizarem o que está escrito.

Sugerimos que você utilize o encarte com as letras como modelo para fazer seus cartazes.

CUIDADOS QUE DEVEMOS TER AO CONFECCIONAR OS CARTAZES

1 - Quanto ao tipo de desenho:

Vejam alguns exemplos de cartazes que pretendem representar a situação existencial, porém não apresentam uma interpretação correta da realidade:

(colocar o cartaz de COMIDA)

Na introdução da palavra COMIDA, nos círculos de cultura do Gama-DF, os alfabetizandos interpretaram o desenho como sendo um "disco voador"! Veja como é necessário ter um desenho mais claro.

(colocar o cartaz de ESCOLA)

Neste cartaz de ESCOLA, o problema está também na interpretação do desenho, na mensagem que ele transmite, como se a escola fosse uma professora e um aluno, nada mais. É como se para aprender dependesse da professora estar sob o aluno lhe dizendo o que fazer e por onde ir.

2 - Quanto ao desenhista:

Outro problema que constatamos é quanto à interpretação do desenhista à palavra que lhe pedimos para representar. Se este também não tiver conhecimento do processo de alfabetização num círculo, nem muito menos, conhecer a comunidade que será alfabetizada, poderá dar ao desenho sua visão de mundo e não a que precisamos representar. Por isso é necessário que o coordenador e os observadores acompanhem a elaboração dos cartazes, se eles próprios não conseguirem fazê-los.

b) Ficha de Descoberta:

Além dos cartazes, você e seus observadores, deverão preparar as "fichas de descoberta" para os alfabetizandos levarem para casa e continuarem o processo de alfabetização, mesmo fora do círculo. Esta ficha é uma reprodução do 5o cartaz, ou seja, as famílias dos pedaços da palavra geradora. Como material de estudo dos alfabetizandos, as fichas devem ser muito valorizadas, pois é um importante instrumento de trabalho, que poderá auxiliá-lo a descobrir palavras novas e já conhecidas.

c) Outros Materiais:

Num círculo de cultura, os cartazes são os elementos básicos, porém muitos outros recursos podem ser utilizados, dependendo da criatividade do grupo. Um exemplo disto já foi dado, quanto à representação da palavra comida. E muitos outros poderiam ser citados como: apresentar objetos concretos quando corresponder diretamente à realidade; utilizar fotografias ou

filmes (quando possível).

Um outro grande recurso que podemos utilizar é o dicionário, nele serão tiradas as dúvidas quanto à escrita das palavras que os alfabetizando trazem de casa ou fazem no momento do círculo. Este auxílio não se limita apenas a correções ortográficas, mas também no que se refere ao significado das palavras geradoras.

Materiais, também, como jornais e revistas podem ser utilizados no círculo de cultura, para coleta de palavras ou pedaços conhecidos.

III - Funcionamento do Círculo de Cultura:

PRIMEIRO DIA

O início do círculo de cultura, como em geral todo início de aulas nas escolas, gera uma expectativa no alfabetizando, no coordenador e nos observadores com relação ao que acontecerá no primeiro dia. Em muitos casos temos alfabetizando que acham que devem voltar para casa, no primeiro dia, já com o caderno cheio de escritos; outros temem, desde o início, se vão ou não escrever e ler logo no início. É natural esta reação, tendo em vista o conceito mágico de aprendizagem que nossa sociedade prega. Mas, é nosso compromisso clarear estas angústias do primeiro dia, fazendo dele um dia diferente. Um momento de conhecimento, entrosamento e esclarecimento sobre o trabalho que será realizado no círculo, durante os quatro meses. Por isso sugerimos que o primeiro dia seja reservado, então para três atividades: teste de acuidade visual; ficha de matrícula e apresentação da metodologia do círculo de cultura.

1 - Teste de acuidade visual:

É importante ressaltar que esta questão visual pode ser vital para o funcionamento do círculo de cultura. Em muitos casos, o alfabetizando chega a dizer "eu não estou aprendendo nada", sendo que isto muitas vezes tem relação com deficiência visual.

Este teste tem por objetivo identificar a possibilidade de dificuldades visuais que, provavelmente alguns alfabetizando têm e que poderão prejudicar seus estudos. Trata-se de um teste simples que o coordenador mesmo poderá fazer, basta ter em suas mãos o cartaz do teste de acuidade visual, um tapa olho e um "garfo" (que representará a letra E desenhada no cartaz) feitos de cartolina (VER ANEXO).

Para iniciar o teste, o cartaz é afixado na parede e o alfabetizando senta-se à distância de mais ou menos 5 metros da parede. O coordenador coloca o tapa olhos no olho direito do alfabetizando para testar o esquerdo, vai para perto do cartaz do teste e indica as gravuras para que o alfabetizando, com o "garfo" na mão, possa representar o sinal apontado pelo coordenador. Depois de apontados todos os sinais do cartaz, o coordenador troca o tapa olhos de lugar para testar o olho direito do alfabetizando.

Este processo se repete com todos os alfabetizando,

inclusive os que já usam óculos, porque muitas vezes a dificuldade visual progride e eles não se dão conta. O alfabetizando que apresentar menos de 80% de sua capacidade visual, deverá ser orientado para procurar um oftalmologista a fim de fazer um exame mais detalhado e ver a necessidade de óculos ou não. Isto não é fácil. Sabemos que em nosso país a falta de priorização pela saúde do povo tem deixado muitos lugares sem hospitais, postos de saúde, ou mesmo, médicos.

Como resolver este problema? É difícil, mas em alguns lugares a comunidade tem ajudado, cobrando dos órgãos do governo responsáveis pela saúde, e também procurando fazer campanhas para arrecadar fundos para pagar as consultas e comprar os óculos. É preciso que seja um esforço conjunto e não que o alfabetizando fique esperando que os outros resolvam o problema por ele. Um exemplo de tentativa de resolução de um problema como esse se deu em São Miguel do Araguaia-TO, onde a comunidade se mobilizou para a formação do círculo de cultura e detectaram que mais da metade do grupo necessitava de óculos; por ser um lugarejo pobre, as irmãs que viviam lá sugeriram que escrevessem para alguns amigos na Alemanha pedindo ajuda, a comunidade concordou e conseguiram as armações para os óculos, fazendo o restante por conta da comunidade. No Pedregal-GO, eles conseguiram os óculos na Associação dos Idosos, frequentada pelos alfabetizados.

2 - Ficha de Matrícula:

Neste primeiro dia em que se faz o teste de acuidade visual, também aproveitamos para preencher a ficha de matrícula, a fim de termos um perfil dos alfabetizados. Vejamos um exemplo:

(COLOCAR EXEMPLO DA FICHA DE MATRÍCULA)

As fichas de matrícula utilizadas em experiências de alfabetização, no método que agente usa, não são apenas um cadastro do alfabetizando no curso, mas uma fonte de informações sobre aquela pessoa. Elas trazem em sua parte inicial, dados pessoais do alfabetizando, tais como: nome, endereço, naturalidade, ocupação, renda pessoal, data de nascimento. Estes dados permitem verificar a condição financeira e também alguns aspectos culturais dele.

Uma outra parte da ficha de matrícula diz respeito à relação de parentesco do alfabetizando. Levantamos quais são os parentes com os quais ele mora, a idade dos mesmos, sua ocupação e seu grau de instrução. Isto para ter um quadro do círculo de convivência de cada alfabetizando do círculo.

A terceira parte contém perguntas que objetivam saber sobre as experiências anteriores dos alfabetizados com escola; suas experiências associativas e reivindicatórias, que apresentarão o nível de participação e o envolvimento político dos alfabetizados nestes movimentos; sua participação em alguma religião; suas opiniões com relação à televisão e, por último, sua opinião sobre a condição de não alfabetizado.

Todas estas informações são muito importantes para o bom andamento do círculo de cultura, por exemplo, nos ajuda a não

cometer equívocos, como os de trabalhar na palavra LOTE, prioritariamente, a questão do aluguel, onde nenhum dos alfabetizando mora de aluguel.

....

3 - Apresentação da Metodologia do Círculo de Cultura:

Com um trabalho bem subdividido, entre coordenador e observadores, ainda neste primeiro dia é possível dar um terceiro passo: apresentar aos alfabetizando como será feito o trabalho durante estes meses em que estarão juntos. Mas com que objetivo faremos isto? A expectativa dos alfabetizando com relação a aprender a ler e escrever é muito grande, por isso, esta introdução sobre a forma como iremos trabalhar é fundamental. É o momento de esclarecermos alguns pontos como por exemplo: que aprender não depende do coordenador, mas é um trabalho conjunto no círculo e que, em alguns momentos, o alfabetizando terá que trabalhar sozinho e, em outros, no grupo. Para enriquecer esta conversa, pode-se pedir aos alfabetizando que contem suas experiências anteriores de contato com escola: quando, como era, porque parou. Ou mesmo pedir aos que nunca estudaram para também relatar sua história.

Uma fantasia criada na cabeça dos alfabetizando e que precisa ser esclarecida é a de que se ele copiar bastante ele estará aprendendo, ou mesmo, só o fato dele estar no círculo, todos os dias já garante que ele vai aprender como num passe de mágica. E também a idéia de que alfabetizar-se é apenas aprender a ler e escrever. Tudo isto poderá ser esclarecido quando fizermos uma introdução sobre a educação libertadora, não com a preocupação de que o alfabetizando compreenda tudo sobre o trabalho de alfabetização de jovens e adultos com os princípios de Paulo Freire, mas que consigam compreender o sentido que damos à educação.

Apresentamos, como sugestão, o texto que é utilizado pelos círculos de cultura do Gama-DF:

(Acrescentar o texto)

SEGUNDO DIA - Introdução da primeira palavra geradora:

1 - Discussão da Palavra Geradora:

O primeiro passo para o estudo da palavra geradora é a discussão da realidade que esta representa, através do cartaz da situação existencial que pode ser afixado no quadro, para que os alfabetizando o observem. Exemplo:

(colocar o exemplo de LOTE)

Após a observação do cartaz, o coordenador dá início ao debate. Vamos neste momento recorrer ao vídeo II para observarmos a discussão de uma palavra geradora. Anote suas observações no roteiro a seguir:

(roteiro do vídeo)

VIDEO II

Após a observação do vídeo, agora você poderá conferir se as etapas identificadas no processo de discussão da palavra geradora, são as mesmas que nós identificamos em nossa experiência. São elas:

ETAPA I - Identificação do cartaz - Os alfabetizandos identificam o que existe no cartaz, ou seja, desenhos, expressões de pessoas, gestos e mensagens que, por ventura, existam no cartaz.

ETAPA II - Identificação com o cartaz - Os alfabetizandos se vêem dentro do cartaz, ou seja, relacionam a realidade apresentada no desenho com a sua realidade.

ETAPA III - Apropriação do problema - Os alfabetizandos passam a assumir o significado do que está representado no cartaz, discutindo os problemas que envolvem esta situação existencial.

ETAPA IV - Busca de soluções - A partir do debate das questões relacionadas com a palavra geradora, o círculo tenta buscar explicações e soluções diversas para resolver os problemas.

Este debate deve se dar da forma mais informal e participativa possível. Ninguém é dono do saber, mas todos tem algo a contribuir com suas idéias, com sua experiência de vida. O coordenador deve estar atento a todas as opiniões e procurar confrontar as idéias divergentes que possam surgir no círculo. Este não é um momento simplesmente de bater-papo, mas é uma revelação da visão de mundo que cada membro do círculo tem, por isso é importante ter em mente as etapas descritas acima, como um caminho que o grupo deverá percorrer no reconhecimento da situação existencial que está por trás do desenho.

Cabe ao coordenador explorar as diferenças existentes no grupo, porque elas é que possibilitem o diálogo. A medida em que todas as opiniões são iguais o diálogo sofre uma queda, pois não há algo que o impulse, eliminando a reflexão do grupo. É importante que todos se expressem e que um não prevaleça sobre os outros, por ser este um processo coletivo.

Quanto à sua postura diante da discussão no círculo de cultura, pois ela pode influir ou não no diálogo; ou conduzindo para um debate livre e de forma crítica; ou induzindo os alfabetizandos a pensarem o que você quer. Por isso é que a função do coordenador, enquanto mediador de uma discussão é a de valorizar todas as idéias, tendo o cuidado de não ficar fazendo discurso para os alfabetizandos.

É coordenador porque dentro da discussão, ele coordena o debate, evitando o agravamento de determinadas posições, tais como: a centralização da palavra por uma só pessoa e o desânimo dos alfabetizandos. Pode ele, também, incentivar outros alfabetizandos a participarem ativamente do debate. O debate poderá ser coordenado através de perguntas, as mais amplas possíveis, de forma que facilite o diálogo.

Num primeiro momento, o alfabetizando começa expressando o que ele acha que o coordenador quer ouvir, ou seja ele responderá em dúvida. O coordenador deve procurar acabar com esta dificuldade

estimulando-o a exercer a auto-confiança. É necessário verificar que este "medo" que os alfabetizandos têm de responder, vem da própria sociedade em que ele vive, onde é constantemente discriminado com idéias como: "quem tem conhecimento é que deve falar e quem não tem deve ficar calado".

O coordenador, antes do debate, deve estar preparado para fazê-lo, por exemplo conhecendo os assuntos relacionados com o tema da palavra geradora. Exemplo:

Palavra **LOTE**

Temas:

- Questão da moradia;
- Reforma agrária;
- Infra-estrutura das casas e doenças causadas pela falta dela;
- Aluguel;
- Programas habitacionais.

Estes temas são abrangidos nas discussões dentro do círculo de cultura. Além de realizar a discussão é fundamental que se chegue a uma atividade prática: participando em associações de moradores, mutirões de limpeza e outros eventos que envolva também a comunidade. Estas são algumas das possibilidades de participação que apresentamos, são expectativas, mas não obrigatoriamente, ocorrerão com todos os alfabetizandos, desta forma.

O controle do tempo da discussão é importante, pois facilita que se trabalhe o restante das atividades. Por isso sugerimos que ela dure em torno de 30 minutos, sendo, é claro, que não se deve interromper o debate por conta de um cronômetro. Mas, o coordenador poderá ter o cuidado de procurar ir amarrando com o grupo a discussão, dentro deste tempo, para poder prosseguir com o círculo.

2 - Leitura da Palavra Geradora:

Como já foi dito, junto com o desenho que representa a situação existencial, vem escrita a palavra correspondente ao desenho. O coordenador deverá perguntar ao alfabetizando se no cartaz há algo além da gravura. Quando todos identificarem a palavra escrita no cartaz como sendo a situação que eles vinham discutindo até aquele momento, o coordenador, então, pede a cada um que leia a palavra individualmente e depois juntos.

Passada esta primeira leitura da palavra geradora ainda no cartaz com a gravura, o coordenador substitui este cartaz por outro contendo, agora, apenas a palavra:

LOTE

Os alfabetizandos lêem este cartaz em grupo e, depois, individualmente. É importante que o coordenador acompanhe a leitura com atenção, inclusive repetindo o que foi lido após o alfabetizando, para transmitir-lhe segurança. Neste momento deve-se ter cuidado ao identificar os alfabetizandos que não estão reconhecendo a palavra geradora, para que a dificuldade apresentada possa ser sanada naquele momento.

Após a leitura da palavra geradora por todos, o coordenador fará a seguinte comparação: "Podemos comparar esta palavra que

estamos estudando com nossas casas. Elas, geralmente, possuem dois ou mais cômodos: sala, cozinha, banheiro, quartos. São as partes da casa. Pois bem, a palavra também é formada de partes que podemos identificar, observando quantas vezes abrimos a boca para pronunciá-la. No caso de LOTE, vamos observar quantas vezes abrimos a boca para pronunciá-la.

Quando o alfabetizando identifica quantas vezes ele abriu a boca para falar a palavra geradora, você pedirá a ele que, então, pronuncie cada pedaço e pode-se passar para a apresentação do cartaz seguinte, com os pedaços da palavra separados:

LO TE

Em seguida, os alfabetizandos lêem o cartaz em grupo e individualmente, sendo que o coordenador terá os mesmos cuidados que teve na leitura do primeiro cartaz. Terminada a leitura, ele questiona sobre a diferença deste cartaz para o anterior, a fim de que os alfabetizandos percebam e descubram que houve separação de sílabas.

O cartaz seguinte também apresenta a palavra geradora separada em pedaços, só que agora esta divisão é mais explícita:

LO - TE

Ao ler este cartaz, os alfabetizandos estão lendo a palavra decomposta em pedaços e cada pedaço desse tem um som, que é capaz de formar uma palavra com outros sons.

Neste cartaz, o coordenador tampa uma das sílabas e pede para que os alfabetizandos leiam a outra e vice-versa. Esta leitura é feita em grupo e individualmente, utilizando o mesmo procedimento do cartaz anterior.

Ao terminar a leitura deste cartaz, o coordenador pergunta aos alfabetizandos qual a diferença entre este cartaz e o anterior, de forma que neste cartaz a separação é feita em pedaços e que cada pedaço desses constitui uma sílaba, cuja junção dá origem a uma palavra.

Em todos estes momentos de leitura, o coordenador deverá estar sempre reforçando qual a palavra geradora estudada naquele dia. Continua o estudo fazendo uma outra comparação: Assim como a maioria de nós temos uma família, os pedaços das palavras também têm uma "família". Vamos ver as famílias dos pedaços da palavra LOTE no próximo cartaz:

LA LE LI LO LU TA TE TI TO TU

Neste momento, o coordenador pede aos alfabetizandos para localizarem no cartaz das famílias fonêmicas os pedaços da palavra LOTE. Quando os alfabetizandos identificam o LO e o TE, o coordenador explica que aqueles pedaços próximos do LO são a família, e encaminha a leitura individual e grupal desta família:

LA LE LI LO LU

O mesmo processo se dá com a leitura da família do TE:

TA TE TI TO TU

Uma preocupação que o coordenador deverá ter é a de fazer a leitura das famílias, não somente de forma direta, mas invertendo a ordem dos pedaços indicados, para que o alfabetizando não fique decorando as famílias.

Terminada a leitura das famílias em separado, é o momento do coordenador fazer uma mistura entre as duas famílias trabalhadas, alternando na vertical e na horizontal os pedaços indicados para a leitura. Esta não é uma leitura fácil para o alfabetizando, por isso é importante que você seja paciente e respeite o momento de cada um, fazendo sua leitura. O grupo também poderá ajudar aqueles que tiverem mais dificuldades, mas sem deixá-los acomodados esperando para que o outro leia por eles.

Tendo feito o processo de leitura em grupo e individual, o coordenador pergunta qual a diferença entre as duas famílias vistas no cartaz, ou seja entre a família do LO e a família do TE. Este tipo de pergunta, que pode ser feita também, na introdução do 5º cartaz, faz com que eles vejam que a letra de 1 sílaba é o "L" e a letra da outra é o "T", diferenciando assim, estas duas consoantes. Além disso, você faz outras perguntas do tipo "qual a letra que aparece repetida na família do LO? E quais as letras que aparecem diferentes?". Após fazê-la, o alfabetizador explica que as letras que estão repetidas são as consoantes e as letras que estão diferentes são as vogais.

3-Formação e correção das palavras de momento

Terminada a leitura dos cartazes, tem início a formação de palavras através da ficha de descoberta. A ficha de descoberta trata-se de 1 pequena ficha que contém as famílias da palavra geradora, ou seja, é uma espécie de cartaz-família reduzido, onde o alfabetizando forma, com as sílabas destas famílias, diversas palavras e as escreve no caderno.

Você, juntamente com o observador acompanha o desenvolvimento dos alfabetizados neste momento, a fim de esclarecer eventuais dúvidas que, por ventura, estes apresentarem.

Para formarem palavras tranquilamente, é necessário que os alfabetizados tenham tempo.

Ao acompanhar o alfabetizando, você não diz que está certo, errado ou que é desta ou daquela forma que se faz. Você incentiva o alfabetizado a **descobrir** o que se pede através de diversos questionamentos que os facilitem chegar à resposta correta.

Pode ocorrer que um alfabetizando queira formar a palavra LATA e não consegue. Daí, ele pede a você ou ao observador que o ajude a encontrá-la.

Você ou o observador, neste caso, questiona ao alfabetizando quantas vezes se abre a boca para falar a palavra LATA.

Após o alfabetizando ter descoberto que são 2 vezes e conseqüentemente que ela tem 2 sílabas, você pergunta: "A primeira vez que nós abrimos a boca para falar a palavra LATA nós falamos o quê?"

Se ele conseguir descobrir que é o LA, você faz com que ele indique na ficha de descoberta onde é que está o LA (obviamente, o alfabetizando já deve conhecer as sílabas da ficha de descoberta). Depois do alfabetizando ter descoberto a 1ª sílaba, você ou o observador utiliza o mesmo procedimento com a descoberta da 2ª sílaba.

A princípio, para motivar o alfabetizando a formar palavras, você forma algumas poucas palavras para incentivar e demonstrar como se faz aos alfabetizandos.

Muitos alfabetizandos formam palavras mortas com LETU, TILI. De início, todas essas palavras servem, desde que sejam feitas, mais adiante o alfabetizador explicará a diferença.

Após todos os alfabetizandos terminarem a formação de palavras, você iniciará a correção das mesmas.

Esta correção é feita no quadro, de modo que todos possam visualizá-la e conseqüentemente analisá-la.

Você, se possível, coloca uma ou mais palavras de cada alfabetizando no quadro (de preferência a palavra que eles tiveram dificuldades em fazer, a palavra que esteja errada ou, dada o número, todas) para que possam ser corrigidas. O alfabetizando pode escrever a palavra que formou no quadro.

Às vezes, no círculo de cultura, alguns alfabetizandos têm facilidade em ler algumas palavras escritas letra **bastão** ou de **impressão** (como se chama tradicionalmente) assim como tem alguns que tem dificuldades em ler palavras com cursivas (letras escritas à mão).

Para evitar problemas na correção das palavras, você, nesse caso, escreve a palavra de duas formas: uma em letra de imprensa; outra em letra cursiva; e, em seguida, corrige a palavra.

Na correção, o alfabetizador lê a palavra junto com o grupo, pergunta com ela ficou e, em seguida, corrige a palavra.

Na correção, o coordenador lê a palavra junto com o grupo, pergunta como ela ficou e, em seguida, questiona o que quer dizer a mesma. Se a palavra estiver errada, assim que terminar de lê-la com o grupo, o coordenador pergunta ao grupo se é dessa forma que se escreve ou tem outra forma de escrever..

O grupo responderá se tem ou não. Caso ele não responda, por não saberem da resposta, o coordenador pedirá a eles que pesquisem em casa como se escreve a palavra.

Terminada a correção de palavras, o coordenador pede aos alfabetizandos, que formem outras palavras em casa, a fim de que possam ser corrigidas no início do círculo seguinte.

TERCEIRO DIA - Correção das palavras trazidas de casa e introdução da segunda palavra geradora:

1 - Correção das palavras:

Como foi pedido no dia anterior, todos os alfabetizandos deverão trazer nem que seja uma palavra para ser apresentada ao grupo e corrigida coletivamente.

Estas palavras poderão ser escritas no quadro pelo

próprio alfabetizando, ou pelo coordenador, isto vai depender do grupo. Se ele mesmo quiser colocar é ótimo, até para descaracterizar o quadro e o giz como propriedades do coordenador, mas isto deve ser espontaneamente senão poderá inibir mais ainda os alfabetizados. Se o alfabetizando preferir que o coordenador escreva para ele, é importante que este tenha o cuidado de escrever exatamente o que o alfabetizando trouxe e não o que ele acha que é, para isto, as palavras poderão ser ditadas letra a letra, ou pedaço por pedaço.

Vamos observar a experiência de correção de palavras registrada no VIDEO III

(VIDEO III/CORREÇÃO DAS PALAVRAS DE CASA)

Agora, vamos discutir ainda um pouco mais sobre como esta correção poderá se dar no círculo de cultura:

Estando todas as palavras no quadro, o coordenador pode iniciar a correção, pedindo a um dos alfabetizados para começar a ler suas palavras. À medida que o alfabetizando vai lendo cada palavra, o coordenador pede a todo o grupo que repita a leitura com ele. Em seguida o coordenador perguntará o que significa a palavra ao alfabetizando. Dada a resposta ele verifica no grupo se todos conhecem a palavra que foi lida, é neste momento que o coordenador deve estar atento para a reação dos alfabetizados, pois pode acontecer deles conhecerem a mesma palavra com outro significado ou escrita de outra forma e todas estas contribuições precisam ser aproveitadas neste momento da correção.

É importante lembrar ao coordenador que ele não está ali para definir o que está certo ou errado, mas são os alfabetizados que tentarão chegar à conclusão de como se escreve esta ou aquela palavra, caso isto não ocorra é o momento do coordenador sugerir que levem tal palavra para pesquisar em casa, onde procurarão ver com outras pessoas como acham que a palavra pode ser escrita.

Este processo se repetirá com todas as palavras que estiverem no quadro. O coordenador deverá ter o cuidado de não deixar a correção se tornar cansativa e sem participação. É importante que os alfabetizados sintam que cada palavra no quadro, mesmo não sendo sua, contribui para sua aprendizagem e o alfabetizando que a trouxe também precisa da ajuda de todos para identificar se ele é assim mesmo ou não.

A correção poderá durar de 25 a 30 minutos, sendo que depois o coordenador passará à introdução da palavra geradora daquele dia.

2 - Introdução da palavra geradora:

Para recordar os passos da introdução da palavra geradora, você poderá retomar as explicações dadas anteriormente, com a palavra LOTE.

23/10/91

M^a Luíza

PROPOSTA PARA ETAPA II

Durante a 1ª etapa, os alfabetizandos trabalharam a língua portuguesa partindo de palavras do seu próprio Universo Vocabular. A partir dessas palavras, o alfabetizando adquiriu o conhecimento dos 10 elementos da escrita: os padrões silábicos e, em alguns casos, já começaram a trabalhar a trabalhar Frases e bilhetes.

Portanto, a segunda etapa é uma ampliação desse trabalho anterior. Essa continuidade e ampliação tem por objetivo aumentar o nível de discussão dos problemas do cotidiano dos alfabetizandos, como também a busca de soluções para organização comunitária e entendimento político e social dos mesmos, sendo que, para isso, são introduzidos leitura de material comum ao dia-a-dia dos alfabetizandos (escolhido por elesmesmos), leitura e escrita de frases, bilhetes e cartas, discussões sobre determinado tema, ditados e também leitura de textos relacionados ao interesse do grupo, visando ampliar igualmente os problemas do cotidiano dos mesmos e, onde esse mesmo texto propicia condições para o diálogo como se fosse uma situação existencial. Através de uma leitura silenciosa seguida de leitura em voz alta individual e coletiva, os alfabetizandos discutem o conteúdo do texto, analisando também as suas dificuldades ortográficas, etimológicas e de significado com o objetivo de melhor auxiliar numa boa exploração do mesmo.

Nesta 2ª etapa, o coordenador abrange também assuntos como singular, plural, feminino, masculino, antônimo (contrário), sinônimo (o mesmo que...), aumentativo e diminutivo, além da acentuação e pontuação que já vem sendo desenvolvidas desde a 1ª etapa. Tais assuntos são introduzidos de forma cuidadosa e numa linguagem que os alfabetizandos entendam. Além disso, essa introdução ocorre no momento em que surgir a necessidade, não tendo assim dia e hora pré estabelecidos para introduzi-los.

Enfim, a segunda etapa da alfanumerização requer do coordenador, acima de tudo, uma percepção do desenvolvimento de cada alfabetizando, além da elaboração e pesquisa do material que é repassado para eles.

Essa pesquisa, baseia-se, principalmente, no conhecimento que o coordenador tem do alfabetizando, ou seja, de seu desenvolvimento dentro do Círculo de Cultura. Além disso, é fundamental que o coordenador leia sobre diversos temas dados no Círculo de Cultura, afim de levar esse conhecimento adquirido por ele para ser socializado no grupo. Por isso, antes de cada atividade, é necessário que o coordenador pesquise sobre ela no sentido de enriquecer o trabalho dentro do Círculo de Cultura.

Levando em conta também todos esses problemas, é que o alfabetizador verifica se há ou não a necessidade de se fazer a revisão de algumas fichas de descoberta caso os alfabetizandos apresentem dificuldade em ler.

Portanto, o objetivo dessa revisão é fazer com que aqueles alfabetizandos que, por diversos motivos, não conseguiram assimilar o conteúdo de algumas fichas de descoberta consigam acompanhar o restante do grupo.

Eis alguns exemplos de como revisar as fichas de descoberta.

Dependendo da dificuldade dos alfabetizandos o coordenador revisa o conteúdo da ficha de descoberta toda ou apenas as famílias de algumas sílabas. Como veremos na figura abaixo:

Exemplo 01

TRA - TRE - TRI - TRO - TRU

BA - BE - BI - BO - BU

LHA - LHE - LHI - LHO - LHU

Revisão da ficha de descoberta toda (caso apresentem dificuldades em ler todas as sílabas).

Exemplo: 01

Inicialmente, o coordenador afixa o cartaz no quadro e, como ocorria na primeira etapa, faz a leitura em grupo e individual, em sequência horizontal, vertical e salteada. Após isso, ele usa o mesmo procedimento utilizado na primeira etapa, na leitura do cartaz-família, que vai desde a ida do alfabetizando ao quadro para mostrar as letras que estão iguais e diferentes nas famílias de cada sílaba até a formação de palavras no momento em que os alfabetizandos usam as fichas de descoberta.

Exemplo: 02

LHA - LHE - LHI - LHO - LHU

Revisão da família das sílabas onde os alfabetizandos apresentaram dificuldades.

Exemplo: 02

O coordenador pede aos alfabetizandos que leiam a família da sílaba em sequência e salteadamente. Após isso, o procedimento é o mesmo da etapa anterior.

LEITURA DO MATERIAL SELECIONADO PELOS ALFABETIZANDOS

OBJETIVOS: O objetivo dessa leitura é fazer com que os alfabetizandos tenham noção de leitura de diversos materiais que eles utilizam no seu dia-a-dia, além de, através de debates e discussões, lêem, de forma crítica, sobre o conteúdo do material.

ASSUNTO

LEITURA DO MATERIAL SELECIONADO PELOS ALFABETIZANDOS

PROCEDIMENTO

O contato do alfabetizando com a escrita, nesta etapa, deve acontecer de forma bastante diversificada.

O coordenador solicita aos alfabetizandos que tragam alguma coisa que eles queiram ler, textos que tratam de assuntos do seu interesse para serem lidos no Círculo de Cultura.

Esse material é explorado por parte do coordenador de forma crítica, fazendo com que os alfabetizandos questionem sobre o que leram, que vai desde manchetes de jornais, revistas, produtos alimentícios, produtos de limpeza e higiene, remédios até documentos e leis.

Inicialmente, cada alfabetizando lê o material que trouxe de casa e, em seguida, o coordenador pergunta-lhes sobre o que entenderam daquilo que leram através de questionamentos críticos do tipo:

- O que quer dizer esta manchete? Ela está beneficiando a quem? (caso o material seja jornal)
- Qual o peso que está marcando na embalagem desse produto? Será que ele pesa isso mesmo? O que devemos fazer quando nos vendem um produto estragado ou com peso a menos?
- Qual a Lei que protege o consumidor?

Antes de tomar qualquer remédio ou dá-lo a alguém vocês procuram saber o que a bula vem dizendo a respeito do remédio? Porque as receitas médicas estão sempre escritas com letras ilegíveis.

Pode ocorrer casos de que algum alfabetizando traga material escrito em língua estrangeira (CLOSE UP, CHEVROLET, VOLKS WAGEN, FUJIOKA, SHOPPING CENTER etc.).

Nesse caso, o coordenador explica sobre a origem desses nomes e porque chegaram ao Brasil, questionando, assim, sobre o poder das empresas multinacionais no país.

Um outro material que o coordenador trabalha nesta unidade são os documentos, sempre incentivando os alfabetizandos que não tem todos os documentos a providenciá-los, além de ressaltar a importância e leitura dos mesmos.

MATERIAL

Exemplo de materiais:

Manchetes de jornais, revistas, panfletos de sindicatos, embalagens (leite, açúcar, arroz, feijão, litro de óleo), bíblias, jornal rural, certidão de nascimento, certidão de

casamento, atestado de óbito, bula de remédios, receitas de bolo, receita médica, literatura de cordel, receitas de comidas, carteira de trabalho.

DITADO

OBJETIVO:

1. O ditado é uma atividade que abrange as dimensões da língua falada e escrita. Essa língua que, na maioria das vezes, as pessoas têm dificuldades em pronunciar algumas palavras, fator pelo qual acaba dificultando a escrita.

Além dessa, tem outras dificuldades com diferença entre a pronúncia e grafia, isto é a palavra é falada de um jeito e escrita de outro, como exemplo, a palavra LOTE, que é falada "LOTI" e escrita "LOTE". Essas são dificuldades da nossa língua portuguesa e que, de certa forma, acabam confundindo os alfabetizando.

2. O ditado faz com que as pessoas exerçam três atividades diferentes: **Ouvir, escrever e ler**, isto é, um alfabetizando dita uma palavra, e o restante do grupo presta atenção (ouve) no que aquele alfabetizando ditou e **escreve** no caderno, em seguida outro alfabetizando dita para ele e os demais escreverem. Ao final, todos **lêem** as palavras ou frases que foram ditadas.

3. O ditado também desinibe as pessoas, desenvolvendo nelas o hábito de ouvir e de escrever, além de dar oportunidade para que todos participem ditando as palavras que eles têm dificuldades ou mesmo as palavras que eles já sabem.

4. O ditado permite que o coordenador trabalhe as dificuldades apresentadas pelos alfabetizando, dificuldades essas que foram observadas pelo próprio coordenador ou pelos observadores.

DITADO

O coordenador inicia o ditado pedindo que um alfabetizando dite uma palavra ou frase para os outros e ele mesmo escrever no caderno e assim sucessivamente.

O coordenador e o observador também participam do ditado, ditando uma palavra ou frase que explore as dificuldades identificadas nos alfabetizando.

O ditado pode começar pelo alfabetizando que estiver sentado na primeira cadeira do semi-círculo e seguir a ordem, ou

por sorteio, em sequência ou salteado, ou como os alfabetizandos acharem melhor, pois a ordem de início não importa, pode-se iniciar pelo coordenador ou pelo (s) observador (es), o importante é que todos participem ditando uma palavra ou frase.

CORREÇÃO:

Ao terminar o ditado, o coordenador faz a correção das palavras no quadro. Essa correção pode ser feita da seguinte forma: cada alfabetizando diz para o coordenador a palavra ou frase que ele mesmo ditou, dizendo como escreveu (soletrando-a) ou o próprio alfabetizando vai ao quadro escrever a palavra ou frase que ele ditou. A palavra ou frase que o coordenador e os observadores ditaram são colocadas no quadro, em seguida, o coordenador pede para alguém do grupo ditar ou escrever a palavra ou frase que o coordenador e observadores ditaram.

Após terminarem de escrever todas as palavras ou frases que foram ditadas, o coordenador começa a leitura de cada palavra.

LEITURA:

A correção começa com a leitura em grupo da palavra ou frase que está escrita no quadro. A palavra ditada foi TRABALHO, mas o alfabetizando escreveu TABALHO. A leitura deve ser feita como a palavra está escrita, dessa forma os alfabetizandos percebem que está faltando alguma coisa para que fique TRABALHO, assim a descoberta é rápida. O coordenador pergunta o que é preciso fazer para ficar TRABALHO e relaciona o primeiro pedaço da palavra TRABALHO com o primeiro pedaço da palavra que está escrita (Tabalho) e questiona se está igual. Após a correção, o coordenador faz novamente a leitura das palavras ditadas. Essa leitura é feita em grupo e individualmente, aproveitando para discutir as palavras e frases do ditado.

ESCRITA DE BILHETES E/OU CARTAS

OBJETIVOS: Uma das formas mais importantes de comunicação para os alfabetizandos é através de bilhetes ou cartas. A experiência com Círculos de Cultura tem demonstrado que para eles é muito importante escrever e receber cartas de parentes que estão distantes, uma vez que o alfabetizando, em geral é emigrante ou tem parentes em outros lugares. Daí porque o principal objetivo dessa atividade, além de fazer com que todos os alfabetizandos exercitem o lado da escrita e percebam algumas regras de pontuação, acentuação, plural e singular, é fazer com que todos os alfabetizandos possam efetivamente se comunicar com parentes e amigos distantes.

O coordenador inicia a introdução desse assunto a partir da situação existencial dos alfabetizados com relação à comunicação escrita, questionando aos alfabetizados por que existe a necessidade de se escrever bilhetes e/ou cartas, se já receberam algum bilhetes? Se leram? Se pediram a alguém que lesse para eles.

É necessário que o coordenador tenha sempre em mente que, ao introduzir tal assunto, deve ele questionar também sobre a necessidade de se obter resposta do que foi escrito, daí porque o trabalho com bilhetes inicia-se com a sua troca entre os alfabetizados ou com quem eles queiram se comunicar.

A princípio, os alfabetizados começam escrevendo pequenos bilhetes (ou até maiores dependendo da capacidade de cada um). Alguns desses bilhetes são corrigidos no quadro, onde, o coordenador escreve os bilhetes do mesmo modo que o alfabetizando escreveu, ou seja, com a mesma pontuação, acentuação e erros.

Após isso, é que se verifica a necessidade de usar o cabeçalho, o parágrafo e a pontuação, além do preenchimento correto do envelope (que pode ser comum ou feito a mão) e do CEP, em que os próprios alfabetizados dizem onde é que tem o cabeçalho e porque tem que colocá-lo em uma carta. Se possível o coordenador pede a cada um que traga de casa, cartas que eles receberam de parentes para compararem com a que eles fizeram e verificarem qual a diferença.

É de fundamental importância que os alfabetizados escrevam também cartas e preencham envelopes para mandarem para outra pessoa através do correio. Isso faz com que eles trabalhem concretamente a comunicação e não apenas "treinem" a escrita como acontece, normalmente, na escola tradicional.

O importante, nessa atividade, é que o bom desenvolvimento da leitura e da escrita por parte dos alfabetizados, tenha também uma finalidade concreta.

A correção dos bilhetes, como foi dito anteriormente, é feita no quadro, onde são escolhidos os bilhetes dos alfabetizados com maiores dificuldades para serem corrigidos no Círculo de Cultura.

A duração dessa atividade não tem prazo pré-estabelecido, devendo o coordenador passar para a próxima atividade assim que todos os alfabetizados estiverem seguros nesta.

Eis alguns bilhetes feitos por alfabetizados de Círculos de Cultura no Distrito Federal e Região do Entorno.

BRASÍLIA, 01 DE JULHO DE 1991

FATIMA, MEU NETO ESTÁ NO

HOSPITAL, MAS PASSABEME

MINHA FILHA JÁ ESTÁ EM

CASA ESTÁ PASSANDO

BEM.

ABRASSO DE MARIA JOSÉ.

CÍRCULO DO CENTRO DE SAÚDE Nº 04 GAMA

Brasília 12 de setembro de 1990

ALUNO Valter Bispo dos Santos

CONGRESO FAÇO UM FAVO DE NOS
DA OPORTUNIDADE DE NOZES ESTUDAS
MUTOS O BIGADO

Gama 3.7. 1991

Margarida

eu agradeço de coração
por você me ensina
abre de coração
obrigado mesmo
Suzinete Lufza Ribeiro
da silva

Círculo da Escola Classe 19 do gama
maio 191

Brasília de setembro de 1990
senhores venho através
dela colega pedir
melhoria para nos ajudar
mais escola e supletivo
queremos melhora a nos
vida. Para nos concedeu-
mos um Emprego melho

Maria Ramos dos Santos

Brasília. 12 de
setembro 1990
achem soluções para
merora as nossas condições de estudo

Creunice Maria de Neunus

Oi Amor!

Amor estou com saudades,
gostaria de ter hoje, Amor está
um dia tão queria tanto esta com
voce,

Amor gostaria, de poder
te tocar, te abraçar, e trocar
mil beijos

Que pena que voce está tão
longe de mim, queria te ver
todas os dias.

Voce Amor, é a pessoa mais
linda que existe para mim, não
tiro voce do meu pensamento um
só instante, penso em voce dia
noite, as vezes perco noites. de sono
pensando em voce.

Não sei o que dizer de voce, voce
é linda, maravilhosa, carinhosa, voce é
tudo isso e muito mais
volta pra mim, eu te amo.

te amo,
te adoro,
te quero,

Adonias Rodrigues dos Santos

HISTÓRIA COMUM A TODOS (cidade, trabalho, igreja, associação, sindicato) A história de cada um e a história de todos

OBJETIVO: O objetivo desta atividade é resgatar do alfabetizando a sua participação no processo de construção e crescimento de sua cidade, localidade rural, igreja, sindicato, trabalho, além de permitir o encontro da história do alfabetizando com a de cada um do grupo, inclusive do coordenador e observador.

É importante verificar que esta história é um fator comum àquele grupo que ali está, a fim de que todos possam debater e trocar experiências no sentido de participar na busca de soluções para os problemas ali existentes, ou seja, se a alfabetização estiver sendo desenvolvida em locais comunitários faz-se, então, a história da cidade, pois todos debatem sobre os problemas existentes na cidade, o seu crescimento, e a participação de cada um nesse processo de crescimento e etc.

Portanto, o tema dessa história pode variar conforme o local onde esteja se desenvolvendo o trabalho de alfabetização. Através dessa história pode-se recuperar a história do trabalho das pessoas (se a alfabetização estiver acontecendo em empresas e instituições) ou a história do sindicato que envolve a luta dos trabalhadores, a história da paróquia ou igreja e assim por diante.

ASSUNTO

HISTÓRIA COMUM A TODOS OS ALFABETIZANDOS

PROCEDIMENTO

Caso o trabalho de alfabetização seja um trabalho comunitário, é lógico que se tenha como tema principal a cidade ou localidade onde moram, como foi dito anteriormente, a fim de que todos possam participar ativamente da discussão. Nesse caso, inicialmente, o coordenador pede a cada alfabetizando que relate como foi a sua chegada à cidade (caso tenham acompanhado esse início). É necessário que nenhum alfabetizando fique fora desse relato inicial.

Após isso, o coordenador prossegue o debate fazendo questionamentos do tipo:

- Como está a cidade (ou localidade) hoje?

TRABALHO COM JORNAIS E REVISTAS

OBJETIVO: O objetivo deste trabalho é fazer com que todos os alfabetizados leiam as manchetes, além de refletir e discutirem sobre aquilo que leram, sendo que, a partir daí, façam uma história baseada em sua opinião sobre o que cada um leu e debateu com o grupo.

Esta atividade faz com que cada alfabetizando seja o verdadeiro "comunicador" de sua história ou de determinados assuntos que diz respeito a eles.

ASSUNTO

TRABALHO COM JORNAIS E REVISTAS

PROCEDIMENTO

O coordenador tem diversas formas de realizar esta atividade, ou pedindo para que cada alfabetizando monte uma história através de palavras ou letras existentes no jornal, sendo que o tema pode ser relativo à própria realidade de cada um ali, ou pode também pedir para que cada alfabetizando leia uma determinada reportagem que seja de interesse do grupo e debatam sobre o que leram e, a partir daí, recortem letras ou palavras para montarem um texto com a opinião deles a partir da manchete da reportagem lida, sendo que, nesta última idéia, o trabalho pode ser feito em grupo ou individualmente.

A assessoria do coordenador e do observador ao alfabetizando nesta atividade é de fundamental importância no sentido de ajudá-los a fazer as palavras e frases, de modo a não interferir na descoberta do alfabetizando, ou seja, relebrando ao alfabetizando, através das fichas de descoberta dadas na 1ª etapa, como se faz para escrever determinada palavra.

Ao terminarem o texto, cada alfabetizando lê o texto que fez (podem até ilustrá-lo) e, após todos lerem, debatem sobre qual foi a diferença entre o texto que fizeram e a reportagem do jornal.

MATERIAL

Jornais, revistas e panfletos diversos.

EU VOU PARA A ESCOLA.

O POVO ESTÁ COM MEDO.

A CHUVA FOI MUITO pesada.

NIVERSINA, ALMERINDA, GERALDINA

OBJETIVO: Leitura da história comum a todos relatada anteriormente.

O objetivo desta leitura é fazer com que os alfabetizando leiam a história que eles próprios ajudaram a fazer e, ainda, estão fazendo. Uma história participada e contada por todos, essa leitura é diferente das outras leituras, pois, os autores e participantes são os próprios alfabetizando.

Cada alfabetizando deve avaliar a sua participação na construção dessa história de vida, de luta, de esperança.

O coordenador distribui a folha com a história datilografada com letras grandes a fim de que facilite a leitura daqueles alfabetizando que têm algum problema de vista.

Os alfabetizando lêem em silêncio, à medida que surge uma palavra que eles não consigam ler, eles mesmos marcam a palavra. O coordenador orienta aqueles que tem dificuldades. Após essa primeira leitura, os alfabetizando lêem em voz alta. Tal leitura pode ser feita da seguinte forma: cada alfabetizando lê um parágrafo, ou uma linha e, ao terminar a leitura, o coordenador pede para que eles escrevam as palavras que eles tiveram dificuldades em ler no quadro, e então o grupo todo lê aquelas palavras, daí fazem uma discussão sobre a leitura. O que vocês sentiram ao ler a história de vocês? A participação de vocês foi e ainda é importante para a construção da história? Como vocês estão se sentindo sendo autores dessa história?

Após a discussão o coordenador faz a leitura da história com o grupo todo novamente.

OBS: Nessa história, o coordenador pode introduzir também alguns dos termos singular e plural, pedindo que eles grifem as palavras do texto que estão no plural.

- Exemplos de histórias contada pelos alfabetizando de Círculo de Cultura no Distrito Federal e região do entorno.

— Que outras palavras que vocês conhecem que terminam em **logia**? Então, sempre que este pedaço (sufixo) estiver contido nas palavras **vai** significar estudo de alguma coisa (**astropologia**, **biologia**, **psicologia**, **geologia** etc). Abrange também os prefixos. Exemplo: **Triplíce** — o que significa este pedaço (**tri**)? Então o que quer dizer **tricampeão**, **trimestre**, **triênio**. Relacionar com o número **três**, **trinta**...

Esta atividade não tem prazo de duração pré-estabelecido, dependendo, **assim** do material que o coordenador passa para os alfabetizando e do rendimento de cada um, ou seja, o coordenador só passa para a atividade seguinte a partir do momento em que todos estiverem seguros nesta.

TESTE DE PORTUGUÊS

OBJETIVO: O teste é uma forma de avaliar os conhecimentos adquiridos pelos alfabetizando durante as etapas de alfabetização. Esse teste é a ponte que os alfabetizando terão que atravessar para prosseguirem seus estudos no ensino supletivo na rede oficial de escola, onde lhes é cobrado como parte do conteúdo escolar um teste para aprová-los ou não na escola, que é onde eles terão que cumprir um determinado horário, se sentarão diferente, não mais em semi-círculo, mas sim, um atrás do outro.

- Passagem para a escola regular
- Como escola trata o conhecimento
- Função dos testes
- Aprender a fazer testes como forma "estar" na escola
- Aprender pela descoberta e pela "cobrança" # diferenças

O coordenador verifica, no local onde está se desenvolvendo a alfabetização, que tipo de teste é aplicado para o ingresso das pessoas na fase do supletivo. Assim ele terá noção de como preparar o teste se, no local, não foi exigido teste para a passagem dos alfabetizando no supletivo, então, o coordenador não precisa se preocupar com o teste, bastando, para isso, que seja bem trabalhado todos os conteúdos das etapas da alfabetização.

Os testes que são aplicados em Ceilândia-DF abrange os seguintes conteúdos: leitura e compreensão do texto "Época de eleição", separação de sílabas (pedaços), formação de frases e plural.

Esse teste pode ser aplicado em três círculos ou critério do próprio coordenador, dependendo do desenvolvimento dos alfabetizando. O coordenador **deve** esclarecer aos alfabetizando que, para o nosso trabalho, o teste não é o mais

28.09.91

Laura, Fátima, Gerson

PROPOSTA PARA ETAPA I

1 - O que é alfabetizar?

- História da alfabetização no Brasil?
- Nossa proposta para alfabetização.
- Justificativa.

FUNDAMENTOS

Procurador

Coordenador

Observador

Avaliador

Exames Supervisori

2 - Detalhamento da proposta:

2.1. - O que é o Circulo da Cultura?

- Alfabetizando: Quem é? Onde vive? Como vive?
- Coordenador: Quem é? Onde vive? Como vive?
- Observador: Quem é? Onde vive? Como vive?
- Comunidade como um todo.

2.2. - Como fazer o circulo?

I - Levantamento do Universo Vocabular:

- 1 - Pesquisa;
- 2 - Seleção das palavras geradoras;
- 3 - Etimologia.

EXEMPLOS : Zona urbana - Terezina-PI

Zona rural - São Miguel do Araguaia-TO

II - Organização e Montagem do Circulo:

- 1 - Contato mais direto com os alfabetizando e seus familiares;
- 2 - Definição do local e horário do circulo;
- 3 - Confeccção do material (cartazes e outros).

III - Abertura do Circulo:

- 1 - Teste de acuidade visual e apresentação da metodologia;
- 2 - Introdução da primeira palavra;
- 3 - Introdução da segunda palavra;
- 4 - Dinâmica prevista para o restante da Etapa I:
 - Aspectos importantes que precisam estar presentes nas discussões das palavras geradoras;
 - Uso do dicionário e pesquisa fora do circulo;
 - Surgimento das primeiras frases;
 - Avaliação diária do desempenho de todos no circulo.

CIRCULO DE CULTURA

Alfabetizar — além de aprender a ler e escrever, compreender a realidade que se está lendo ou escrevendo. Dentro de uma visão geral do mundo, o alfabetizado deverá ter sua opinião própria sobre os fatos e acontecimentos que o cercam, sem ficar dependente da avaliação de outras pessoas. Este conceito vem se diferenciando do que se convencionou pensar sobre alfabetização, como processo mecânico de decodificação da leitura e escrita.

E dentro desta proposta que cabe o conceito de CIRCULO DE CULTURA, como sendo um encontro entre culturas (alfabetizando/coordenador/observadores), onde cada uma tem sua experiência para trocar e enriquecer-se com a experiência do outro. É uma dinâmica que recupera o princípio básico da convivência em grupos, respeitando as diferenças quanto à escolaridade, idade, sexo, cor, ou qualquer que seja o motivo, e assumindo as diferenças como fato positivo de troca entre sujeitos que têm sua própria consciência.

É um círculo, exatamente porque assim deverão estar dispostas as cadeiras e carteiras, para que um alfabetizando possa olhar para o outro, estabelecer um diálogo em que todos são sujeitos, facilitando a comunicação entre as pessoas que se olham e trocam suas experiências. É um círculo de cultura porque o exercício de entrar no mundo do outro e apresentar aos outros seu mundo recupera muito da nossa cultura perdida, revela o que pode ser desconhecido para alguns e proporciona uma nova visão de leitura do mundo, tornando o alfabetizando confiante de que ele também faz cultura, de que ele também é cultura. Como pode ser percebido, o círculo de cultura é mais que uma sala de aula, onde há o lugar de destaque do professor e de onde ele passa a ditar as normas para a aprendizagem dos alunos que ficam um olhando a nuca do outro. Este é um fator fundamental para que o círculo funcione.

A proposta de alfabetizar em círculo de cultura pretende estender as discussões ali realizadas para o círculo maior de convivência das pessoas, ou seja, a comunidade onde vivem os alfabetizando, coordenador e observadores, para garantir a concretização das propostas apresentadas pelo grupo quando levantam as possíveis soluções para seus problemas cotidianos.

QUEM SÃO OS ALFABETIZANDOS?

As ~~mulheres~~ ^{mulheres não alfabetizadas} são, geralmente, trabalhadores que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola quando crianças. Uns, porque onde moravam não havia escolas, outros precisavam trabalhar para ajudar os pais; as mulheres, na maioria, não estudaram porque os pais diziam que mulher não precisava estudar, pois só ia aprender para escrever bilhetes para os namorados; e para corresponder ao seu papel de mulher na sociedade não precisava aprender a ler nem escrever. Representam, hoje, no país,

cerca de 32.800.000 pessoas. (VER FONTE) x *Sei a realidade*

São as pessoas excluídas e empurradas, geralmente, para periferias das cidades ou em terras arrendadas na roça, em função do seu baixo poder aquisitivo. Trabalham como lavradores, bóias frias, serventes, lavadeiras, diaristas, garis, enfim, ingressam em ~~condições~~ *condições* que não lhe exigem nenhum grau de escolaridade. E vivem à margem da sociedade tentando, pelo menos, garantir a seus filhos a possibilidade de estudar que eles não tiveram.

Quanto a um levantamento nacional do número de analfabetos e onde se encontram, os dados além de insuficientes, são mascarados, pois atendem a interesses políticos dos órgãos que os divulgam. Outra dificuldade enfrentada pelos coordenadores de círculos, quando vão identificar os analfabetos é o fato deles se esconderem. A vergonha que muitos sentem ao assumir que não sabem ler, os levam a camuflar das formas mais variadas possíveis suas deficiências a este respeito. Foi toda uma imagem depreciativa e perjurativa do analfabeto, criada ao longo dos anos da história do nosso país e mantida principalmente pelos Meios de Comunicação Social, que contribuiu para que estes assumissem uma posição de auto defesa.

Partindo desta realidade, imposta pelo sistema em que vivemos, encontramos um analfabeto discrente consigo mesmo. Não acreditando que é capaz de fazer qualquer coisa além daquilo que já vem fazendo. O conceito de que ele é capaz de aprender a ler, escrever e pensar é, a princípio, ignorado. E como se já estivesse esgotada toda possibilidade de aquisição de coisas novas e, mesmo aquilo que ele sabe não tivesse qualquer valor. É a velha história de que "papagaio velho não aprende a falar".

O grande desafio que o alfabetizando encontra, então, no círculo de cultura, é o reencontro consigo mesmo. Com aquilo que está adormecido já há muitos anos, que é a sua plena capacidade de ver e rever o mundo, reinventando-o a cada momento, superando seus medos e abrindo um espaço para outras pessoas entrarem em sua vida, através da troca de experiência. É o tornar-se sujeito da história. Só uma ação coletiva é capaz de ajudá-lo a chegar a isto, revertendo todo o processo de descaracterização da pessoa humana.

QUEM SÃO OS COORDENADORES?

Observa Os coordenadores de círculo de cultura são, em geral, pessoas que se preocupam com as questões sociais, políticas e econômicas de nosso país e percebem, dentro deste contexto, um espaço para intervir nesta realidade, através da alfabetização. São jovens e adultos que após o segundo grau, ou até mesmo antes, percebem que podem contribuir com aqueles que não tiveram oportunidade de estudar, pelo descaso com que se trata a alfabetização, a educação em geral, neste país.

Nossa experiência tem demonstrado que, os que optam por este trabalho, estão em geral, mais próximos da realidade dos alfabetizando e comprometidos com esta realidade. Moram na comunidade em que realizam o círculo *de cultura* e trabalham também por lá, se isto é possível.

Como não poderia deixar de ser, o coordenador não

Ats. cilia

CX06
ambros

assume a postura de professor. Professor, aqui entendido, como o detentor de um conhecimento a ser transmitido para o aluno. Ele atua como animador do círculo, propiciando ao grupo situações de diálogo e confronto das idéias apresentadas. A princípio, ele parece ser a figura principal, mas a partir do momento em que o diálogo se estabelece no círculo, cada um que fala merece tanta atenção quanto o coordenador, isto descentraliza a discussão, recuperando a comunicação no seu sentido real.

aluna

É uma postura completamente diferente do que se vê hoje nas escolas, portanto, o coordenador deve se preparar para trabalhar no círculo de cultura. Aprender com os alfabetizados e passar-lhes suas experiência, propiciando-lhes os momentos de descoberta.

*gato
depinha*

São atividades do coordenador de círculo de cultura:

a) Dinamizar o debate inicial. Sendo um dos momentos importantes do Círculo de Cultura, é necessário que haja sempre o incentivo à participação de todos os alfabetizados. E no debate que surgem as opiniões de cada alfabetizado. E no debate que vão surgir as diferentes maneiras de ver o conhecimento, conceitos e preconceitos de cada um. É importante que o coordenador esteja aberto à discussão e procure valorizar as opiniões de todos. Observe o gráfico abaixo, para verificarmos o papel do coordenador no debate da palavra geradora:

?(ACRESCENTAR GRAFICO DAS INTERAÇÕES NO CIRCULO)
E FLUXOGRAMA

VT
Episódios
Exercício

b) Coordenar a leitura dos cartazes de descoberta, estando atento para as dificuldades apresentadas por cada alfabetizado.

c) Coordenar a correção das palavras e frases, tendo em vista ser este um momento delicado do trabalho do círculo. O alfabetizado se mostra, muitas vezes, ansioso, com medo de errar e cabe ao coordenador ter o cuidado de não reforçar a idéia de que ele é incapaz de aprender, nem mesmo conduzir a correção, não permitindo ao alfabetizado descobrir, a seu tempo, as respostas. Este é um momento muito importante do círculo, pois é aqui que ocorre a descoberta ou o alfabetizado pode partir para o processo de adivinhação. Isto depende de como for coordenado este momento.

d) Orientar e acompanhar os observadores em seu processo de formação.

Dentro de todas estas atribuições dos coordenadores de círculos de cultura, uma é imprescindível: a disponibilidade de aprender com tudo e com todos. No processo da alfabetização libertária, descobre-se que não é apenas alfabetizar que liberta, mas conviver num círculo é um contante convite a mudança, para todos os envolvidos nele.

QUEM SÃO OS OBSERVADORES?

A observação direta no círculo é a metodologia adequada

para formar o educador que queremos. É o observador que subsidia o coordenador durante a avaliação de todo o processo do círculo. Neste curso, especificamente, estamos sugerindo que o trabalho seja feito em duplas, exatamente para que os papéis de coordenador e observador possam ser alternados.

O observador, num círculo de cultura, é um agente importante para o bom andamento dos trabalhos. Isto, porque ele acompanha a tudo e a todos, procurando avaliar tanto os alfabetizandos, quanto o coordenador. Sua atuação não é passiva, à medida em que anota as informações sobre a participação nos debates, leitura dos cartazes, correção de palavras, também dá sua contribuição, suas opiniões durante o círculo.

As anotações feitas pelo observador, no decorrer das atividades, são de fundamental importância, pois são elas que servirão de instrumento para que ocorra a avaliação, daí porque tais anotações devem ser bem feitas, ou seja, relatarem os fatos tais como eles acontecem, sem a preocupação de fazer a crítica neste momento. A discussão é um momento posterior que ocorrerá entre coordenador e observadores.

O observador, geralmente, é aquele que está ali para aprender junto com o coordenador. Daí a importância dele anotar em sua observação qualquer dúvida que surgir acerca do assunto desenvolvido em uma atividade. Ele também pode atuar diretamente no círculo, ajudando os alfabetizandos quando estes sentem dificuldades na leitura das fichas; na formação de palavras, etc., dando um acompanhamento mais individual.

Outras atividades do observador no círculo:

a) Junto com o coordenador, encontrar momentos de reuniões periódicas de avaliação e estudo, o que contribui no processo auto-formação.

b) Contatar alfabetizandos para a formação dos novos círculos;

c) Ter todas as observações anotadas, para que possam ser utilizadas nas reuniões de avaliação;

d) Auxiliar o coordenador na confecção dos materiais para o círculo.

(COLOCAR GRÁFICO DA EXPANSÃO DOS CÍRCULOS)

COMUNIDADE ONDE SE REALIZARÁ O CÍRCULO DE CULTURA

Em geral, os círculos de alfabetização acontecem próximo ao local de moradia ou de trabalho dos alfabetizandos, portanto, não há distância entre a realidade destes e a da comunidade. Apesar disto, vamos encontrar pessoas que não tem conhecimento do que acontece à sua volta, principalmente, porque vivemos num sistema que quer garantir o isolamento, o individualismo de todo o povo.

O contato com a comunidade já se dá desde o levantamento do universo vocabular, quando você vai divulgar a formação do círculo de cultura, em igrejas, associações comunitárias, clubes de mães, sindicatos, rádio etc. Se nenhum

explorar

destes recursos foi possível, você passará de porta em porta conversando com a comunidade, por isso, já terá um contato direto com todos. //

Um círculo de cultura não depende somente dos alfabetizandos, coordenador e observadores, mas é fundamental a participação direta de toda comunidade onde ele está sendo realizado. Esta integração é que garantirá a realização de um trabalho a partir da realidade do grupo envolvido.

Neste sentido é fundamental que o coordenador e os observadores, principalmente, sejam pessoas conscientes e comprometidas com as lutas da comunidade local. Pois só assim, poderão esclarecer dúvidas dos alfabetizandos e até propor soluções diante de problemas levantados nos debates. Para isto é importante buscar as informações sobre a história local, sua fundação, o povo que lhe deu origem, o significado de seu nome, sua história política, quais os problemas atuais que enfrenta etc. ?

O contato com associações, centros de saúde, clubes de mães, igrejas, sindicatos e outros, poderá proporcionar ao círculo de cultura um conhecimento mais amplo do papel que cada uma destas instituições tem, e mesmo, o que cada uma deveria estar realizando pela comunidade como um todo. Partindo deste conhecimento, o alfabetizando pode passar a ser agente de transformação neste meio, pois ele não irá apenas para avaliar, mas também, para propor formas de encaminhar a solução dos problemas evidenciados pelo grupo.

É um momento rico no círculo, quando o grupo consegue sair apenas das discussões teóricas e encontra, ou cria, seu espaço lá fora para a luta concreta pela melhoria das condições de vida de todos. Isto, tanto coordenadores e observadores, como alfabetizandos. Podemos citar como exemplo, no caso dos coordenadores e observadores, a criação de entidades como o Centro de Educação Paulo Freire de Ceilândia (CEPAFRE) e o Centro Popular de Educação e Cultura do Gama (CPEC), pelos jovens que atuam em alfabetização com a metodologia aqui apresentada, com o objetivo de uma organização mais efetiva da luta pela erradicação do analfabetismo, bem como a participação do grupo em outras lutas no Distrito Federal. No caso dos alfabetizandos,....

(COMPLETAR O PARAGRAFO)

indica

COMO FAZER UM CIRCULO DE CULTURA

I - Levantamento do Universo Vocabular:

1) Pesquisa:

A pesquisa do universo vocabular se dá no contato do alfabetizador com a comunidade que deve ser feito de forma íntima, prazerosa e, sobretudo, amigável, eliminando, assim a utilização de um roteiro pré-estabelecido de perguntas. A pesquisa é feita em todos os lugares onde o povo está: bares, campo de futebol, escolas, igrejas, associações, trabalho, mercados. Todas as pessoas são ouvidas, não só os adultos, mas também as crianças. Este levantamento pode ser feito também a partir da escuta dos diálogos que, comumente, ocorrem em paradas de ônibus,

filas de hospital, festas locais, etc. Em alguns momentos, o pesquisador, poderá estabelecer um diálogo informal com as pessoas nestes locais de maior aglomeração, sem se preocupar em escrever o que for dito no mesmo momento, isto causa inibição e constrangimento. Em outros, nem se faz necessária a intervenção do pesquisador no diálogo, mas ele apenas observa e anota as discussões que possam estar acontecendo entre pessoas.

Caso você seja da própria comunidade, este trabalho se torna ainda mais fácil de ser aplicado, pois já conhece o modo de viver, de agir e os costumes dessas pessoas, facilitando assim o bom relacionamento entre ambos, tanto na hora do levantamento do universo vocabular, como no próprio círculo de cultura. Mas, cuidado para não se enganar com as palavras que você está levantando; elas devem ser realmente do alfabetizando e não suas. Se você sentir neccesidade, faça uma releitura das palavras levantadas antes de iniciar a seleção.

2) Seleção das palavras geradoras:

Após o levantamento do universo de mais ou menos 150 palavras do vocabulário da comunidade que será alfabetizada, passamos para a seleção destas palavras, utilizando os seguintes critérios:

- Problemática existencial;
- Possibilidade figurativa;
- Dificuldades fonêmicas.

b) Problemática Existencial.

As palavras levantadas passam pela primeira seleção sendo revisadas, observando sua abrangência no que se refere à representação de problemas econômicos, políticos, ideológicos, saúde, habitação, família, lazer e transporte.

É necessário que a palavra geradora tenha um significado na realidade em que será discutida, seja de interesse do grupo de alfabetizando e possa despertar no grupo a possibilidade de dar sua opinião sobre o tema, ouvir a opinião dos demais ou, até mesmo, alguns reconhecerem que nunca pensaram em tal problema. Isto não é uma prática da sociedade em que vivemos, pois a maioria das notícias que ouvimos no rádio ou na televisão, já vêm prontas, não temos espaço para questioná-las e acabamos por engoli-las. O círculo é que representa um espaço para uma reflexão coletiva da realidade.

Mas, é importante verificar que para uma palavra representar uma problemática existencial é preciso observar o grupo que será alfabetizado. Por exemplo: A palavra CADEIRA, para uma dona de casa, não representa muita discussão no círculo. Já, para um marceneiro, ela abrange toda uma realidade, ligada a questões econômicas, de sobrevivência, no seu dia-a-dia. Enquanto que, a palavra COMIDA, gera uma discussão que é comum a todos os alfabetizando. Outros exemplos vemos nas palavras CAPACETE, utilizada especificamente nos círculos de cultura da construção civil e BABAÇU, utilizada na zona rural de Tocantins.

a) Possibilidade Figurativa.

A primeira seleção que é feita com as palavras levantadas é

a verificação daquelas que podem ser representadas figurativamente, ou seja, através de uma gravura ou do objeto concreto. É importante ressaltar ao coordenador que esta representação deverá ser o mais real possível, por exemplo, no caso do levantamento feito em São Miguel do Araguaia, Tocantins, uma das palavras selecionadas foi rede, portanto, no círculo de cultura, quando for trabalhada a palavra rede este objeto será levado para que todos observem e discutam sobre a realidade que o envolve.

Outro detalhe que precisamos observar é que palavras importantes como: governo, política, saúde, doença, amizade, luta etc. não são fáceis de serem representadas, por isso procuraremos abordar a realidade que cada uma delas trás, em outras palavras similares ou que abrem o espaço para estes questionamentos.

c) Dificuldades Fonêmicas:

A seleção final das palavras é feita com base nas dificuldades fonêmicas da língua portuguesa, ou seja, procura-se escolher as palavras que representam todos os sons emitidos na língua, evitando a repetição de um ou mais sons, por várias palavras. Estes sons vem representados pelas seguintes letras: B, C (forte) e C(brando), D, F, GU, G(forte) e G(brando), J, L, M, N, P, QU, R(forte) e R(brando), RR, S(forte) e S(brando), SS, T, V, X, Z, CH, LH, NH,

Terminada a seleção do universo vocabular, ainda é preciso ordenar as palavras selecionadas para serem utilizadas no círculo. Isto é feito seguindo, basicamente, dois cuidados:

- As primeiras palavras deverão apresentar dificuldades fonêmicas mais brandas, ou seja, sem entrar nas complexidades dos SS, RR, Ç, TR, CH, LH, NH, QU, GU. Por exemplo, podemos citar a primeira palavra utilizada em Ceilândia-DF: LOTE; no Gama-DF: POVO; em São Miguel-TO: REDE.

- Os fonemas iguais na escrita, mas diferentes na pronúncia e vice-versa, não deverão ficar próximos uns dos outros. Por exemplo: a palavra CHUVA é a 4ª, enquanto FAXINA é a 15ª, no levantamento do Gama-DF: ...

3) Etimologia da palavras geradoras:

ETIMOLOGIA significa a origem de uma palavra. O estudo da origem das palavras surgiu a partir das dificuldades de se compreender a ortografia de algumas, nos círculos de cultura. Um dos exemplos desta situação é a palavra RELIGIÃO, que os alfabetizando de Ceilândia-DF perguntaram porque era com G e não com J. No dicionário etimológico está que religião vem de RELIGARE, por isso se usa G e não J.

Foi a partir desta experiência, que os coordenadores de Ceilândia passaram a procurar a origem das palavras, no Dicionário Etimológico, como uma das fontes de pesquisa.

Vejamos alguns exemplos de etimologias ...

EXEMPLO DO LEVANTAMENTO DO UNIVERSO VOCABULAR
TERESINA-PI

- Trabalho
- Religião
- Política
- grafia
significado

Esta pesquisa do universo vocabular teve início com o contato entre professores da Secretaria de Educação do Estado do Piauí e a Professora Maria Luiza Angelim da UNB. Havia um interesse daquela secretaria em utilizar a experiência de alfabetização com o método Paulo Freire naqueles municípios.

(SITUAR MELHOR A EXPERIENCIA)

1º PASSO - Pesquisa do universo vocabular em Terezina - PI, em 1987. Foram pesquisadas 137 palavras:

habitação, invasão de terras, transportes, falta de apoio às comunidades, discriminação social, apoio ao menor abandonado, problemas de saúde dos favelados, espancamento/ bater/ surrar, ausência de fossas/ casinha/ santina, água, luz, educação, grupo de jovens, saneamento básico, asfaltamento, melhoria médico-hospitalar/hospital, creche, iluminação pública, sistema de segurança/polícia, FM/ box/ ronda noturna, preços, parques infantis, quadras de esportes, clube social, assistência aos idosos/ velhos, segurança de transporte usuário, desemprego, reivindicação, mercado público/mercado, igrejas, educação participativa, consciência crítica da população, participação, calçamento, telefone comunitário, ruas estreitas, arborização, assistência dentária, clubes de mães/ associações, alimentação, ocupação profissional, tóxico, pobreza, eleição, prefeitura, datilografia, áreas ociosas, televisão, rádio, água encanada, lixo, chafariz, melhoramento das casas, conselho de bairros, biblioteca, empresários, egoísmo, ajuda, participação, fome, blusa, carestia, fósforo, jogo, ninguém, caminhão, escola, máquina, menino, dobra, tesoura, peixe, loura, bicicleta, comadre, comer, alho, cortina, abacate, abacaxi, milho, feijão, bola, bolacha, pão, cuzcuz, mulher, vacina, família, ensino religioso/religião, lápis, hospital, palha, adobe, tijolo, terreno, ocupação, segurança, trabalho, capoeira, lazer, quitanda, caratê, cortiço, paciência, chave, calça, cachimbo, comida, carne, cadeira, prego, sociedade, favela, casa, política, terra, grupo, barraco, praça, sapato, chapéu, livro, fogão, garrafa, saco, sacola, panela, cama, rede, pente, limão, ferro, parede, caixa, geladeira, carro, jarro.

OBSERVAÇÃO: os termos como: "falta de apoio às comunidades, discriminação social, apoio ao menor abandonado, problemas de saúde dos favelados, melhoria médico-hospitalar, sistema de segurança, assistência aos idosos, mercado público, ocupação profissional, consciência crítica da população, áreas ociosas", com certeza não são do universo vocabular dos alfabetizados e sim de quem fez a pesquisa. CUIDADO! É importante lembrar que as palavras devem ser do vocabulário popular e não do coordenador ou dos observadores.

2º PASSO - Seleção das palavras geradoras:

a) Aplicação do critério de possibilidade figurativa. Total 59 palavras:

habitação, transporte, espancamento/bater/surrar, ausência de fossas/casinha/santina, melhoria médico-hospitalar/ hospital, sistema de segurança/polícia, assistência aos idosos/velhos, mercado público/mercado, igrejas, telefone comunitário, clube de

mães/associações, eleição, televisão, rádio, água encanada, lixo, chafariz, melhoramento das casas, blusa, jogo, caminhão, escola, máquina, menino, tesoura, peixe, bicicleta, cortina, milho, feijão, mulher, vacina, família, ensino religioso/religião, palha, tijolo, terreno, trabalho, quitanda, chave, calça, cachimbo, comida, cadeira, favela, chapéu, livro, fogão, garrafa, saco, sacola, panela, cama, rede, pente, ferro, caixa, geladeira, carro e jarro.

OBSERVAÇÃO: Palavras como: "pobreza, empresários, egoísmo, ajuda, participação, fome, carestia, ninguém, comadre, ensino, paciência, política, grupo", apesar de serem da linguagem do povo que será alfabetizado, não têm como ser representadas figurativamente e por isso foram retiradas.

b) Aplicação do critério de problemática existencial. Total 30 palavras:

transporte, hospital, mercado, telefone, associação, eleição, televisão, rádio, lixo, chafariz, casa, fogo, escola, máquina, bicicleta, feijão, vacina, família, religião, tijolo, trabalho, quitanda, habitação, cachimbo, comida, fogão, panela, rede, ferro, água.

OBSERVAÇÃO: foram acrescentadas as palavras seca e forró, pelas professoras pesquisadoras. Como já foi dito, este critério de seleção dependerá do grupo com o qual o trabalho será feito. Neste caso, as palavras: "fósforo, louca, alho, cortina, milho, bolacha, lápis, palha, caratê, saco, sacola, livro, limão, pente, garrafa, geladeira, carro, parede", não foram utilizadas por não representarem significativamente a problemática existencial dos alfabetizando.

c) Aplicação do critério de dificuldades fonêmicas. Total 18 palavras:

LATA, COMIDA, JOGO, SECA, CHUVA, ESCOLA, QUITANDA, VACINA, ELEIÇÃO, FORRO, PASSARINHO, RELIGIÃO, TRABALHO, TELEVISÃO, ÁGUA, VIZINHO, LIXO e ASSOCIAÇÃO.

Observação: As palavras lata, chuva, passarinho e vizinho foram acrescentadas e absorvidas na discussão dos critérios. Quanto à palavra TIJOLO, dado o seu comprometimento com a experiência negativa do MOBRAL a partir de 1970, pois era a primeira palavra a ser trabalhada, achou-se por bem retirá-la na seleção final.

EXEMPLO DO LEVANTAMENTO DO UNIVERSO VOCABULAR SÃO MIGUEL DO ARAGUAIA- TO

Esta pesquisa do universo vocabular se deu através da Irmã Hilda Weismuller, religiosa que trabalhava em São Miguel com a comunidade rural e conheceu a experiência de alfabetização com o método Paulo Freire através de um encontro de jovens da Pastoral da Juventude, em Goiânia, onde jovens do DF contaram o trabalho que vinham fazendo na cidade satélite do Gama.

1º PASSO - Pesquisa do universo vocabular em São Miguel do Araguaia-TO, zona rural, em 1990. Foram pesquisadas 206 palavras:

terra, roçar, lavrador, trabalho, trabalhador, poiseiro, posse da terra, planta, roçar, capinar, capim, mato, arroz, feijão, abóbora, legume, mandioca, macaxeira, fubá, farinha de macaxeira, casa de farinha, inverno, verão, chuva, seca, colheita, frutas, banana, laranja, mamão, enxada, foice, fome, carístia, babaçu, palmeira, jumento, carrega, família, mulher, quebradeira de côco, dona de casa, mãe, lavradora, azeite de côco, carvão, fogão, panela, pote, pilão, pilar arroz, comida, merenda, filhos, crianças, doença, necessidade, preocupação, dinheiro, casa de taipa, palha, machado, rede, horta, saúde, remédio, leite de côco, vacina, Imperatriz, Sete Barracas, São Francisco, sindicato, comunidade, companheiros, reunião, união, compromisso, conflito, conflito de terra, luta, mutirão, povoado, povo, popular, participação, direitos, justiça, medo, violência, organizar, organização, conquistar a terra, discutir, eleição, votar, garimpo, garimpeiro, escola, estudar, festa, rádio, religião, bíblia, lavoura, terra bruta, terra mansa, brocar, tocar fogo, represa, represa de água, cerca, beirar a cerca, reforma agrária, assentamentos, assentados, beira do rio, grotas, brejo, quebrar milho, apanhar arroz, sol quente, solão, prepara chuva, sereno, esteira, serenando, facão, cavador, canteiro alto, cupu, bacaba, maxixe, melancia, buriti, cacau, pimentão, taturubá, bacuri, carambola, tamarina, quiabo, maracujá, peroba, jaca, malinar, dar um parecer, em riba, bocado de anos, combinar, discutir, demonstrar, mostrar, proposta, descrição, voltar pra trás, pessoa chegada, mandar embora, ligeiro, dar assistência, caçar dinheiro, pinho, um rapaz, galinha, pato, quintal, sementes, vasilhas, campo, encabulado, educação, vida, alimento, direitos, fartura, resistência, liderança, atividade, experiência, apoio, fé, celebração, vizinhos, bicicleta.

2o PASSO - Seleção das palavras geradoras\:

a) Aplicação do critério de possibilidade figurativa. Total 39 palavras:

lavrador, trabalho, plantar, capinar, capim, arroz, feijão, abóbora, mandioca, macaxeira, puba, farinha de macaxeira, chuva, seca, banana, laranja, mamão, enxada, foice, babaçu, família, quebradeira de côco, mãe, azeite de côco, carvão, filão, machado, rede, horta, vacina, Sete Barracas, São Francisco, comida, mutirão, eleição, garimpo, escola, festa, rádio, bíblia, esteira, facão, cavador, canteiro alto, cupu, babaçu, bacaba, maxixe, melancia, buriti, quiabo, barro, poço, pinho, galinha, vizinho, bicicleta, sindicato.

b) Aplicação do critério de problemática existencial. Total 40 palavras:

banana, trabalho, lavrador, macaxeira, capim, arroz, feijão, farinha, chuva, colheita, enxada, babaçu, jumento, família, quintal, fogão, panela, casa de taipa, rede, vacina, imperatriz, São Francisco, Sete Barracas, reunião, mutirão, violência, eleição, escola, rádio, bíblia, azeite, cerca, esteira, barro, poço, dinheiro, bicicleta, água, garimpo, sindicato.

c) Aplicação do critério de dificuldades fonêmicas. Total de 22 palavras:

rede, vacina, casa, chuva, escola, babaçu, arroz, jumento, família, lavrador, água, macaxeira, religião, dinheiro, garimpo, azeite, trabalho, eleição, rádio, quintal, posseiro e sindicato.

II - Organização e Montagem dos Circulos:

1 - Contato mais direto com os alfabetizandos e seus familiares:

O entrosamento é fundamental para que o círculo de cultura funcione, uma das formas de promover este entrosamento é através de visitas aos alfabetizandos. As igrejas que frequentam, a clubes ou associações das quais fazem parte. O objetivo deste contato mais próximo com o alfabetizando e sua família, não é somente o de conhecer cada um dentro de sua realidade, mas também o de desmitualizar a figura do coordenador e dos observadores.

Para alguns ainda permanecem aquela imagem de que os "professores" são superiores a eles. Por isso se faz um desafio no círculo de cultura que é o de reconhecer as diferenças de experiências e tipos de saber, sem manter ou reforçar o conceito de uns são melhores ou maiores que os outros.

2 - Definição do Local, Dias e Horário:

Como todo o processo de montagem do círculo de cultura, também a definição de local e horário depende de um consenso entre todos os integrantes do círculo. É importante que não se priorize somente a vontade de uns, mas que todos possam apresentar seus motivos para estarem ali. Só assim poderemos garantir que todos fiquem satisfeitos com as decisões tomadas enquanto grupo, o que levará então todos a se comprometerem. Por isso tem-se optado por abrir os círculos o mais próximo possível da casa dos alfabetizando, seja em igrejas, salões comunitários, escolas, no local de trabalho ou outros locais que ofereçam as mínimas condições de funcionamento do círculo, ou seja, boa iluminação, quadro-giz, cadeiras e carteiras, boa ventilação etc.

Quanto aos dias de círculo, tem-se optado por três dias alternados na semana, isto porque, sabendo das dificuldades do jovem e adulto trabalhador, percebe-se que é impossível esperar que ele participe do círculo todos os dias e ainda tenha tempo de fazer as pesquisas fora do círculo, a leitura da ficha e a formação das palavras para serem levadas no próximo encontro. Como este processo depende da participação do alfabetizando como agente de sua alfabetização, é imprescindível que lhe sejam dadas as condições para estudar por conta própria, até mesmo, desmistificando aquela idéia de que aprender tem a ver com ficar em sala de aula, ou ouvir o professor, somente. É necessário que haja tempo para o trabalho individual de cada um, para depois no círculo, acontecer o trabalho coletivo para aprendizagem.

Um círculo funciona, em média, duas horas por dia, dando um total de seis horas semanais. Também tem sido o tempo adequado para o trabalho ao qual nos propomos, não sendo cansativo para o alfabetizando, que em geral trabalha.

3 - Confeccção do material:

Em 1963, quando se espalhou, por boa parte do país, a experiência de alfabetização de adultos com o método Paulo Freire o material básico era um projetor de slides, slides e uma bateria. Com isto o alfabetizador representava as palavras geradoras e coordenava o círculo de cultura. Era um material estratégico para a época. Pouco se sabia sobre televisão e por isso a projeção era uma grande novidade para todos. Mas, temos que considerar que não era o fato de ter uma projeção que levava o alfabetizando ao círculo e sim seu interesse em aprender, apesar de muito se ter feito para isto não ser considerado.

Em nosso trabalho obtivamos por utilizar cartazes, onde vêm juntas a figura que representa a realidade existencial e a palavra geradora. Isto porque não há como justificar a necessidade de todo trabalho e gasto com slides e projetores, numa época em que a televisão já invadiu todas as casas, porém se o grupo optar por este material, tendo recursos, nada o impede. A opção pelo cartaz contendo figura e palavra, ou pelo slides com a gravura e a palavra, faz parte do processo do círculo de cultura onde os alfabetizando trabalharão num primeiro momento o desdobramento da figura, com a discussão da realidade que a envolve, e, num segundo momento, o desdobramento da palavra geradora com as fichas da palavra e a ficha das famílias fonêmicas.

a) Cartazes:

Cada círculo de cultura utiliza cinco cartazes para o estudo da palavra geradora. Sendo que estas palavras passaram pela seleção do universo vocabular pesquisado, elas deverão portanto, corresponder ao critério de possibilidade figurativa, o que garantirá a confecção do primeiro cartaz:

1º cartaz - Representação da situação existencial:

(ESPAÇO PARA O 1º CARTAZ)

Representa a situação existencial através de um desenho, seguido da palavra geradora escrita bastão maiúscula. O desenho deve ser o mais próximo do real possível, deverá ser figurativo, quase como um retrato, ou seja, aquilo que vai retratar a realidade que será discutida, pois é através dele que o coordenador iniciará o debate no círculo, lançando algumas perguntas sobre a situação vista e vivida por eles dia-a-dia?

Mas, não há apenas a figura no cartaz. Há também a palavra que será trabalhada naquele círculo. Ela deve estar de tal forma colocada que possa haver uma integração entre figura e palavra. É a soma das duas linguagens: a escrita (palavra na língua portuguesa, por ser a nossa língua) e a figurativa.

Para a escrita da palavra utilizamos a letra em bastão, primeiro, porque ela é de fácil traçado, ou seja, o alfabetizando não precisa se preocupar em decifrar letras desenhadas ou arredondar sua letra, ou como eles mesmos dizem: "escrever de carreirinha", mesmo porque neste momento da alfabetização não deve ser esta a maior preocupação. Segundo, porque é a letra mais utilizada em placas, itinerários de ônibus, cartazes, jornais, revistas etc, com os quais o alfabetizando tem contato no seu dia-a-dia.

Ainda quanto à escrita, um cuidado que se deve ter é quanto ao espaçamento entre as letras e ao seu tamanho.

2o cartaz - (OU FICHA)

COMIDA

Representa a palavra geradora, agora sem o acompanhamento do desenho. Este cartaz, como todos os demais, é usado para a leitura individual e coletiva no círculo.

3o cartaz -

CO MI DA

Após a leitura da palavra geradora, identifica-se quantas partes ou pedaços formam esta palavra, por isso este cartaz trás os pedaços da palavra afastados um do outro.

4o cartaz -

CO - MI - DA

Identificados quantos pedaços possui a palavra geradora, é necessário que o alfabetizando reconheça estes pedaços separadamente. Neste cartaz, portanto, temos os pedaços da palavra geradora separados.

5o cartaz -

CA	CO	CU
MA	ME	MI
MO	MU	
DA	DE	DI
DO	DU	

É o cartaz que conterà as famílias fonéticas dos pedaços da palavra geradora a ser estudada.

Ao confeccionar este cartaz deve-se notar que cada vogal está embaixo de outra vogal com o mesmo som (vogal A da sílaba DA embaixo das vogais das sílabas CA e MA), e que as consoantes estão alinhadas da mesma forma. Podemos observar que na vertical permanece a vogal e muda a consoante, enquanto na horizontal permanece a consoante e muda a vogal.

Este jogo de 5 (cinco) cartazes deverá ser confeccionado para cada palavra geradora a ser utilizada no círculo de cultura. As letras devem ser de um tamanho que facilite aos alfabetizandos visualizarem o que está escrito. Sugerimos 6 cm de altura, por 3,5 cm de largura.

CUIDADOS QUE DEVEMOS TER AO CONFECCIONAR OS CARTAZES

1 - Quanto ao tipo de desenho:

Vejamos alguns exemplos de cartazes que pretendem representar a situação existencial, porém não apresentam uma

interpretação correta da realidade:

(colocar o cartaz de COMIDA)

Na introdução, da palavra COMIDA, nos círculos de cultura do Gama-DF, os alfabetizandos interpretaram o desenho como sendo um "disco voador"! Veja como é necessário ter um desenho mais claro.

(colocar o cartaz de ESCOLA)

Neste cartaz de ESCOLA, o problema está também na interpretação do desenho, na mensagem que ele transmite, como se a escola fosse uma professora e um aluno, nada mais. E como se para aprender dependesse da professora estar sob o aluno lhe dizendo o que fazer e por onde ir.

2 - Quanto ao desenhista:

Outro problema que constatamos é quanto à interpretação do desenhista à palavra que lhe pedimos para representar. Se este também não tiver conhecimento do processo de alfabetização num círculo, nem muito menos, conhecer a comunidade que será alfabetizada, poderá dar ao desenho sua visão de mundo e não a que precisamos representar. Por isso é necessário que o coordenador e os observadores acompanhem a elaboração dos cartazes, se eles próprios não conseguirem fazê-los.

b) Ficha de Descoberta:

Além dos cartazes, você e seus observadores, deverão preparar as "fichas de descoberta" para os alfabetizandos levarem para casa e continuarem o processo de alfabetização, mesmo fora do círculo. Esta ficha é uma reprodução do 5o cartaz, ou seja, as famílias dos pedaços da palavra geradora. Como material de estudo dos alfabetizandos, as fichas devem ser muito valorizadas, pois é um importante instrumento de trabalho, que poderá auxiliá-lo a descobrir palavras novas e já conhecidas.

c) Outros Materiais:

Num círculo de cultura, os cartazes são os elementos básicos, porém muitos outros recursos podem ser utilizados, dependendo da criatividade do grupo. Um exemplo disto já foi dado, quanto à representação da palavra comida. E muitos outros poderiam ser citados como: apresentar objetos concretos quando corresponder diretamente à realidade; utilizar fotografias ou filmes (quando possível).

Um outro grande recurso que podemos utilizar é o dicionário, nele serão tiradas as dúvidas quanto à escrita das palavras que os alfabetizandos trazem de casa ou fazem no momento do círculo. Este auxílio não se limita apenas a correções ortográficas, mas também no que se refere ao significado das palavras geradoras.

Materiais, também, como jornais e revistas podem ser utilizados no círculo de cultura, para coleta de palavras ou pedaços conhecidos.

III - Funcionamento do Circulo de Cultura:

PRIMEIRO DIA

ENCONTRO - NOSSO ESCOLAR

O início do círculo de cultura, como em geral todo início de aulas nas escolas, gera uma expectativa no alfabetizando, no coordenador e nos observadores com relação ao que acontecerá no primeiro dia. Em muitos casos temos alfabetizando que acham que devem voltar para casa, no primeiro dia, já com o caderno cheio de escritos; outros temem, desde o início, se vão ou não escrever e ler logo no início. É natural esta reação, tendo em vista o conceito mágico de aprendizagem que nossa sociedade prega. Mas, é nosso compromisso clarear estas angústias do primeiro dia, fazendo dele um dia diferente. Um momento de conhecimento, entrosamento e esclarecimento sobre o trabalho que será realizado no círculo, durante os quatro meses. Por isso sugerimos que o primeiro dia seja reservado, então para três atividades: teste de acuidade visual; ficha de matrícula e apresentação da metodologia do círculo de cultura.

1 - Teste de acuidade visual:

É importante ressaltar que esta questão visual pode ser vital para o funcionamento do círculo de cultura. Em muitos casos, o alfabetizando chega a dizer "eu não estou aprendendo nada", sendo que isto muitas vezes tem relação com deficiência visual.

Este teste tem por objetivo identificar a possibilidade de dificuldades visuais que, provavelmente alguns alfabetizando têm e que poderão prejudicar seus estudos. Trata-se de um teste simples que o coordenador mesmo poderá fazer, basta ter em suas mãos o cartaz do teste de acuidade visual, um tapa olho e um "garfo" (que representará a letra E desenhada no cartaz) feitos de cartolina (VER ANEXO).

Para iniciar o teste, o cartaz é afixado na parede e o alfabetizando senta-se à distância de mais ou menos 3 metros da parede. O coordenador coloca o tapa olhos no olho direito do alfabetizando para testar o esquerdo, vai para perto do cartaz do teste e indica as gravuras para que o alfabetizando, com o "garfo" na mão, possa representar o sinal apontado pelo coordenador. Depois de apontados todos os sinais do cartaz, o coordenador troca o tapa olhos de lugar para testar o olho direito do alfabetizando.

Este processo se repete com todos os alfabetizando, inclusive os que já usam óculos, porque muitas vezes a dificuldade visual progride e eles não se dão conta. O alfabetizando que apresentar menos de 80% de sua capacidade visual, deverá ser orientado para procurar um oftalmologista a fim de fazer um exame mais detalhado e ver a necessidade de óculos ou não. Isto não é fácil. Sabemos que em nosso país a falta de priorização pela saúde do povo tem deixado muitos lugares sem hospitais, postos de saúde, ou mesmo, médicos.

Como resolver este problema? É difícil, mas em alguns lugares a comunidade tem ajudado, cobrando dos órgãos do governo

responsáveis pela saúde, e também procurando fazer campanhas para arrecadar fundos para pagar as consultas e comprar os óculos. É preciso que seja um esforço conjunto e não que o alfabetizando fique esperando que os outros resolvam o problema por ele. Um exemplo de tentativa de resolução de um problema como esse se deu em São Miguel do Araguaia-TO, onde a comunidade se mobilizou para a formação do círculo de cultura e detectaram que mais da metade do grupo necessitava de óculos; por ser um lugarejo pobre, as irmãs que viviam lá sugeriram que escrevessem para alguns amigos na Alemanha pedindo ajuda, a comunidade concordou e conseguiram as armações para os óculos, fazendo o restante por conta da comunidade. No Pedregal-GO, eles conseguiram os óculos na Associação dos Idosos, frequentada pelos alfabetizados.

2 - Ficha de Matrícula:

Neste primeiro dia em que se faz o teste de acuidade visual, também aproveitamos para preencher a ficha de matrícula, a fim de termos um perfil dos alfabetizados. Vejamos um exemplo:

(COLOCAR EXEMPLO DA FICHA DE MATRÍCULA)

As fichas de matrícula utilizadas em experiências de alfabetização, no método que agente usa, não são apenas um cadastro do alfabetizando no curso, mas uma fonte de informações sobre aquela pessoa. Elas trazem em sua parte inicial, dados pessoais do alfabetizando, tais como: nome, endereço, naturalidade, ocupação, renda pessoal, data de nascimento. Estes dados permitem verificar a condição financeira e também alguns aspectos culturais dele.

Uma outra parte da ficha de matrícula diz respeito à relação de parentesco do alfabetizando. Levantamos quais são os parentes com os quais ele mora, a idade dos mesmos, sua ocupação e seu grau de instrução. Isto para ter um quadro do círculo de convivência de cada alfabetizando do círculo.

A terceira parte contém perguntas que objetivam saber sobre as experiências anteriores dos alfabetizados com escola; suas experiências associativas e reivindicatórias, que apresentarão o nível de participação e o envolvimento político dos alfabetizados nestes movimentos; sua participação em alguma religião; suas opiniões com relação à televisão e, por último, sua opinião sobre a condição de não alfabetizado.

Todas estas informações são muito importantes para o bom andamento do círculo de cultura, por exemplo, nos ajuda a não cometer equívocos, como os de trabalhar na palavra LOTE, prioritariamente, a questão do aluguel, onde nenhum dos alfabetizados mora de aluguel.

3 - Apresentação da Metodologia do Círculo de Cultura:

Com um trabalho bem subdividido, entre coordenador e observadores, ainda neste primeiro dia é possível dar um terceiro passo: apresentar aos alfabetizados como será feito o trabalho

durante estes meses em que estarão juntos. Mas com que objetivo faremos isto? A expectativa dos alfabetizandos com relação a aprender a ler e escrever é muito grande, por isso, esta introdução sobre a forma como iremos trabalhar é fundamental. É o momento de esclarecermos alguns pontos como por exemplo: que aprender não depende do coordenador, mas é um trabalho conjunto no círculo e que, em alguns momentos, o alfabetizando terá que trabalhar sozinho e, em outros, no grupo. Para enriquecer esta conversa, pode-se pedir aos alfabetizandos que contem suas experiências anteriores de contato com escola: quando, como era, porque parou. Ou mesmo pedir aos que nunca estudaram para também relatar sua história.

Uma fantasia criada na cabeça dos alfabetizandos e que precisa ser esclarecida é a de que se ele copiar bastante ele estará aprendendo, ou mesmo, só o fato dele estar no círculo, todos os dias já garante que ele vai aprender como num passe de mágica. E também a idéia de que alfabetizar-se é apenas aprender a ler e escrever. Tudo isto poderá ser esclarecido quando fizermos uma introdução sobre a educação libertadora, não com a preocupação de que o alfabetizando compreenda tudo sobre o trabalho de alfabetização de jovens e adultos com os princípios de Paulo Freire, mas que consigam compreender o sentido que damos à educação.

Apresentamos, como sugestão, o texto que é utilizado pelos círculos de cultura do Gama-DF:

(Acrescentar o texto)

SEGUNDO DIA — Introdução da primeira palavra geradora:

1 - Discussão da Palavra Geradora:

O primeiro passo para o estudo da palavra geradora é a discussão da realidade que esta representa através do cartaz da situação existencial que pode ser afixado no quadro, para que os alfabetizandos o observem. Exemplos:

(colocar o exemplo de LOTE)

Após a observação do cartaz, o coordenador dá início ao debate que, pela nossa experiência, segue mais ou menos as seguintes etapas:

ETAPA I — Identificação do cartaz — Os alfabetizandos identificam o que existe no cartaz, ou seja, desenhos, expressões de pessoas, gestos e mensagens que, por ventura, existam no cartaz.

ETAPA II — Identificação com o cartaz — Os alfabetizandos se vêem dentro do cartaz, ou seja, relacionam a realidade apresentada no desenho com a sua realidade.

ETAPA III — Apropriação do problema — Os alfabetizandos passam a assumir o significado do que está representado no cartaz, discutindo os problemas que envolvem esta situação existencial.

ETAPA IV — Busca de soluções — A partir do debate das questões relacionadas com a palavra geradora, o círculo tenta

Gerácio
VT

buscar explicações e soluções diversas para problemas.

Este debate deve se dar da forma mais informal e participativa possível. Ninguém é dono do saber, mas todos tem algo a contribuir com suas idéias, com sua experiência de vida. O coordenador deve estar atento a todas as opiniões e procurar confrontar as idéias divergentes que possam surgir no círculo. Este não é um momento simplesmente de bater-papo, mas é uma revelação da visão de mundo que cada membro do círculo tem, por isso é importante ter em mente as etapas descritas acima, como um caminho que o grupo deverá percorrer no reconhecimento da situação existencial que está por trás do desenho.

Cabe ao coordenador explorar as diferenças existentes no grupo, porque elas é que possibilitem o diálogo. À medida em que todas as opiniões são iguais o diálogo sofre uma queda, pois não há algo que o impulse, eliminando a reflexão do grupo. É importante que todos se expressem e que um não prevaleça sobre os outros, por ser este um processo coletivo.

Quanto à sua postura diante da discussão no círculo de cultura, pois ela pode influir ou não no diálogo; ou conduzindo para um debate livre e de forma crítica; ou induzindo os alfabetizando a pensarem o que você quer. Por isso é que a função do coordenador, enquanto mediador de uma discussão é a de valorizar todas as idéias, tendo o cuidado de não ficar fazendo discurso para os alfabetizando.

É coordenador porque dentro da discussão, ele coordena o debate, evitando o agravamento de determinadas posições, tais como: a centralização da palavra por uma só pessoa e o desânimo dos alfabetizando. Pode ele, também, incentivar outros alfabetizando a participarem ativamente do debate. O debate poderá ser coordenado através de perguntas, as mais amplas possíveis, de forma que facilite o diálogo.

Num primeiro momento, o alfabetizando começa expressando o que ele acha que o coordenador quer ouvir, ou seja ele responderá em dúvida. O coordenador deve procurar acabar com esta dificuldade estimulando-o a exercer a auto-confiança. É necessário verificar que este "medo" que os alfabetizando têm de responder, vem da própria sociedade em que ele vive, onde é constantemente discriminado com idéias como "quem tem conhecimento é que deve falar e quem não tem deve ficar calado".

O coordenador, antes do debate, deve estar preparado para fazê-lo, por exemplo conhecendo os assuntos relacionados com o tema da palavra geradora. Exemplo:

Palavra **LOTE**

Temas:

- Questão da moradia;
- Reforma agrária;
- Infra-estrutura das casas e doenças causadas pela falta dela;
- Aluguel;
- Programas habitacionais.

Estes temas são abrangidos nas discussões dentro do círculo de cultura. Além de realizar a discussão é fundamental que se chegue a uma atividade prática: participando em associações de

moradores, mutirões de limpeza e outros eventos que envolva também a comunidade. Estas são algumas das possibilidades de participação que apresentamos, são expectativas, mas não obrigatoriamente, ocorrerão com todos os alfabetizandos, desta forma.

O controle do tempo da discussão é importante, pois facilita que se trabalhe o restante das atividades. Por isso sugerimos que ela dure em torno de 30 minutos, sendo, é claro, que não se deve interromper o debate por conta de um cronômetro. Mas, o coordenador poderá ter o cuidado de procurar ir amarrando com o grupo a discussão, dentro deste tempo, para poder prosseguir com o círculo.

2 - Leitura da Palavra Geradora:

Como já foi dito, junto com o desenho que representa a situação existencial, vem escrita a palavra correspondente ao desenho. O coordenador deverá perguntar ao alfabetizando se no cartaz há algo além da gravura. Quando todos identificarem a palavra escrita no cartaz como sendo a situação que eles vinham discutindo até aquele momento, o coordenador, então, pede a cada um que leia a palavra individualmente e depois juntos.

Passada esta primeira leitura da palavra geradora ainda no cartaz com a gravura, o coordenador substitui este cartaz por outro contendo, agora, apenas a palavra:

LOTE

Os alfabetizandos lêem este cartaz em grupo e, depois, individualmente. É importante que o coordenador acompanhe a leitura com atenção, inclusive repetindo o que foi lido após o alfabetizando, para transmitir-lhe segurança. Neste momento deve-se ter cuidado ao identificar os alfabetizandos que não estão reconhecendo a palavra geradora, para que a dificuldade apresentada possa ser sanada naquele momento.

Após a leitura da palavra geradora por todos, o coordenador fará a seguinte comparação: "Podemos comparar esta palavra que estamos estudando com nossas casas. Elas, geralmente, possuem dois ou mais cômodos: sala, cozinha, banheiro, quartos. São as partes da casa. Pois bem, a palavra também é formada de partes que podemos identificar, observando quantas vezes abrimos a boca para pronunciá-la. No caso de LOTE, vamos observar quantas vezes abrimos a boca para pronunciá-la.

Quando o alfabetizando identifica quantas vezes ele abriu a boca para falar a palavra geradora, você pedirá a ele que, então, pronuncie cada pedaço e pode-se passar para a apresentação do cartaz seguinte, com os pedaços da palavra separados:

LO TE

Em seguida, os alfabetizandos lêem o cartaz em grupo e individualmente, sendo que o coordenador terá os mesmos cuidados que teve na leitura do primeiro cartaz. Terminada a leitura, ele questiona sobre a diferença deste cartaz para o anterior, a fim de que os alfabetizandos percebam e descubram que houve separação de sílabas.

TE.

Este tipo de pergunta, que pode ser feita também, na introdução do 5º cartaz, faz com que eles vejam que a letra de 1 sílaba é o "L" e a letra da outra é o "T", diferenciando assim, estas duas consoantes. Além disso, você faz outras perguntas do tipo "qual a letra que aparece repetida na família do LO? E quais as letras que aparecem diferentes?". Após fazê-la, o alfabetizador explica que as letras que estão repetidas são as consoantes e as letras que estão diferentes são as vogais.

3-Formação e correção das palavras de momento

Terminada a leitura dos cartazes, tem início a formação de palavras através da ficha de descoberta. A ficha de descoberta trata-se de 1 pequena ficha que contém as famílias da palavra geradora, ou seja, é uma espécie de cartaz-família reduzido, onde o alfabetizando forma, com as sílabas dessas famílias, diversas palavras e as escreve no caderno.

Você, juntamente com o observador acompanha o desenvolvimento dos alfabetizados neste momento, a fim de esclarecer eventuais dúvidas que, por ventura, estes apresentarem.

Para formarem palavras tranquilamente, é necessário que os alfabetizados tenham tempo.

Ao acompanhar o alfabetizando, você não diz que está certo, errado ou que é desta ou daquela forma que se faz. Você incentiva o alfabetizado a descobrir o que se pede através de diversos questionamentos que os facilitem chegar à resposta correta. Pode ocorrer que um alfabetizando queira formar a palavra LATA e não consegue. Dai, ele pede a você ou ao observador que o ajude a encontrá-la.

Você ou o observador, neste caso, questiona ao alfabetizando quantas vezes se abre a boca para falar a palavra LATA.

Após o alfabetizando ter descoberto que são 2 vezes e conseqüentemente que ela tem 2 sílabas, você pergunta: "A primeira vez que nós abrimos a boca para falar a palavra LATA nós falamos o quê?"

Se ele conseguir descobrir que é o LA, você faz com que ele indique na ficha de descoberta onde é que está o LA (obviamente, o alfabetizando já deve conhecer as sílabas da ficha de descoberta). Depois do alfabetizando ter descoberto a 1ª sílaba, você ou o observador utiliza o mesmo procedimento com a descoberta da 2ª sílaba.

A princípio, para motivar o alfabetizando a formar palavras, você forma algumas poucas palavras para incentivar e demonstrar como se faz aos alfabetizados.

Muitos alfabetizados formam palavras mortas com LETU, LILI. De início, todas essas palavras servem desde que sejam feitas, mais adiante o alfabetizador explicará a diferença.

Após todos os alfabetizados terminarem a formação de palavras, você iniciará a correção das mesmas.

Esta correção é feita no quadro, de modo que todos possam visualizá-la e conseqüentemente analisá-la.

Você, se possível, coloca uma ou mais palavras de cada alfabetizando no quadro (de preferência a palavra que eles

tiveram dificuldades em fazer, a palavra que esteja errrada ou, dada o número, todas) para que possam ser corrigidas. O alfabetizando pode escrever a palavra que formou no quadro.

Às vezes, no círculo de cultura, alguns alfabetizandos têm facilidade em ler algumas palavras escritas letra **bastão** ou de **imprensa** (como se chama tradicionalmente) assim como tem alguns que tem dificuldades em ler palavras com cursivas (letras escritas à mão).

Para evitar problemas na correção das palavras, você, nesse caso, escreve a palavra de duas formas: uma em letra de imprensa ; outra em letra cursiva; e, em seguida, corrige a palavra.

Na correção, o alfabetizador lê a palavra junto com o grupo, pergunta com ela ficou e, em seguida, corrige a palavra.

Na correção, o coordenador lê a palavra junto com o grupo, pergunta como ela ficou e, em seguida, questiona o que quer dizer a mesma. Se a palavra estiver errada, assim que terminar de lê-la com o grupo, o coordenador pergunta ao grupo se é dessa forma que se escreve ou tem outra forma de escrever..

O grupo responderá se tem ou não. Caso ele não responda, por não saberem da resposta, o coordenador pedirá a eles que pesquisem em casa como se escreve a palavra.

Terminada a correção de palavras, o coordenador pede aos alfabetizandos, que formem outras palavras em casa, a fim de que possam ser corrigidas no início do círculo seguinte.

23/10/91

M^{re} Rauliza

PROPOSTA PARA ETAPA III

ATIVIDADE DE NUMERIZAÇÃO

A MATEMATICA NO CIRCULO DE CULTURA

I - SONDAGEM

- Palavra geradora PLANTA - formas e medidas
- Palavra geradora CONSTRUÇÃO - algarismos e adição
- Palavra geradora TRANSPORTE - subtração e algarismos
- Palavra geradora DOCUMENTO?

II - INTRODUÇÃO

- Introdução dos números
- Correspondência numérica
- Unidade, dezena e centena
- Noções de tamanho: maior e menor
- Numeração ordinal

III - OPERAÇÕES

- Adição
- Subtração
- Multiplicação
- Divisão

IV - SISTEMA DE MEDIDAS

V - SISTEMA MONETARIO

I - SONDAGEM DA ATIVIDADE DA NUMERIZAÇÃO

A sondagem da numerização é a atividade anterior à introdução à matemática e posterior à etapa II. Nela ocorre a junção da etapa II com a III.

Nessa etapa o coordenador deve ter sempre em mente que o alfabetizando já tem vivência de operações numéricas cujos processos não se conhece, daí então, surge a necessidade de aflorar e explorar as conquistas operatórias que os alfabetizando realizam, ou seja sistematizar e ampliar o seu conhecimento sobre a matemática.

Enquanto continuação da alfabetização, entende-se que a etapa da sondagem tem um caráter de revisão e continuação, daí usarmos algumas palavras reservadas anteriormente na pesquisa do Universo vocabular de Ceilândia-DF, e sugerimos que sejam utilizadas em seu círculo também.

Podemos citar como objetivos gerais desta etapa:

a) Verificar a forma como os alfabetizando realizam as operações matemáticas sejam elas através de salários, pagamentos de contas, passagens, contagem de dinheiro, medida de objetos etc;

b) Fazer com que cada experiência matemática do alfabetizando seja feita também em linguagem comum a todos. Exemplo: nome dos sinais, formas de se fazer uma conta etc.

ORIENTAÇÕES:

O coordenador deverá explorar e deixar aflorar as diversas experiências matemáticas dos alfabetizando, atuando como facilitador no processo, utilizando técnicas de:

a) Demonstração - Os alfabetizando, através de uma determinada situação problema concreta de sua realidade, demonstram, com a utilização de diversos materiais de sucata (palitos de picolé, fósforo, canudos de refrigerantes, tampas de garrafa), como se realiza as operações matemáticas;

Criar situações problemas de fácil compreensão por parte dos alfabetizando e que sejam ligadas à sua realidade enquanto trabalhador.

Utilizar e classificar ilustrações de figuras geométricas (Triângulo, retângulo, quadrado, círculo), meios de transporte, elementos da natureza e produtos transformados.

Relacionar o que os alfabetizando aprenderam na etapa I e II com a matemática.

PALAVRA GERADORA: PLANTA

OBSERVAR O VIDEO IV

A proposta de trabalho com a palavra PLANTA é também para recuperar o que os alfabetizando sabem sobre formas e medidas, identificar ou redescobrir a sequência alfabética, através da utilização do dicionário, e discutir o processo da transformação da natureza em culturas.

Como você observou, neste círculo, utilizaremos os seguintes materiais que deverão estar sobre uma mesa:

- Planta vegetal, água, terra, pedras e tudo que for da natureza;

- Planta de construção, plástico, papel, sabão etc;

- Metro, régua, litro, balanças;

- Desenho de triângulos, quadrados, círculos, retângulos etc;

- Cartazes da palavra PLANTA.

Este material deverá estar todo misturado na mesa. O coordenador perguntará aos alfabetizandos o que é da natureza e o que não é, pedindo a eles que os separem.

a) Discussão da palavra geradora:

Depois que os alfabetizandos separaram todo material, o coordenador procederá à discussão da palavra geradora daquele dia, lembrando-se deste processo já trabalhado na etapa I. Para o debate poderão ser levantadas questões como, por exemplo:

- O que é uma planta?

- Quais os tipos de planta que vocês conhecem?

- Através do que são feitos os produtos como o papel, o plástico, e o sabão?

- Como o homem faz esses produtos?

- Porque o homem tem necessidade de produzir?

- Quem se beneficia do que o homem produz?

- Por que isso acontecesse?

b) Atividades com as figuras geométricas:

Terminada a discussão da palavra geradora, o coordenador separa as figuras geométricas em um canto da mesa e pergunta aos alfabetizandos os nomes delas (Caso ninguém conheça qualquer uma delas, o coordenador pede para que eles pesquisem em casa e tragam no próximo dia de círculo de cultura). Além disso o coordenador questiona onde podemos encontrar estas figuras dentro do ambiente em que estão (caixa de giz, tampas diversas, boca da lixeira, ângulo dos quadros, ângulos das paredes, a mesa, a porta etc), ou ainda, no próprio corpo (olhos, nariz, tronco, pernas, dentes etc), deixando livre para a participação de todos.

A partir daí, o coordenador pede para cada alfabetizando desenhar uma dessas figuras no quadro e escrever o nome delas. Todos do círculo da cultura ajudam e fazem no seu caderno.

c) Atividades com as medidas:

O coordenador novamente volta à mesa com os materiais e pede que os alfabetizandos indiquem quais são utilizados para medir. Em seguida, questiona quanto à utilidade de cada um.

Tendo feito isso, os alfabetizandos passaram a medir e pesar objetos diversos e registrar em no quadro para que os outros possam anotá-los.

d) Atividade com o dicionário:

O coordenador pede aos alfabetizandos para procurarem a palavra PLANTA no dicionário. Pergunta se eles acham que é no fim ou no começo. Depois, pode se levantar como ele vem escrito para daí discutir o que é a sequência alfabética.

e) Leitura da palavra geradora:

Esta leitura segue o esquema das palavras vistas na etapa I: PLANTA

PLAN TA

PLAN - TA

PLAN PLEN PLIN PLON PLUN

TA TE TI TO TU

f) ENCERRAMENTO:

A parte final é a formação e correção das palavras de momento, onde o coordenador usará o dicionário para verificar o significado de algumas palavras, com a ajuda dos alfabetizandos.

PALAVRA GERADORA: CONSTRUÇÃO

OBSERVAR VIDEO IV

PROCEDIMENTOS

Objetivos: Demonstrar através de diversos materiais como representar os algarismos, a adição e o sistema de numeração, escrever quanto representa tais algarismos no caderno, comparar situações problemas e juntar diversos números.

— Numa mesa, o coordenador coloca todo o material pedido no item 1. A partir daí ele questiona sobre as experiências e dificuldades que cada alfabetizando teve na construção de suas casa.

Tem início a discussão, onde o coordenador questiona sobre:

- O que é necessário para construir?
- Como construir?
- Para quem constrói?
- Quantas pessoas moram na casa de tal aluno?

A partir daí todos os alunos demonstram, da forma que preferem, quantas pessoas tem na casa onde moram.

- Escrever por extenso ou usando algarismos.

Terminada a discussão, vem a dramatização das situações-problemas.

Exemplo: Juntar a família de 1 aluno com a de outro somá-las (esta soma é feita com a junção de canudos, palitos etc). Após isso, os alfabetizandos escrevem o resultado no quadro.

Comparar o número de pessoas da família de um alfabetizando com a de outro e pedir para dizer qual a maior e a menor.

Terminada a dramatização, o coordenador questiona ao grupo sobre qual foi a palavra do que eles discutiram.

A partir daí, tem início a leitura dos cartazes.

Disposição dos cartazes:

1º CARTAZ

2º CARTAZ

CONSTRUÇÃO
3º CARTAZ

CONSTRUÇÃO
4º CARTAZ

CONSTRUÇÃO

CONS
TRA - TRE - TRI - TRO - TRU
ÇÃO

Ao final desta atividade os alfabetizandos já dominam alguns números decimais e já tem noção de adição, ou seja, já sabem representar e somar através da introdução de um determinado problema.

MATERIAL

- 1 - Diversos materiais relacionados a construção de 1 casa.
Exemplo: Tijolos, pedacinhos de telha etc.
- 2 - Cartazes para leitura.
- 3 - Material de sucata como canudos, palitos, tampinhas etc.

PALAVRA GERADORA: TRANSPORTE

OBSERVAR VIDEO IV

PROCEDIMENTO

Objetivos: Demonstrar utilizando palitos, tampas de garrafa etc., dramatizar, escrever, comparar e subtrair.

Inicialmente, o coordenador apresenta todas as figuras e pede para que os alfabetizandos separem em dois grupos:

- O que é transporte.
- O que não é transporte.

Após haver separado, o coordenador afixa os que são meio de transporte e questiona para que serve cada um.

Nisso, os alfabetizandos classificam também quanto ao número de pessoas que transportam: 2, 3, 5, ..., 36 etc.

A partir daí tem início à discussão, onde o coordenador explora:

- O uso do vale transporte - A quem beneficia ou não. Por que?

- Aumento periódico das passagens.
- Condições oferecidas ao usuário.

Como levar ao conhecimento da associação de usuários do transporte coletivo ou qualquer órgão competente.

Após isso é feita a dramatização de uma situação-problema:

1 - João quer transportar 6 pessoas em sua bicicleta cargueira até tal ponto da cidade, sendo que uma pessoa irá na frente e outra atrás.

- Quantas viagens são necessárias? Qual o tempo gasto?

O coordenador pede a um alfabetizando que demonstre no quadro o resultado.

2 - Transportar 12 pessoas em um fusca, ou seja, 3 atrás e 1 na frente (além do motorista).

- Quantas viagens são necessárias?
- Tempo de duração das viagens.
- Demonstrar no quadro (alfabetizando).

Terminada a dramatização, o coordenador questiona sobre qual foi a palavra do dia.

Após isso, segue-se a leitura dos cartazes e, posteriormente, a formação e correção das palavras de momento.

Disposição dos Cartazes

1º CARTAZ

TRANSPORTE

2º CARTAZ

TRANS POR TE

3º CARTAZ

TRANS POR TE

4º CARTAZ

TRANS
PAR - PER - PIR - POR - PUR
TA TE TI TO TU

Ao terminar esta atividade, os alfabetizando já têm uma noção do que seja subtração além de entender sobre meios de transporte e sua utilidade hoje.

MATERIAL

- 1 - Figura de todos os tipos de transporte e do que não é meio de transporte.
- 2 - Cartazes para leitura.

→ DOCUMENTO

II - INTRODUÇÃO A ATIVIDADE DE NUMERIZAÇÃO

A fase de Numerização é a etapa complementar à sondagem. Nessa etapa, o coordenador continuará todo processo matemático iniciado na etapa anterior.

A sua introdução no círculo de cultura requer não só um conhecimento matemático por parte do coordenador, como também uma crítica de todo o processo histórico, cultural e pedagógico que sempre convencionou que o aprendizado da matemática é um privilégio de poucos.

Partindo dessas considerações, o coordenador deve levar em conta que o alfabetizando já tem um conhecimento da matemática, pois ele a utiliza em seu cotidiano, através de vendas, compras de determinados produtos, pagamentos de taxas, soma de filhos, meses, dias, horas, salários, medidas etc. A função do coordenador, nesse processo é apenas a de sistematizar o conhecimento que o alfabetizando desenvolveu em sua vida. Essa sistematização se dá através do processo da descoberta, onde o coordenador conduzirá o grupo a descobrir, através de uma análise e observação, a situação concreta do problema.

A partir daí, o coordenador utiliza situações problemas do cotidiano dos alfabetizando para facilitar a compreensão dos mesmos.

INTRODUÇÃO AOS NÚMEROS

PROCEDIMENTOS

1 - O coordenador inicia a introdução dos números pedindo aos alfabetizandos que demonstrem no quadro todos os números de 0 até 9.

2 - Após a demonstração dos números, o coordenador questiona aos alfabetizandos sobre qual é o papel que esses números têm na atualidade, assim como relata a importância que as civilizações antigas tiveram na criação dos números.

Esse relato se inicia da seguinte forma:

Há muitos anos antes de Cristo, o homem vivia em cavernas. Essas cavernas eram as casas onde moravam. Eles se agrupavam em bandos, formando pequenas comunidades primitivas. Para sobreviverem eles se utilizavam apenas da caça e da pesca e, por isso, não tinham necessidade de contar. Quando percebiam que no local onde estavam já havia saturado a caça e a pesca, esses homens mudavam-se para outro lugar.

Apesar de não saberem contar, os "homens primitivos" tinham a noção de igualdade, ou seja, toda a comida que adquiriam era dividida igualmente entre cada membro dessas comunidades primitivas.

Muito tempo depois, o homem começou a se fixar em um só lugar e, também, passou a criar animais como o cão (para auxiliar na caça a outros animais), o porco, a cabra, o boi, o cavalo, entre outros. Além disso começava também a desenvolver a agricultura. A criação de rebanhos de animais e o desenvolvimento da agricultura provocaram profundas modificações na vida humana, pois estimulou a necessidade de estocar alimentos que produziam, o crescimento da população daquele lugar e, principalmente, a necessidade da troca das sobras do que era produzido.

Todos esses fatores contribuíram para o surgimento da propriedade e consequentemente da ambição naquele lugar, pois todos começaram a brigar por terras e animais que ali existiam.

Com o surgimento da propriedade, os homens passaram a controlar o que tinham, sentindo assim a necessidade de contar, porque a agricultura, por exemplo, passou a exigir o conhecimento da época boa para plantio, das estações do ano, das fases da lua etc, além do período de gestação das mulheres e a contagem dos bens que tinham e produziam.

Tudo isso contribuiu para o surgimento da contagem, pois, a partir dessas necessidades, é que os homens "primitivos" começaram a inventar as suas diversas formas de contar.

(Referência Bibliográfica - "Os Números", George Ifrah - Ed. Globo)

3 - Partindo do que já foi feito o coordenador relata aos alfabetizandos a História da Origem dos Números.

Para que estes entendam sobre as operações realizadas pelas civilizações antigas, o coordenador utiliza a sapateira e os canudos de refrigerante.

Antes do relato, o coordenador expõe um mapa-mundi e explica aos alfabetizandos onde se deu as primeiras organizações de uma comunidade na criação dos números: na Arábia Saudita. O

coordenador mostra no mapa a região onde se encontra a Arábia Saudita e também fala um pouco sobre os costumes de tal região.

No relato da origem dos números, o coordenador conta a chamada "história dos camelos" para facilitar a compreensão dos alfabetizando. O coordenador, para relatar essa história, dá continuidade à história da importância das civilizações antigas na criação dos números.

A história começa da seguinte forma:

Para controlarem a sua agricultura e seus rebanhos de animais, os homens necessitam da contagem. O único processo de contagem que eles tinham era o da visualização, ou seja, para eles era fácil, pois tinham pequenos rebanhos.

Com o decorrer dos anos, os rebanhos de animais domesticados iam aumentando proporcionalmente e a necessidade de uma outra forma de contar começou a surgir, pois já não dava para contar somente olhando, uma vez que os rebanhos ficavam cada vez maiores.

Para enfrentarem esses problemas, várias civilizações inventaram diversos métodos de contagem, sendo que um dos mais eficazes é o indo-arábico com o objetivo de controlar o rebanho de camelos que possuíam, os árabes faziam da seguinte forma:

A tarde, cada criador reunia todos os camelos que possuía e os colocava em um curral. No outro dia, pela manhã, quando soltavam os camelos, eles faziam buraco no chão e a cada camelo que saía do curral colocavam uma pedrinha no buraco. Se saíssem 8 camelos, existiriam 8 pedrinhas dentro do buraco e, quando saía o nono camelo, acrescentavam mais uma pedrinha no buraco ficando nove e assim por diante. Depois de terminarem a contagem, eles deixavam essas pedras no buraco até o final da tarde quando recolheriam os camelos novamente.

Ao final da tarde eles pegavam todos os camelos e, à medida que cada camelo entrasse no curral, eles retiravam 1 pedrinha do buraco. Desta forma eles verificavam se estava ou não faltando camelos. Se sobrasse 1 pedrinha dentro do buraco era sinal de que estava faltando 1 camelo, mas se todas as pedrinhas tivessem sido retiradas e estivesse 1 camelo do lado de fora do curral era porque havia 1 camelo a mais no rebanho.

Com o aumento dos rebanhos de camelos, os homens "primitivos" começaram a melhorar o seu sistema de contagem, pois perceberam que ao acrescentar várias pedrinhas em 1 só buraco dificultava a forma deles contarem. Então começaram a contar da seguinte forma:

Assim que entrassem 10 camelos no curral, já haveria 10 pedrinhas no buraco e, então, a pessoa que estava contando, imediatamente, fazia um montinho dessas dez pedrinhas, abria um outro buraco à esquerda do que já existia e colocava o montinho de pedras.

Sendo assim, a cada 10 pedrinhas que colocavam no 1º buraco, eles faziam 1 montinho e acrescentavam no buraco à esquerda, de forma que, quando tivessem 5 montinhos e 6 pedrinhas é sinal que tinham 56 camelos.

A medida que os rebanhos desses camelos iam crescendo devido à reprodução dos mesmos, sentia-se a necessidade de aperfeiçoar mais ainda o sistema de contagem. Então, assim que tivessem 10 montinhos no 2º buraco (da direita para a esquerda),

eles juntavam esses montinhos e faziam um "montão", ou seja esse montão equivaleria a 100 camelos no curral, de modo que quando tivessem 3 montões no 3º buraco, 7 montinhos no 2º e 4 pedrinhas no 1º, é porque já havia 374 camelos.

O mesmo procedimento se dá às contagens maiores daí por diante.

Com o aperfeiçoamento desse processo de contagem, os árabes sentiam a necessidade de representarem graficamente esses números, a fim de registrarem a quantidade de objetos, camelos que possuíam etc. Daí surgiram os primeiros sinais gráficos dos números, que se evoluíram através dos tempos até chegar à forma que eles têm hoje.

A contagem por meio de pedrinhas deu origem à palavra cálculo que vem do latim calculus, que significa pedra, daí a expressão médica cálculo renal, que significa pedra no rim.

Essa é uma parte da história da origem dos números, onde o coordenador, além de relatá-la, faz com que os alfabetizando a dramatizem.

Essa dramatização é feita da seguinte forma:

Na hora em que o coordenador terminar de relatar a história, ele passa um problema relacionado com a mesma.

Exemplo: - Os árabes tinham 7 camelos dentro do curral, entrou mais um, quantos camelos ficaram? E depois, entrou + 2 camelos. O que é que eles fizeram?

Os alfabetizando utilizarão os potes de margarina, pedras, tampinhas, bolinhas, e etc, para dramatizarem o problema.
Obs 1: As pedrinhas, tampinhas ou tocos de giz serão acrescentadas no pote de margarina, da mesma forma que os árabes faziam ao acrescentar as pedrinhas no buraco.

Obs 2: Ao relatar a história dos camelos é necessário que o coordenador afixe um cartaz com a figura de uma pessoa árabe e também de um camelo, afim de que os alfabetizando possam conhecer a figura dos "personagens" da história.

Referência Bibliográfica.

4 -A partir daí, segue-se a explicação de como esses números chegaram até o Brasil.

Dando continuidade à história anterior, o coordenador explica sobre o poder econômico exercido pelos árabes naquela época e, devido a esse grande poderio que tinham, é que difundiram pelo mundo o seu sistema de numeração e contagem.

Esse sistema de contagem chegou também a Portugal (o coordenador mostra no mapa-mundi onde se localiza Portugal), que muito tempo depois se tornou uma das nações mais desenvolvidas da Europa.

A partir desse desenvolvimento, Portugal começou a expandir a sua navegação, a fim de explorar as riquezas de outras terras. Uma dessas terras que os portugueses "encontraram" foi o nosso país, o Brasil, que por sua vez já possuía vários habitantes, que eram os índios. Esses índios também já tinham uma noção de contagem bem diferente das que Portugal tinha adquirido. Com a chegada dos portugueses ao Brasil, esses índios foram obrigados a falar, escrever e contar da mesma forma que os portugueses faziam. Daí o porquê de utilizarmos esse sistema de numeração que hoje existe em boa parte do mundo.

Obs 1: Os alfabetizandos devem ter sempre em suas respectivas mesas vários instrumentos que lhe permitam acompanhar o processo de contagem, tais como: palitos de picolé, canudos de refrigerante, tampinhas, gravetos, talos de mamona, castanha de caju, bambús etc.

Obs 2: Essa história pode ser introduzida em um dia de círculo de cultura.

MATERIAL

- 1 - Giz e apagador.
- 3 - a) Figura de camelo e árabes, (Essas figuras servem de Situação Existencial para a história)
b) 5 conjuntos de fichas com números de 0 até 9.
c) 500 canudos de refrigerantes, ou gravetos, palitos de picolés ou outros materiais que possam auxiliar na contagem.
d) Potes de margarina, pedras, tocos de giz etc.
e) Mapa-Mundi.
f) Sapateira.

CORRESPONDENCIA NUMERICA

PROCEDIMENTOS

1 - Após a introdução dos números, o coordenador passa exercícios ligando uma determinada quantia de objetos a seus respectivos números. Esses exercícios visam:

- a) A equivalência dos números a sua respectiva quantidade.

Exemplo: Ligar 5 objetos ao nº 5.

A partir daí, trabalhar na sapateira a quantidade de canudos com a de objetos.

UNIDADE, DEZENA E CENTENA

PROCEDIMENTOS

Pressupostos: A introdução destes termos é feita somente quando os alfabetizandos estiverem seguros no entendimento do assunto. Inicialmente o coordenador utiliza a denominação "monte", "montinhos" e "soltos" (unidades dos canudos).

1 - O coordenador explica como surgiu a contagem de 10 em 10, ou seja, o porquê dessa contagem.

O coordenador baseia-se em que algumas tribos sul-africanas contavam utilizando os dedos da mão. Era um processo semelhante ao dos Árabes, só que os animais que eles contavam era gado e não camelos.

Para realizar tal contagem, eram necessários alguns homens. O primeiro homem levantava seus dedos um a um para cada animal que passava. Depois de todos os dedos terem sido levantados, o primeiro homem abaixava seus dedos, enquanto um segundo homem, que ficava sempre à esquerda do primeiro, levantava um dedo.

Para continuar a contagem, o primeiro homem levantava seus dedos novamente, um a um para cada animal que passava.

Ao passarem mais dez animais, o segundo homem levantava mais 1 dedo e o primeiro abaixava os seus. E assim a contagem prosseguia.

(Referência Bibliográfica - "Os Números", Georges Ifrah- Ed. Globo, págs. 52 a 65).

2 -Na introdução dos nomes dezena, centena e unidade, o coordenador relaciona esses nomes com a sua respectiva quantidade de modo que o alfabetizando entenda melhor.

Exemplo: Centena - cem

Dezena - dez

Unidade - um

3 -Os alfabetizandos demonstram na sapateira a contagem decimal.

Exemplo: a) Representar o número 52 - o alfabetizando coloca 2 canudos soltos na casa das unidades e 5 montinhos na casa das dezenas e, depois, representa graficamente.

4 -Passar exercícios baseados na própria realidade dos alfabetizandos.

Exemplo: - Na fila de um hospital tinham 2 dezenas e 7 unidades de pessoas para serem atendidas. Quantas pessoas tinha na fila?

- Quantas dezenas e unidades formam o nº 13?

- Um ônibus só tem lugar para 4 dezenas e 5 unidades de pessoas, mas haviam 7 dezenas e 3 unidades. Quantas pessoas cabem no ônibus? Quantas pessoas estavam dentro dele?

Obs.: Os nomes "soltos", "montinho" e "montão" são substituídos respectivamente por unidade, dezena e centena para que os alfabetizandos se acostumem aos termos.

5 - Além do sistema decimal existiam, também, outras formas de contar.

A forma utilizada pelos egípcios (ver no mapa), que usavam as falanges da mão. Numa das mãos, eles contavam de 1 a 12, apoiando o polegar, sucessivamente, nas três falanges dos quatro dedos opostos da mesma mão. Daí se originou a dúzia.

(Referência Bibliográfica - Georges Ifrah, págs. 65 a 67).

Obs.: Questionar ao grupo o que se pode comprar com a dúzia.

MATERIAL

2 - a) Sapateira.

b) Canudos de refrigerantes.

NOÇÕES DE TAMANHO: MAIOR E MENOR

PROCEDIMENTO

Pressupostos: Partir da experiência do alfabetizando com as noções de tamanho.

1 - Elaborar exercícios em que os alfabetizandos descubram a

relação maior e menor.

Exemplos: Na família de Seu Mário tem 8 pessoas e na família de Dona Márcia tem 1 dezena e 2 unidades de pessoas. Qual a família maior?

2 - Exercícios de comparação.

3 - Os alfabetizando devem criar também situações problemas baseados na sua experiência de vida.

Dona Ana foi a um local de compra comprar óleo e verificou que o preço era 300 cruzeiros e em outro supermercado o preço era 250. Qual o maior preço? É bom e coordenador ter em mente a noção dos preços dos produtos.

NUMERAÇÃO ORDINAL

PROCEDIMENTO

1 - Ao explicar sobre a numeração ordinal, o coordenador relaciona esse tipo de numeração com as situações concretas do cotidiano como fila de hospitais, bancos, paradas de Ônibus, dias da semana, mês, ano, filhos e etc.

III - AS QUATRO OPERAÇÕES

Pressupostos: O alfabetizando já realiza operações matemáticas no seu cotidiano, pois tudo que ele faz em sua vida há necessidade de realizar contas.

O alfabetizando tem noção da adição ao completar o preço de uma passagem de Ônibus que aumentou, ao contar quantas horas gasta de casa para o trabalho etc. A noção de subtração vem através do cálculo de quanto ele vai gastar por mês em seu salário e outras coisas mais. Ao calcular quanto ele gasta de passagem por semana, demonstra, neste caso, ter ele noção de multiplicação e, ao repartir uma determinada quantia do seu salário para cada despesa, ele dá sinais de que também conhece divisão.

Qual o papel do coordenador neste processo, então? O coordenador, através da utilização de questionamentos, sistematiza esse conhecimento que o alfabetizando tem, pois este só realiza "contas de cabeça" e não tem uma formamais simples de fazê-la.

A partir daí, o coordenador, sempre respeitando o conhecimento dos alfabetizando, faz com que o grupo saiba como fazer as operações também de forma, escrita.

ADIÇÃO

PROCEDIMENTO

Introdução: Inicialmente, o coordenador levanta no grupo o porquê da soma e qual a importância dela na vida das pessoas. Esse levantamento é feito através de questionamentos direcionados aos alfabetizando, tais como: Quando nós vamos contar uma determinada quantia de dinheiro, o que é que nós fazemos? -

Geralmente, os alfabetizandos responderão que é contado nota por nota de dinheiro - Então, a partir daí o coordenador questiona: Se nós temos uma nota de 100 e juntarmos com uma de duzentos, qual foi a quantia que ficou? - Os alfabetizandos, obviamente responderão 300 - Daí, o coordenador pergunta novamente: Para nós termos 300 cruzeiros foi preciso juntar a nota de 100 com a de 200, não foi? Que tipo de conta nós usamos nesse problema? - Alguns alfabetizandos responderão que é conta de "mais", uns dirão que é de "soma", outros dirão que é "adição" e haverá também, em alguns círculos de cultura, casos em que nenhum alfabetizando saberá responder. Compete ao coordenador, nesse último caso dar dicas para que facilite a resposta dos alfabetizandos.

Após isso, o coordenador pergunta aos alfabetizandos:

Se não existisse a conta de somar (adição) como é que nós saberíamos que o resultado ia dar 300? - As respostas serão diversas. Depois de ter terminado a introdução da adição, o coordenador parte para a demonstração da adição na sapateira.

1 - Para que os alfabetizandos entendam melhor a adição, o coordenador usa a sapateira, canudos de refrigerantes, palitos de picolé e também cerca de 3 conjuntos de fichas com os números de 0 até 9.

A sapateira que o coordenador utiliza tem, no mínimo, 3 filas com 3 compartimentos cada uma. Veja o desenho abaixo:

Partindo da idéia de que o alfabetizando já sabe demonstrar e representar os números na sapateira, o coordenador elabora 1 problema de fácil compreensão e que se identifique com a realidade do alfabetizando. Exemplo: Seu José tem 6 filhos, e Dona Joana tem 5 filhos. Juntando os filhos de seu José com os filhos de Dona Joana, quantos filhos têm os 2 juntos?

Após isso, o coordenador pede a 1 alfabetizando que represente o 1º número da conta (6) e o seu conteúdo na sapateira.

Como se trata de uma conta envolvendo somente unidades, o coordenador pede a outro alfabetizando que represente o 2º número (5) na 2ª fila da sapateira na casa das unidades. Veja o desenho:

Após isso faz-se a junção dos 6 canudos referentes aos filhos de Seu José e os 5 canudos referentes aos filhos de Dona Joana e acrescenta um a um na casa das unidades da 3ª fila. Ao contar o 10º canudo, o coordenador faz um montinho desses 10 canudos e os coloca na casa das dezenas acompanhado com a ficha numérica do valor correspondente ao número de "montinhos". A contagem prossegue da mesma forma até terminar os canudos. No caso desse problema o resultado deu 1 dezena e 1 unidade (11). O coordenador coloca uma ficha numérica com o nº 1 na casa das dezenas e uma ficha com o nº 1 na casa das unidades.

2 - Pegar problemas do cotidiano dos alfabetizandos e que demonstrem a utilização da adição, tais como:

- a) Adição como instrumento de luta.
- b) O aumento das pessoas nas filas de hospitais, bancos, ônibus, filas e etc.
- c) O aumento dos preços e salários.

d) O mutirão - A soma das pessoas em torno de um objetivo comum.

e) Os termos da adição - Farecela e total.

f) A adição e os direitos trabalhistas.

3 - Os alfabetizandos fazem a adição em suas respectivas mesas com diversos materiais de sucata, como palitos de picolé, palitos de fósforo, canudos, tampinhas, gravetos e etc.

4 - Após fazer a conta de adição na sapateira, o coordenador pede aos alfabetizandos que demonstrem como se faz a adição de outra forma. A partir daí, o coordenador inicia o trabalho com a adição escrita, ou seja, o alfabetizando registra no caderno a conta que ele fez na sapateira.

Inicialmente, surgem diversos problemas por parte do alfabetizando na hora de registrar a conta no caderno, como o fato de colocar unidades embaixo de dezenas e somá-las.

Exemplo: Pede-se ao alfabetizando que resolva no caderno a conta $13 + 08$ (o coordenador só ditará a conta e não a escreverá no quadro). Daí o alfabetizando escreveu da seguinte forma:

$$\begin{array}{r} 13 \\ + 8 \\ \hline 93 \end{array}$$

Nessa situação, caso o problema já tenha sido resolvido na sapateira, compete ao coordenador questionar ao grupo o seguinte: "onde é que nós fizemos essa conta na sapateira?" "Onde colocamos o 8?" "Será que foi embaixo do número 1 ou não?"

Após todos os alfabetizandos lembrarem que foi embaixo do número 3 que eles haviam colocado o número 8, o coordenador questiona novamente: "Por que nós não podemos colocar o 8 embaixo do 1?"

Caso o problema seja dado para ser resolvido no caderno e ocorrer a mesma situação do problema anterior, compete ao coordenador recorrer à sapateira e associar a resolução do problema feito ali com problema que eles fazem no caderno, através de perguntas do tipo: "Se nós resolvermos desta forma como vai ficar?"

OBS. 1: Uma das coisas que o coordenador deve se preocupar menos, por enquanto, é com a utilização do sinal. A introdução do sinal de adição só é feita quando algum alfabetizando que já conheça o sinal, tocar no assunto. Esse alfabetizando mostra ao grupo como é o sinal e onde o colocamos. Isto porque a introdução do sinal de adição se dará mesmo na subtração onde terá a necessidade de se diferenciar as duas operações.

OBS. 2: O coordenador só passará para o próximo assunto quando os alfabetizandos estiverem seguros neste.

ATENÇÃO: Para verificar se a conta está certa, é necessário que o alfabetizando não se prenda à prova dos 9, pois ela apresenta algumas falhas que poderá confundir-los.

(DAR UM EXEMPLO MAIS CLARO DISTO)

MATERIAL:

Sapateira, canudos de refrigerante e diversos materiais de sucata para contagem, tais como palitos, gravetos, pedras tampinhas etc.

Além de, mais ou menos, 5 cartelas de cada algarismo.

SUBTRAÇÃO

PROCEDIMENTO

Introdução: Inicia-se verificando a importância da subtração na vida das pessoas, como os alfabetizandos a utilizam e o que é que ele diminui. Com um problema simples e de acordo com a realidade dos alfabetizandos, o coordenador introduz a subtração.

1 - Questionar como é a experiência de subtração dos alfabetizandos e a partir daí trabalhar situações problemas.

Exemplo:

a) Na fila de um hospital tinham 39 pessoas, mas só foram atendidas 17. Quantas pessoas não foram atendidas?

b) Dona Marta foi ao mercado com 700 cruzeiros e comprou um quilo de feijão, que custou 535 cruzeiros. Com quantos cruzeiros ela ficou? (ESSE SEGUNDO EXEMPLO NÃO ESTÁ MUITO COMPLICADO?)

2 - A demonstração da subtração na sapateira é introduzida baseando-se no que já foi feito na adição, deixando fluir a descoberta do alfabetizando.

EXEMPLO: Dado o seguinte problema: Num ponto de ônibus tinha 9 pessoas. 5 delas pegaram o primeiro ônibus que passou. Quantas pessoas ficaram no ponto de ônibus?

Ao representar o problema na sapateira, o coordenador questiona onde é que se coloca o número 9.

Dos nove canudos, são retirados 5 canudos (correspondente às pessoas que saíram da parada de ônibus) e colocados (juntamente com uma ficha numérica identificando a quantidade) na casa das unidades da segunda fila, e imediatamente retirados para não confundir os alfabetizandos com a soma.

Em seguida, a quantidade do que restou dos 9 canudos é retirada da primeira fila e colocada na casa das unidades da terceira fila (resultado), juntamente com a ficha numérica do valor correspondente (4).

3 - Fazer operações com contra-cheque, envelopes de pagamento, salários ou qualquer documento que comprove renda do alfabetizando e questionar sobre o que foi retirado, incentivando, assim, os alfabetizandos a fazerem cálculos sobre leis trabalhistas.

EXEMPLO: Ver qual é a coluna que contém o valor bruto do salário, a coluna do valor que ele recebeu, a coluna dos descontos etc.

Além de acompanhar o processo de subtração com os palitos de fósforo, tampinhas etc, o alfabetizando é estimulado a

demonstrar o seu conhecimento na sapaterira, de modo que, assim possa ser socializado com o restante do grupo.

4 - Explicado o processo de subtração na sapateira, o coordenador introduz a subtração escrita, ou seja, os alfabetizandos registram as contas no caderno. O procedimento é o mesmo utilizado na edição.

EXEMPLO: A introdução da subtração com reserva (EXPLICAR O QUE É) é feita na sapateira. Depois os alfabetizandos farão a resolução no caderno. À medida que os alfabetizandos entendem como fazer as operações, é dispensado o uso da sapaterira, ou seja, a sapateira só é usada no início para auxiliar e entender como se faz a subtração.

Na subtração com reserva, que envolve contas onde se tem que tomar um número "emprestado" do outro, é preferível que o coordenador diga que um número pegou 1 dezena de outro ou **recorreu** ao número vizinho, a que tal número pediu "emprestado" ao outro, pois quem toma emprestado tem que pagar, o que não ocorre nesta operação. Trata-se, portanto, de uma explicação lógica.

ATENÇÃO: Antes de introduzir a subtração, o coordenador deve acrescentar duas operações:

$$\begin{array}{r} 6 \\ 6 \\ \hline 12 \end{array} \qquad \begin{array}{r} 6 \\ 6 \\ \hline 0 \end{array}$$

Ao fazer isso, o coordenador questiona ao grupo qual a diferença de uma conta para a outra, afim de que os alfabetizandos percebam que uma conta é de somar e a outra de diminuir e, a partir daí, sintam a necessidade de usar um sinal para cada uma. os próprios alfabetizandos descobrem onde é que se coloca os sinais.

OBS. : Ao passar uma determinada conta, o coordenador deve colocá-la de forma horizontal, de modo que os alfabetizandos possam armá-la e efetuá-la.

Exemplo: $13 - 8$; $7 - 3$; $51 - 20$.

O coordenador só passará para o próximo assunto, assim que perceber que nenhum alfabetizando tem dificuldade neste.

MATERIAL:

Sapateira, canudos de refrigerantes ou diversos materiais de sucata e fichas com os números.

Trechos de textos sobre leis trabalhistas.

MULTIPLICAÇÃO

Introdução: Partindo da análise de que o alfabetizando já tem um bom conhecimento sobre adição, o coordenador introduz a multiplicação recorrendo aos problemas que envolvam soma com parcelas iguais, além de questionar a importância da multiplicação.

1 - O coordenador dita um problema de fácil compreensão para

os alfabetizandos tentarem resolver.

EXEMPLO: Mariana gasta 3 passagens de ônibus por dia para ir trabalhar. Quantas passagens ela gasta em dois dias?

Os alfabetizandos, inicialmente, resolverão tal problema através da adição. O coordenador, neste caso, questiona ao grupo: Existe alguma outra forma de resolver esta conta?

Caso algum alfabetizando já conheça, o coordenador pede a ele que vá ao quadro mostrar para o restante do grupo e, a partir daí, o coordenador explica como resolvê-lo na sapateira, de modo que o restante do grupo compreenda melhor.

Caso o grupo não conheça a outra forma de resolver, compete ao coordenador explicar, inicialmente, na sapateira como se resolve a multiplicação.

2 - Na sapateira, o coordenador utilizará o mesmo processo da adição, agora usando uma outra linguagem, a linguagem da multiplicação.

Ao invés de dizer $3+3=6$. Ele dirá $2 \times 3=6$ (Duas vezes o número três é igual seis).

EXEMPLO: Coloca-se o número 3 (correspondente às passagens que Mariana gastou no primeiro dia) na casa das unidades da primeira fila, e o outro número 3 (correspondente às passagens do segundo dia) na casa das unidades da segunda fila, juntamente com a ficha numérica do valor correspondente a cada uma delas (3 no caso). Depois, junta-se as duas quantidades questionando quantas vezes se tem o número 3. Após isso, multiplica-se esse número de vezes (2) pelo número 3. O resultado (6) é colocado na casa das unidades da terceira fila. Veja o desenho:

(COLOCAR SAPATEIRA)

OBS.: Para contas maiores, recomenda-se utilizar sapateiras maiores, isto é, com mais filas e mais compartimentos, afim de que se possa fazer operações.

A partir daí, o coordenador passa diversas situações problemas para que os alfabetizandos resolvam na sapateira e depois no caderno.

OBS: O uso da sapateira é dispensada assim que os alfabetizandos não estiverem apresentando dificuldades na resolução deste tipo de Conta. Ela será retomada na introdução da multiplicação com reservas.

A demonstração da multiplicação com reservas na sapateira é feita cuidadosamente.

Dado o problema:

Luiz foi viajar para sua cidade Natal. De ida ele gastou 16 horas e de volta gastou a mesma quantidade de horas. Quantas horas ele gastou para ir e vir?

Ao representar tal problema na sapateira, o coordenador questiona ao grupo quantas dezenas tem o número 16 e quantas vezes o utilizamos nessa conta.

Inicialmente, coloca-se um montinho de canudos com o número 1 na casa das dezenas da primeira fila e os 6 canudos com o número 6 na casa das unidades. O mesmo acontece na segunda fila. Após isso, questiona-se ao grupo quantas vezes se tem o

número 6. os alfabetizandos respondem, logicamente, que são duas vezes. Então a partir daí multiplica-se o número 6 pelo 2, juntando os canudos e contando-os. Ao chegar ao décimo canudo, utiliza-se o mesmo processo feito na adição, ou seja, faz-se um montinho desses 10 canudos e os acrescenta na casa das dezenas e após isso, continua a contagem das unidades. Neste caso, ficaram apenas 2 palitos no local do resultado das unidades. A partir daí, soma-se as dezenas, como foi acrescentada 1 dezena da soma das unidades, ficaram então 3 dezenas. Junta-se as 3 dezenas e as coloca na fila dos resultados, ficando assim, 3 dezenas e 2 unidades, ou seja, 32 horas que Luiz gastou de viagem.

(COLOCAR SAPATEIRA)

3 - Os alfabetizandos acompanham o processo de multiplicação utilizando diversos materiais de sucata.

ATENÇÃO: A introdução do sinal da multiplicação é feita baseada na descoberta do próprio alfabetizando.

OBS.: Utiliza-se também, expressões como dobro, triplo etc, em alguns problemas.

O coordenador só passará para o próximo assunto quando perceber que os alfabetizandos estão entendendo bem este.

MATERIAL

Sapateira, material de sucata, fichas com números etc.

DIVISÃO ADICÃO

Introdução: Ao introduzir a divisão, o coordenador questiona ao grupo o que é dividir, quando eles utilizam a divisão e qual a importancia da mesma.

1 - A explicação da divisão é feita com a utilização da sapateira ou de outras formas diversas.

Dado o seguinte problema:

Dona Elza comprou 6 lápis e dividiu entre seus 3 filhos: Helena, Paulo e Bastião. Quantos lápis cada um ganhou?

Para representar esse problema na sapateira, o coordenador pega 6 canudos e a partir daí vai colocando-os um a um em cada fila da sapateira (cada um corresponde a um filho) até terminar os canudos da mão.

COLOCAR SAPATEIRA

Obs: Quando houver operações envolvendo resto ele será representado pelos canudos que ficarão na mão do coordenador.

Após isso, os alfabetizandos resolverão no caderno.

2 - Para que os alfabetizandos entendam melhor a divisão o

coordenador passará exemplos tais como:

Vera comprou 10 ovos para fazer 2 bolos. Quantos usará em cada bolo?

Rosa fez 48 camisas e dividiu para 4 escolas. Todas as escolas receberam o mesmo número de camisas. Quantas camisas cada escola recebeu?

ATENÇÃO: A introdução do sinal da divisão é feita como nas operações anteriores, cabendo diferenciar o sinal usado para caracterizar a conta (:) com o esquema usado para dividir.

MATERIAL: Sapateira, canudos de refrigerantes e diversos materiais de sucata.

IV - SISTEMA DE MEDIDAS

OBSERVAR VIDEO IV

Introdução: O coordenador questiona aos alfabetizandos sobre a importância da medida no mundo contemporâneo e na vida de cada um. Inicialmente, o coordenador procura saber dos alfabetizandos como eles medem, além de expor algumas outras formas de medidas que alguns povos antigos faziam. Relaciona a diferença entre alguns instrumentos de medidas antigos com os de hoje.

1 - É feita a comparação entre instrumentos que servem para medir (metro, balança, litro, relógio, etc) e instrumentos que não servem para medir o coordenador pede aos alfabetizandos que separe os instrumentos e faça relação da utilidade de cada um.

2 - Os alfabetizandos recortam dos jornais e revistas, figuras que tenham desenho de vários produtos utilizados no seu dia a dia. Identificam o que se pode comprar a litro, metro, ou quilo.

3 - Incentivar aos alfabetizandos a fazerem medidas de vários objetos.

4 - Elaborar diversos exercícios envolvendo operações matemáticas e sistemas de medidas.

EXEMPLOS:

a) Janete foi a um local de compras para comprar 8 quilos de feijão, só que o dinheiro que ela tinha não dava para comprar isso. Então, Janete comprou somente três quilos de feijão. Quantos quilos de feijão ela deixou de comprar?

b) Nas compras que Dona Anita fez, tinha 4 pacotes de arroz. Em cada pacote destes havia 5 quilos. Quantos quilos de arroz Dona Anita comprou?

c) A distância da casa de João para o seu trabalho é de 600 metros. Quantos metros ele anda por dia de sua casa para o trabalho, sendo que ele almoça em casa?

5 - O coordenador pede aos alfabetizandos que tragam

material que contenha o símbolo de medida dos produtos. A partir daí, os próprios alfabetizandos trabalharão o uso desses símbolos em problemas.

6 - Os alfabetizandos fazem também medidas de figuras geométricas como triângulo, retângulo, quadrado, etc., ou seja questionando quanto mede cada lado.

MATERIAL:

Instrumentos que servem para medir, como relógio, metro, balança, litro, etc.

Diversos instrumentos que não servem para medir.

Recortes de jornais.

Pote de margarina ou manteiga, saquinhos de leite, pacotes vazios de arroz, feijão, fubá, etc.

V - SISTEMA MONETARIO

INTRODUÇÃO: O coordenador leva em conta que o alfabetizando já tem um conhecimento com operações envolvendo dinheiro. Este é apenas um momento de sistematizar esse conhecimento.

1 - O coordenador explica como surgiu a necessidade de troca e consequentemente do dinheiro, através de uma explicação que se baseia na história de algumas sociedades primitivas.

Os homens dessas sociedades viviam em comunidades sendo a agricultura o principal fonte de sobrevivência. O produtos que esses homens colhiam através da agricultura, serviam para alimentar os indivíduos dessas comunidades. Havia muitos casos de sobras de alimentos, e eles não sabiam o que fazer desperdiçando-as.

Com o decorrer dos tempos, tais comunidades passaram a conhecer outras comunidades próximas e a partir daí nasceu o intercâmbio dos produtos entre esses grupos. O intercâmbio desses produtos é o que se convencionou chamar de **trocas** e, a partir desta, é que os homens passaram a atribuir determinados valores ao que produziam. A esses valores deu-se o nome de **preços**.

Com evolução ao sistema de troca, é que surgiu a necessidade de se fazer algo que tivesse um valor único e que servisse de referência para qualquer troca efetuada. Foi a partir daí que surgiu a **moeda** e, consequentemente, o sistema monetário. (referência bibliográfica: OS NUMEROS - Georges Ifrah. Ed. Globo, página 71.)

OBSERVAÇÃO: As primeiras moedas eram de diversas formas. Em alguns lugares eram pérolas, em outros ouro e, havia lugares em que os trabalhadores recebiam pelo seu trabalho era **sal**, daí a palavra salário.

2 - Pedir ao grupo que pesquise o símbolo da moeda vigente no país. Exemplo **Cruzeiro** - CR\$ - Questionar porque se usa o "\$" (é uma linguagem universal). E porque se usa o "Cr".

3 - Relacionar o sistema monetário com os preços de

determinados produtos, através de exercícios.

EXEMPLOS:

- a) Escreva o preço do leite.
- b) Escreva quanto custa 2 litros de leite.
- c) Escreva por extenso o valor das quantias abaixo:
Cr\$ 450,35
Cr\$ 8000,00

Observações: Para um melhor entendimento, o alfabetizando manipula cédulas de determinada quantia de dinheiro, e escreve o seu valor correspondente, de forma a facilitar também no preenchimento de cheques.

3 - Elaborar exercícios pedindo aos alfabetizandos que recortem dos jornais e revistas alguns produtos que se pode comprar com determinada quantia de dinheiro.

4 - Fazer cálculos com o salário dos alfabetizandos.

5 - Verificar os gastos que um determinado alfabetizando tem por mês e diminuir-lo com o salário mínimo, ou o salário que ele ganha. Ver qual o salário necessário para atender as necessidades do trabalhador.

6 - Fazer cálculos com contas de luz, água, etc.

7 - Relacionar as horas de trabalho do trabalhador, com o que ele ganha nessas horas de trabalho, questionando quanto ele ganha por hora e quanto ele produz também por hora.

8 - Preenchimento de cheques de depósitos bancários, por parte dos alfabetizandos.

MATERIAIS

Cédulas de dinheiro; pesquisa de preços dos produtos; recortes de jornais e revistas.

Contra-cheques, envelopes de pagamento, etc.

Contas de água, luz, etc.

Cópias de cheques, depósitos bancários, etc.